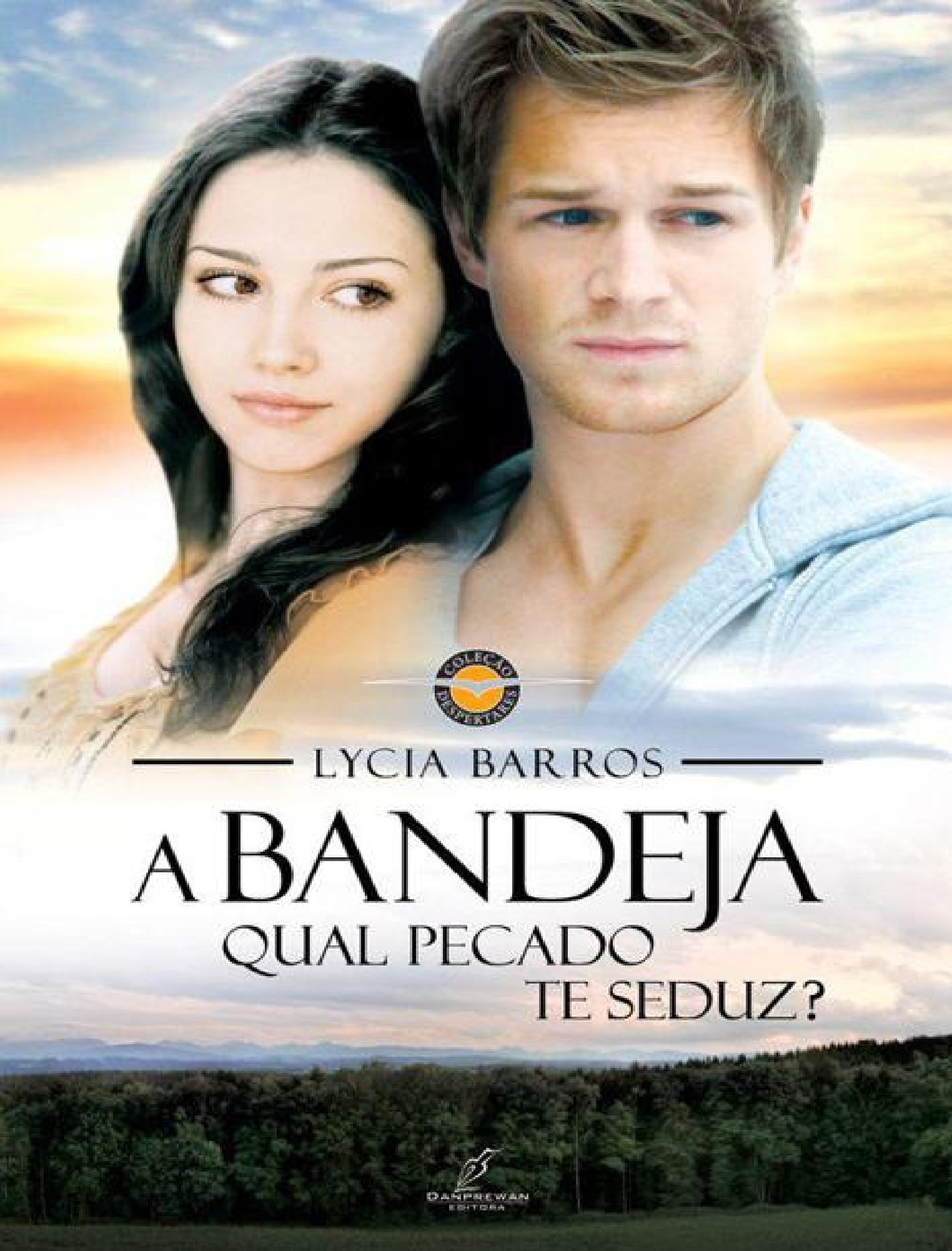


LYCIA BARROS

A BANDEJA

QUAL PECADO TE SEDUZ?

DANPREWAN
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A BANDEJA

Qual pecado te seduz?

Lycia Barros

AGRADECIMENTOS

Que bom que a vida é relacionamento! Se não fosse assim, muitos sonhos não sairiam do papel. A cada dia tenho mais certeza de que devo investir mais e mais em amigos verdadeiros e fazer de pessoas próximas grandes amigos também. É enorme a lista de agradecimentos que tenho a fazer. Mas, para tornar viável o meu desejo, infelizmente teria que escrever um livro só para isso. Sendo assim, peço que todos aqueles que sabem ter feito parte desse projeto e que por

alguma razão não foram citados, sintam-se prestigiados da mesma forma.

Em primeiro lugar, obviamente, quero agradecer a Deus por compartilhar comigo palavras que saíram do seu coração. Sei que Ele é autor deste livro tanto quanto eu, ou mais. Valeu, paizão! Agradeço ao melhor marido que uma pessoa poderia ter, não teria conseguido sem a sua paciência e apoio o tempo todo. Hugo, te amo. Agradeço aos meus filhos, Renan e Lorena, que mesmo sem saber abdicaram da minha atenção e cuidados enquanto eu estava imersa no mundo de Angelina. Este livro é para vocês. Agradeço aos meus pais, Gilda e Jorge, incentivadores que sempre acreditaram em mim, motivando-me a alcançar os lugares onde o céu *não é* o limite. Não tenho palavras para a minha maior leitora e incentivadora: Ingrid. Você foi peça fundamental para o surgimento deste livro, obrigada por seu apoio integral. Agradeço às minhas amigas e irmãs em fé, que todo o tempo cobriram este projeto em oração. Tatiana, Letícia, Simone, Luciana e Mônica — que Deus as abençoe em dobro!

Agradeço à "filha de faraó", Janaína, que recebeu meu livro do outro lado do lago com tanto amor e carinho, me ajudando a realizar esse sonho. Agradeço a João Marins e Daniele Arcanjo, que compraram essa ideia fazendo *nosso* esse sonho. Vamos à luta, moçada! Obrigada também aos meus líderes e pastores da Sara Nossa Terra. Se eu aprendi o caminho, foi através do seu apoio e ensinamento. E obrigada também àqueles que, tornando a minha jornada mais difícil, me obrigaram a crescer e a chegar até aqui. Deus é sábio em todos os seus planos.

Gostaria também de homenagear a Irmã Kátia, profeta do Senhor, que há cinco anos me entregou a profecia desta obra, quando eu nem imaginava escrever um dia.

E finalmente, este livro é dedicado a todos os jovens que pretendem de alguma forma influenciar esta geração e resgatar valores eternos, que provêm do coração de Deus. Contando esta história, espero poupá-los de grandes sofrimentos. Se este livro está em suas mãos agora, Deus quer falar com você. Simplesmente, ouça.

Durantes muitos anos imaginei qual seria a minha primeira empreitada profissional e acreditava que seria um conto policial ou uma história de suspense. Apesar de ser mulher, nunca

pensei que seria uma história romântica, se é que podemos denominá-la assim. Na verdade, o impulso de escrever testemunhando esses fatos se deve ao meu ardente desejo de que seja a minha primícia para o meu melhor Amigo. Espero que muitas vidas sejam transformadas por essa experiência com Deus. A minha foi.

A autora

SUMÁRIO

Capítulo I – A partida.....

Capítulo II – Pisando em ovos.....

Capítulo III – Primeiro sonho.....

Capítulo IV – O céu.....

Capítulo V – A colheita.....

Capítulo VI – Revelação.....

Capítulo VII – Segunda queda.....

Capítulo VIII – Inverno da vida.....

Capítulo IX – Grandes surpresas.....

Capítulo X – Evento inusitado.....

Capítulo XI – O esperado.....

Capítulo XII — Duas opções.....

CAPÍTULO I
A PARTIDA

Não conseguia imaginar como seria minha vida longe dos meus pais. Como filha única, por muitos anos cresci recebendo todos os tipos de cuidados e mimos que se possa imaginar. Isso foi bom e ruim ao mesmo tempo. Nunca tinha lavado minha própria roupa e agora estava indo morar sozinha por quatro anos, ou talvez para o resto da vida.

Havia três anos que meu irmão temporão nascera. Desde então, meus pais se esforçaram ainda mais para me agradar. Eu entendia que os cuidados com Vitor demandavam muita atenção, mas mesmo assim a situação acabou virando a meu favor.

Tudo havia passado tão rápido e sob muitas perspectivas a sensação de entrar no mundo adulto era doce. Imaginei que essa sensação viria automaticamente quando eu completasse 18 anos, mas estava vindo agora, com todas aquelas mudanças.

Decerto, havia uma certa nostalgia pelas coisas que eu iria deixar para trás. Enquanto arrumava minha mala, olhei bem para as fotos anexadas em minha cortiça: a última viagem ao Chile, de férias com meus pais; meu aniversário de 15 anos e eu deitada nos braços dos meus primos — fiquei horrível e com o lindo penteado todo desgrenhado. Meu cabelo é castanho escuro e muito liso, desde pequena era difícil prender qualquer coisa nele. Havia uma foto

especial, que eu sempre guardava com carinho: eu e minha mãe fazendo castelinho de areia na praia de Bertioga. Era incrível como desde menina nós já éramos tão parecidas! Sempre amei nossos olhos cor de mel, tão diferentes das cores habituais. Ser parecida com ela é um elogio para mim.

Vi também outra foto: eu e minha melhor amiga Natasha no pedalinho, em frente ao hotel Quitandinha. Natasha tem um irmão gêmeo: Dante, uma figura doce e engraçada. Ele tem cabelos lisos e negros e sempre deixa uma franja caída por cima dos olhos azuis. Apesar de Dante ter a mesma idade que eu e Natasha, sempre foi bem mais alto que nós e devido ao súbito crescimento da adolescência, ficou magrelo e desengonçado, ao contrário de sua irmã, que era mais baixinha e magrinha como eu. Nas fotos que eu tinha, ambos estavam de aparelho. Aliás, o aparelho nos dentes era a única coisa que tinham em comum fisicamente. Natasha tem cabelo cacheado, olhos castanhos e morre de inveja dos adereços do irmão.

Essa amiga-irmã entrou na minha vida muito cedo, nossa amizade era inabalável desde os oito anos, seu sorriso metálico me tirava de qualquer baixo astral. Às vezes, eu achava que ela tinha o dom especial de alegrar ambientes.

Dante e Natasha são filhos do pastor da nossa igreja e talvez por isso tenham sido incentivados desde pequenos a confortar as pessoas ou... Sei lá, trazer esperança, essa era uma característica que compartilhavam. Apesar disso, nenhum dos dois se mostrava interessado em herdar do pai o cargo de pastor. Dante era meio *polêmico* no seu modo de pensar e irreverente demais para o gosto do pai. Porém, eu sempre achei que ele conhecia Deus mais do que todos nós, pela intimidade que demonstrava ter com Ele. Sua fé parecia mais real do que a nossa. Dante tocava violão desde pequeno, e era o único dom que desejava possuir.

Já Natasha acreditava que seu ministério era seguir em missões viajando pelo mundo. Vivia atenta às tragédias sociais e sempre inventava alguma forma de ajudar, mobilizando todos à sua volta. Por esta razão, ela não prestou vestibular comigo naquele ano, achou melhor passar um tempo fora do país para descobrir realmente qual era o seu propósito.

De qualquer modo, tudo isso seria deixado para trás por um bom tempo. Afinal, eu precisava seguir o meu caminho.

Minha mala estava quase pronta quando minha mãe entrou no quarto. Sim, eu sabia que ela estava sofrendo tanto quanto eu com aquela despedida. Mas minha mãe é uma pessoa que parece que nasceu para me ver feliz, e tentou me manter otimista durante toda a última semana em casa.

— Já está com tudo pronto, querida?

Como se ela mesmo não tivesse cuidado de cada detalhe...

— Acho que sim, só falta pegar a minha Bíblia na gaveta.

— Angelina, estou tão feliz com a sua conquista! Você sempre sonhou estudar Literatura e Deus te deu mais essa vitória. Pena que tenha que ir para o Rio de Janeiro. Bem, mas você está indo para uma das melhores faculdades do Brasil e sei que, quando voltar, será uma grande profissional.

Na verdade, não estava nos meus planos voltar para trabalhar na minha cidade. Afinal, em Petrópolis, com a média de 300 mil habitantes, imaginava que as oportunidades seriam reduzidas. Porém, eu sabia que não era o momento de abordar aquele assunto, não queria gerar mais uma crise na minha mãe.

Pegamos as coisas e resolvi levar minhas fotos para tornar o quarto na república um pouco mais familiar. Estava ansiosa, mas ao mesmo tempo nervosa. Claro que eu já tinha ido ao Rio de Janeiro, mas nunca nos prolongamos por lá pois meu pai não podia ficar longe do trabalho por muito tempo. Na verdade, ele achava que uma cidade mais calma e perto da natureza seria

ideal para criar os filhos. Por isso, nunca quis sair da região serrana do Rio, tinha alergia ao tumulto da cidade grande. Sendo assim, minha vida inteira girou em torno de uma cidade pacata e familiar, bem diferente da turbulência de uma grande metrópole.

As notícias de violência não me assombravam tanto, pois não pretendia sair muito da república. Imaginava que teria que ler muito para acompanhar o curso. O que *realmente* me deixava desconfortável era ir para um lugar com tanta gente, onde eu não conhecia absolutamente ninguém.

Uma amiga da minha mãe tinha uma filha que estudava e residia na mesma universidade para onde eu estava indo. Por intermédio dela, consegui uma vaga em um quarto da república. Quando éramos crianças, na igreja havíamos frequentado a mesma escolinha dominical, mas a família dela sumia e aparecia com tanta frequência que não formamos laços. Para mim, ela era uma estranha.

Quando desci a escada, lá estava ele: meu ansioso e desesperado pai, o senhor Frederico Hermann. Ele já tinha feito todo tipo de cerimônia para comemorar o meu ingresso na faculdade. Fez um churrasco e convidou todo mundo que ele conhecia; levou-me no altar da igreja para que o pastor fizesse com que todos os membros orassem por mim e abençoassem minha partida; criou uma página nesses sites de relacionamentos só para achar amigos antigos e divulgar a grande notícia.

Meu pai era comerciante, não teve muita opção sobre o que queria ser. Seu pai praticamente exigiu que ele se apoderasse dos negócios. Ele herdou uma grande fábrica de agasalhos, que meu avô levantou do nada. Acho incrível como, injustamente ao longo dos anos, as pessoas que não querem parecer com os pais ficam cada vez mais semelhantes a eles. Isso também aconteceu ao meu pai, física e emocionalmente. Querendo ou não, ele tinha tino para os negócios. Fisicamente estava ficando idêntico ao pai dele: ambos altos, carecas, gordinhos e de olhos verdes.

Morávamos num excelente bairro chamado Valparaíso, numa casa de dois andares ampla e confortável. A empresa da família fornecia produtos para lojas de todo o Brasil. Porém, apesar de ser bem sucedido, o sonho do meu pai estava se realizando em mim: agora, ele queria ter feito faculdade.

Fui livre para decidir o que fazer. A decisão foi exclusivamente minha, apesar de eu reconhecer uma certa influência da minha mãe, que era pedagoga. Não que ela tivesse me incentivado a fazer essa escolha, mas lendo pra mim desde pequena tornou—me uma apaixonada por livros. No mais, nunca tive talentos comerciais e apesar de não achar má ideia ser dona de uma livraria, na verdade eu queria ser escritora. Estava pronta para esse desafio, mesmo que fosse doloroso partir.

— Está pronta? — perguntou ele, mordendo o lábio inferior numa tentativa de não desmoronar.

— Sim, vamos logo pai. Não quero que você volte tarde.

Ele passou a mão pelo meu ombro, me apertando forte. Achei que não fosse me soltar.

Passamos pela porta e vi que todas as tralhas já tinham sido colocadas na mala. Minha mãe repetia as mil recomendações que já tinha me dado. Eu insisti para que ela ficasse tranquila, dizendo que eu havia sido muito bem criada por uma família cristã, que me passou fidedignamente seus valores durante os últimos 18 anos.

— Coma direito, nada de lanches o dia todo e não se esqueça de orar sempre: à noite, ao acordar, antes de fazer as provas...

— Dona Silvia, acalme-se! Deus estará comigo, tenho certeza de que Ele já ouviu suas ininterruptas orações nessa última semana.

Afaguei-a carinhosamente e dei-lhe um abraço rápido, senão quem iria chorar era eu. Beijei e abracei o Vitor, aí sim uma lágrima escapou. Então, partimos.

Começamos a viagem em silêncio nos primeiros dez minutos, mas logo meu pai começou a reclamar: do preço do pedágio, do tempo de viagem prejudicado pelo asfalto ruim, da preocupação de voltar muito tarde para casa, da violência nas estradas, dos bandidos, das placas pichadas e amassadas pelo caminho, dos malfeitores da cidade vizinha e eis que finalmente chegou ao cerne do seu objetivo: os *malfeitores* da faculdade.

Falou longamente sobre os filhinhos de papai que vão para a universidade somente para se divertir e *fazer ma*l às mocinhas inocentes do interior. Antes que o assunto se prorrogasse demais, interrompi:

— Pai, não estou interessada em namoros e farras, agora estou focada em outros alvos. Quero dar o meu melhor na faculdade, acompanhar o curso, fazer pesquisas sobre a profissão, ler muito, e no pouco tempo que me sobrar ligarei sempre para vocês. Além do mais, eu vou fazer o curso de Letras e já soube que a maioria da classe é feminina ou gay, não se preocupe.

— Não é bem assim, acredite. Além do mais, no campus há faculdades de diversos cursos e, com certeza, muitos rapazes por lá também. Você não tem muita experiência e me sinto na obrigação...

—Pai! — interrompi de novo. — Você teve quase duas décadas para me cobrir de toda informação necessária, fez questão de me inscrever em todos os seminários de jovens que acontecia na cidade. Você fez um bom trabalho, confie em mim.

— Certo. Está bem, mas... me prometa uma coisa.

— Diga — consenti.

— Sempre que estiver em dúvida se deveria ou não estar em algum lugar, peça ao Espírito Santo a sua presença naquele instante. Se não puder senti-lO, ali não é lugar para você estar. Vai se lembrar disso?

— Prometo, pai — falei, levantando dedinhos de escoteiro.

A viagem seguiu sem muitas novas recomendações. Começamos a conjecturar sobre como seria o campus, os professores, em quanto tempo eu estaria estagiando. Foi bem mais agradável.

Quando enfim chegamos, não era muito tarde. O trânsito estava bom, já que era domingo. As aulas começariam no dia seguinte. Eu ansiava por arrumar minhas coisas no quarto e preparar tudo para o início da minha vida acadêmica e não via a hora de começar.

Entramos pelo portão grande e verde da república e deparamos com uma pequena saleta. Ali havia uma mesa de ping-pong e uma TV ligada. Quando entramos, vimos um garoto assistindo filme, sentado no sofá. Ele nos olhou com curiosidade, em seguida nos informou que os quartos eram no segundo andar. Notei que a saleta era integrada com outra ainda menor, onde havia dois computadores e uma pessoa usando a internet. Adorei esse adendo.

Subimos um lance de escada e meu pai levou minhas coisas até a porta do meu novo aposento. Como era um quarto de meninas, achei melhor não convidá-lo para entrar, poderia pegar alguém desprevenido. O corredor estava vazio e devia haver, no máximo, uns dez quartos.

Repentinamente uma das portas se abriu e por ela passou um garoto de toalha amarrada na cintura, escovando os dentes. Ele nos cumprimentou levantando a sobrancelha na maior informalidade e entrou no quarto da frente, onde dois ou mais garotos falavam alto e davam risadas. Meu pai vislumbrou aquela cena com uma reprovação nítida no olhar, me abraçou numa despedida silenciosa e se foi rapidamente, evitando que o desespero tomasse conta dele e o fizesse me levar imediatamente de volta para casa.

Abri a porta com a chave que haviam me enviado e entrei no pequeno cômodo. A parede era verde clara e havia uma janela de alumínio. O quarto era composto por um armário de madeira antigo, duas camas também de madeira e muitos ursinhos de pelúcia. Roupas e meias estavam jogadas em uma cadeira, havia papéis com frases de automotivação colados na parede, que pareciam ter sido retirados de alguma revista feminina. Perto do armário avistei uma pequena pia com alguns itens para comestíveis: um fogão de acampamento de duas bocas sobre uma prateleira e um frigobar abaixo dela.

Quando examinei as camas, em uma delas estava um edredom fazendo um morro, e na outra só um colchão, que imaginei ser a minha. Assustei-me quando ouvi o som de alguém se espreguiçando e, ao mesmo tempo, vi um movimento no edredom da cama ao lado. Debaixo dele apareceu o rosto de uma menina pequena, que quase podia-se confundir com uma criança, mas sem roupas de criança. Seu cabelo era castanho claro, meio ondulado, e em seu rosto havia vários borrões de rímel em volta de seus pequenos olhos verdes. Ela me olhou, esfregou o rosto borrando-o ainda mais, e fez contato entre um bocejo e outro.

— Oi, você deve ser Angelina. Eu sou Michele, filha da Ana, amiga da sua mãe. Bem vinda à faculdade, gata. Sua cama é aquela.

— Já percebi. Bem... *boa tarde* Michele — disse, sorrindo, para ela perceber o horário. — Obrigada pela vaga que você me cedeu, soube que é difícil por aqui. — Valorizei, tentando estabelecer uma boa primeira impressão. Afinal, era com essa pessoa que eu acordaria e dormiria nos próximos meses. Sempre tive um quarto só para mim, e essa parte da minha nova vida, dividir um quarto, não me animava.

— Nem tanto... — desmereceu ela. — Nem todo mundo se acostuma com as baratas e com o barulho. Acabam sobrando muitas vagas no meio do semestre.

Barulho ok, mas... baratas? Já comecei a ficar em estado de alerta. Eu *abominava* baratas.

Comecei a arrumar minhas roupas enquanto Michele me dava algumas dicas: onde ficavam os banheiros, os melhores horários para o banho... Enquanto isso, eu examinava cada centímetro onde colocava minhas coisas, já pensando em ir ao mercado mais próximo para comprar todas as armadilhas, remédios e inseticidas que eu achasse disponíveis. Infelizmente, me lembrei que já eram 5 horas da tarde de domingo e todos os mercados já deviam estar fechados.

Terminei de arrumar tudo, troquei de roupa e arrumei o novo material na minha bolsa. Enquanto prendia meu cabelo, Michele terminou de fazer café e me deu uma xícara, enquanto acendia um indesejável cigarro. Achei péssima a ideia de morar com alguém que fumasse, já que eu tinha rinite alérgica. Mas, como ainda não era o meio do semestre e não existiam outros quartos vagos, achei melhor ser simpática com a minha colega e não reclamar, pelo menos nesses primeiros dias.

Michele trocou de roupa, lavou o rosto e disse que ia descer para ver os calouros chegando. Perguntou se eu queria ir, mas eu respondi que estava cansada e que iria dormir cedo. Assim que ela saiu me deitei por alguns segundos para assimilar a minha nova realidade. Peguei o celular para ligar para Natasha, mas ela não atendeu pois devia estar na igreja. Ela fazia parte do louvor e Dante tocava aos domingos. Como eu também não podia estar lá, peguei minha Bíblia e abri aleatoriamente. Caiu em I Coríntios 10:12.

"Aquele, pois, que cuida de estar em pé, olhe para que não caia."

Achei que meu pai tinha, propositalmente, marcado essa página da Bíblia. Então, abri outra vez. Caiu em I Timóteo 3:7.

"Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo."

Achei que meu pai tinha marcado essa também. *Será que peguei a Bíblia dele?* Bem, com certeza, a dele não tinha a capa rosa.

Orei para que nenhuma barata subisse no meu colchão durante a noite e depois de alguns *check ups"* embaixo da cama, apaguei.

CAPÍTULO II
PISANDO EM OVOS

Acordei super animada, ao contrário do que minha mãe *jamais* imaginaria depois de anos e anos me empurrando cama abaixo para ir à escola. Mas agora eu era independente e tinha que ser responsável, queria provar para mim mesma que já sabia me cuidar. Fiquei surpresa ao ver que Michele já se fora. Ela não me pareceu o tipo de menina pontual e disciplinada, mas a gente pode se enganar. Estranhei o fato da cama dela estar exatamente igual à noite anterior, mas gostei de saber que ela havia saído sem fazer barulho. Iríamos nos dar bem assim.

Troquei de roupa, penteei o cabelo e resolvi tomar café na cantina para desenvolver minha performance social. Ao me dirigir até a porta para sair, a mesma se abriu de repente, quase batendo no meu rosto e tive que dar um pulo para trás para me salvar. Era Michele, que entrou correndo e pedindo desculpas, dizendo que iria se atrasar. Pegou a mochila, lavou o rosto, trocou de roupa e foi catando as coisas, afobada, perguntando se o telefone dela tocara à noite enquanto ela *dormia fora*.

Dormiu fora? Aonde?

A faculdade era super isolada e os parentes dela também residiam em Petrópolis. Antes que eu perguntasse alguma coisa, a porta se abriu novamente e entrou outra menina. Era mais alta do que eu, cabelos lisos, loiros e médios, com uma mecha azul que saía do topo da cabeça e caía até as pontas. Vestia roupas escuras e coladas, que destacavam bem sua silhueta. Ela nem percebeu minha presença e se dirigiu à Michele, rindo e gritando:

— Sua malvada, nunca deixa os melhores pra mim!

Notei pelo sotaque que ela era do sul. Ao me notar, não se entreteve muito tempo. Limitou-se a exprimir um esnobe "oi" e voltou sua atenção novamente para Michele. Percebi que educação não era o seu forte, mas não me incomodei com a pouca atenção que me fora dispensada. Enquanto as duas riam e fofocavam, eu saí. Ainda teria que tomar o café da manhã e achar a minha sala.

O corredor da república agora estava lotado, as pessoas se abraçando e rindo, meninos batendo na cabeça uns dos outros... Eu conseguia nitidamente destacar os calouros assustados, tentando caminhar imperceptíveis, longe dos veteranos. Essa também era eu, desejando ser invisível — apesar de sentir os olhares maliciosos me analisando como se eu fosse uma mercadoria a ser adquirida. *Que patético*, pensei.

Peguei um café expresso na cantina e saí apressada, me sentindo uma executiva atrasadíssima. Logo achei a minha sala. Quando entrei, havia poucas pessoas, o professor não estava e dei graças a Deus. Coloquei minhas coisas na mesa e joguei fora o copinho do café, depois de beber. Fiquei olhando o movimento no corredor imaginando se conseguiria prestar

atenção com tanto barulho ao redor. Eu estava ansiosa para me tornar uma estudante em uma das faculdades mais respeitadas do Brasil. Tantas perguntas a fazer...

Olhei para a sala para registrar cada momento do meu primeiro e glorioso dia. Talvez eu ainda viesse a narrar isso em uma das minhas entrevistas como futura reconhecida escritora.

Os minutos foram se passando e cada vez mais alunos chegavam atrasados. Algum tempo depois minha ansiedade foi se transformando impaciência. Em seguida, em intolerância. Até que, quando avisaram que o professor não poderia dar aula naquele dia, me senti invadida por uma grande decepção. *Como? Já no primeiro dia? Que descaso!*

Os alunos que já jogavam sueca no fundo da sala saíram satisfeitíssimos e só tiveram o trabalho de transferir o jogo para as mesas do refeitório. Frustrada, me encaminhei para sala onde seria a segunda aula e resolvi "matar o tempo" lendo minha Bíblia de bolso.

Meus olhos liam, mas minha cabeça estava longe. Pensava no infeliz do professor que faltara, postergando minha esperada estreia como universitária. Olhava a cada cinco minutos para o relógio para ver se a próxima aula estava prestes a começar. Após meia hora lendo *não tenho a menor ideia do quê*, os alunos começaram a entrar. Escondi minha Bíblia, pois não queria ser rotulada de "crentona" logo no primeiro dia. Queria que as pessoas me conhecessem como eu sou, para depois saberem qual é a minha religião. Já tinha sofrido muitos distanciamentos prematuros por causa desse preconceito religioso, mas eu não me via nem um pouco diferente das meninas da minha idade, apesar de ter sido criada dentro de uma igreja. Às vezes, isso preocupava minha mãe, mas eu não queria me tornar a "rainha da pureza e do autocontrole"! Eu me esforçava muito para agradar meus pais, para ser a menininha perfeita, mas às vezes eu só queria... ser livre para cometer alguns erros, só para variar. Não que eu não os cometesse diariamente, mas sabia bem como mantê-los em segredo.

A primeira aula não foi nada impressionante, todos se apresentavam igualzinho no segundo grau. Falamos um pouco sobre o leque de opções em relação a nossa carreira, o que não foi nada animador vindo daquela professora. Ela fez *questão* de ressaltar todas as dificuldades do ramo e dizer que, pelas estatísticas, somente dez por cento dos alunos chegariam ao final do curso. Acabamos a aula mais cedo e fomos dispensados.

Estava me encaminhando para a terceira aula, ainda meio confusa com tantas salas, quando finalmente encontrei um banheiro. Entrei, e vi que o seu estado era lastimável. Comecei a me questionar. *Para onde vão nossos impostos?*" Percebi que papel higiênico deveria ser artigo de luxo ali e que, a partir daquele dia, deveria trazer um na bolsa. Havia uma pequena janela, por onde dava para ver uma floresta ao lado do campus e um movimento de meninas num banco lá fora chamou minha atenção. Para minha surpresa, reconheci Michele no meio delas. Era *óbvio* que estavam matando aula. Estavam rindo, tagarelando e fumando, mas não me parecia ser um cigarro comum. Começaram a passar o objeto fumegante umas para as outras e, pelo pouco que conhecia do assunto, deduzi que se tratava de um baseado.

Só pode ser provação!, pensei. Iria passar os próximos quatro anos num lugar sujo, com professores descomprometidos, sem papel higiênico e morando com uma viciada? Um ano inteiro de dedicação ao pré-vestibular para isso? Eu estava seguindo rumo ao completo desencanto com essas perspectivas.

E se meus pais viessem me visitar enquanto ela estivesse fumando aquela *erva de Satã* no nosso quarto? E se a diretoria do alojamento descobrisse e pensasse que eu também estava nessa? E se eu fosse presa por porte de drogas?

Minha cabeça estava a mil, e eu sabia que teria que me adaptar a muitas realidades imprevistas e indesejáveis. Procurava ter esperança de que viriam dias melhores quando saí do

banheiro, irritada, marchando e olhando para o chão. Por causa disso, trombei abruptamente com alguém, deixando meu fichário, meus horários e meu celular se espatifarem no chão, espalhando-se em vários ângulos diferentes. Desanimada, suspirei, preparando-me para pedir desculpas após já ter visto um par de sapatos masculinos no piso diante de mim. Mas, não foi possível...

Ao erguer os olhos, me deparei com o ser humano indiscutivelmente mais bonito e mais maravilhoso que já tinha visto naquela faculdade. Na verdade, na minha cidade também. Fazendo-lhe totalmente justiça: era o homem mais bonito que eu já vira em toda a minha vida. Fiquei arrebatada por alguns segundos com aquela desconcertante visão e me confortei em saber que ali havia pelo menos uma coisa boa de se ver. Afinal, depois de tanto desagrado, aquela visão era remédio para a minha alma.

Tratava-se de um rapaz. Ou homem, que devia ter entre 20 e 30 anos, no máximo. Sua pele branca estava levemente bronzeada, seu cabelo era loiro escuro e meio desalinhado em torno do rosto. Seus olhos tinham nuances infantis e sedutoras ao mesmo tempo. Não pude deixar de notar as ruguinhas leves que surgiam nos cantos de seus olhos quando ele sorria e que lhe atribuíam um charme viril, todo especial. Seu maxilar era quadrado e emolduravam um sorriso caloroso e perfeito, aberto para mim. Ele era um pouco mais alto do que eu, o que me fazia erguer a cabeça para apreciá-lo. O céu deveria ser mais ou menos assim...

— Quanta pressa? Está tudo bem? — indagou a voz que, com certeza, pelo tom e firmeza estava mais perto dos 30. Percebi também que não parecia, em nada, uma voz tipo gay.

Minha inacreditável resposta foi:

— Ahn?

Ele uniu as sobrancelhas, sorrindo, e repetiu a pergunta movendo os lábios pausadamente como se eu fosse uma estrangeira:

— Você-está-bem?

Saí do meu "momento mula" e me abaixei depressa, embaraçada para pegar minhas coisas enquanto ele ajudava. Disparei a tagarelar, olhando para o chão.

— Sim, sim, só estou meio... perdida. Meu nome é Angelina Hermann e hoje é meu primeiro dia. Estava procurando a sala enquanto passava pelo banheiro. Aí entrei e... — contive o ímpeto de narrar o resto da deprimente história, dizendo a ele que não consegui fazer minhas necessidades porque não tinha papel e ainda descobri que minha abençoada colega de quarto gostava de dar um *tapinha* de vez em quando.

— Qual sala está procurando? — perguntou ele se levantando.

— 23 A — respondi.

— Vem comigo, estou indo pra lá, é depois do laboratório.

Ele foi andando com meu fichário e meu horário na mão. Resolvi não pegar de volta para garantir a companhia até a sala de aula. Para tirar a má impressão depois do meu "Ahn" idiota como primeiro contato, resolvi puxar assunto.

— Não acredito que os professores daqui sejam tão descomprometidos. No primeiro dia de aula um professor não veio, a segunda nos liberou 30 minutos mais cedo — ele riu. — Cheguei com tanta empolgação, mas já vi que terei motivo para me juntar àqueles que falam mal de funcionários públicos. — Disse isso para parecer séria e politizada e não uma caloura perdida do interior. — Isso é um desrespeito com nossos impostos, que pagam os seus salários.

— É só seu primeiro dia, realmente alguns são assim, mas não são todos...

— Bem, vamos ver o que me espera agora, tomara que não seja mais um idiota que queira que todo mundo se apresente de novo. Detesto isso: resumir sua vida e quem você é em nome, idade e endereço... Enfim, vamos ver... — disse revirando os olhos, fazendo charminho.

Chegamos à sala e como o meu pequeno incidente tinha me atrasado, para minha surpresa todos já estavam sentados, aguardando. O desconhecido maravilhoso que me acompanhou me entregou o fichário na porta da sala e eu o peguei, tristonha. Não queria ter que me despedir tão rápido, nem havia perguntado seu nome, de onde era, onde estudava... Teria de aguardar cinquenta minutos para, com sorte, trombar com ele de novo pelos corredores da faculdade. Pensei em fazer mais uma horinha no corredor, já que o professor ainda não havia chegado. Assim, examinaria em que sala ele iria entrar, mas achei que iria dar muita bandeira. Resumi minha despedida num informal "valeu" e entrei na sala sem olhar para trás. Comecei a constatar como eu era tola por não saber prorrogar uma conversa informal. Como seria escritora com aquela imaginação tacanha?

E se ele não me reconhecer mais depois desse momento? E se não me cumprimentar daqui pra frente? E se nunca mais tivermos um assunto em comum? Ele provavelmente era de um período bem acima do meu, deveria estar quase se formando. Logo presumi que não andaria com uma caloura. *Droga! Por que perdi tempo falando mal desses malditos professores?* Na melhor das possibilidades, eu receberia dele um desinteressado "oi", em um possível encontro aleatório pelo campus.

Sentei na última cadeira vaga da sala, arrumei meu material na mesa e quando tomei ciência da situação à minha frente, fiquei branca! Lá estava ele: na mesa do professor. *Mas o quê? Como? Não é possível!*

Minha cabeça começou a dar um nó. Inegavelmente, eu sempre fui propensa a escolher mal os assuntos para iniciar uma conversa, mas dessa vez tinha me superado. *Já sei, é trote!* Pensei, tentando me confortar. *Ele deve ser o representante do último período que veio armar uma pra gente*. Torci para que isso fosse verdade, pois depois do meu sofrível discurso político-idiota sobre professores, sendo ele também professor, com certeza eu já estaria sumariamente reprovada nessa matéria. Minha suspeita desesperadora se confirmou depois da sua apresentação formal como mestre.

— Olá turma, meu nome é Alderico Schmitz e sou o professor de Linguística 1.

Não sabia onde enfiar a minha cara, minha tensão ficou óbvia através dos meus olhos alarmados. Após os primeiros minutos exibindo "cara de paisagem", me recuperei parcialmente e resolvi prestar atenção em cada palavra, com uma expressão incrivelmente interessada. Evitei olhar nos olhos dele cada vez que ele virava na minha direção. De fato, fiquei impressionada com sua eloquência e carisma, ele prendia facilmente a atenção de todos, especialmente das mulheres, que eram maioria na turma.

Ao término da aula, após anotar algumas indicações bibliográficas, fiquei em dúvida se:

1 — Saía disfarçadamente;

2 — Dizia: "Tchau, até a próxima, me desculpe";

3— Simplesmente saía sem dizer nada.

Num estalo criativo tive a brilhante ideia de sair fingindo que estava falando no celular. Assim, não precisaria me despedir. Enquanto eu atravessava o corredor de cadeiras, observei que ele me acompanhava com os olhos, rindo e ainda sentado na mesa dos professores. Estava cercado por três entusiasmadas alunas. Ele gesticulou com as mãos, fazendo sinal para eu me aproximar. *Pra que eu fui olhar?* Caminhei na direção dele, ainda conversando com minha amiga imaginária, enquanto suas mais novas fãs se despediam. Após fazerem milhões de perguntas desnecessárias, elas finalmente deram sinal de que iriam embora. Cheguei perto e ele se levantou sorrindo, provavelmente divertindo-se com a minha gafe. Enquanto despedia-se delas, ele segurou de leve o meu ombro, como se estivesse me impedindo de fugir. Fiquei meio

desorientada com a sua proximidade, observando os torneados músculos do seu braço — não músculos de um halterofilista bombado, porém firmes e *bem* presentes.

Enquanto eu fazia minha talentosa atuação ao telefone e as meninas já estavam nos deixando, o imprevisível aconteceu: meu celular idiota tocou de verdade, quer dizer *gritou* bem na minha orelha. Arfante, olhei para o visor: era minha mãe, *hrrhrrhrr*... Atendi correndo o telefone:

— Ah, oi, caiu a ligação... — improvisei.

— O quê? — interpelou ela, sem entender.

— Daqui a pouco te ligo, beijo. — Atabalhoada, desliguei na cara dela.

Olhei para ele segura, como se nada tivesse acontecido. *Acho que vou fazer teatro.* Ficamos parados uns cinco segundos nos olhando num silêncio mortal.

— Será que essa aula desfez sua má impressão sobre a classe de mestres? — sondou ele rindo e voltando-se para a mesa para pegar um papel.

— Desculpe pelo que eu disse antes, só estava... chateada com os primeiros incidentes aqui. Também — defendi —, como iria imaginar que existia um professor tão... (*lindo*)... jovem como você por aqui?

— É o segundo ano em que dou aula neste curso, me formei aqui mesmo, em francês.

— Você explica como se fizesse isso há anos... Foi muito boa a sua aula — argumentei, tentando recuperar uma imagem simpática.

— Então, não perca a próxima. —Dito isso, ele estendeu a mão e me entregou o meu horário, que tinha ficado com ele. Queria acreditar que tinha sido de propósito. *Até parece*...

Agradeci e me despedi.

Quando cheguei no quarto, Michele já estava lá e pelo número de pacotes abertos e panelas sujas já tinha comido um bocado. Pensei tratar-se da famosa "larica"[1]. Ela me ofertou um macarrão que estava pronto na panela enquanto teclava no seu *laptop*.

— E aí? Como foi o seu primeiro dia? — indagou ela, com uma felicidade estranha no olhar.

— Legal — eu disse. — Só tive duas aulas.

— De quê?

— De apresentação de pessoas — brinquei — e Linguística 1.

— Com aquele gato do Rico! Ele é um ótimo colírio para se começar o dia... — arfou ela.

— É, a aula foi legalzinha. — desdenhei, tentando aparentar indiferença.

— Escuta Angelina, vai ter uma... *reuniãozinha* aqui em casa hoje à noite com as minhas amigas. Sabe como é, a gente não se vê há um mês, temos muito o que fofocar, devemos jogar cartas e tal... Você não se importa, não é?

— Bem, desde que elas não saiam muito tarde, amanhã temos aula bem cedo, certo?

— Pode ficar tranquila. — garantiu.

Que dia! Resolvi tomar um banho e comer alguma coisa. Preparei humildemente um misto quente de frigideira, que ficou meio queimado — o que me fez desejar ardentemente a comida da minha mãe.

Pela primeira vez no dia a saudade de casa bateu forte e resolvi ir até a pequena lan house que havia visto lá em baixo para enviar algumas mensagens para o meu pessoal.

Quase tive uma parada cardíaca ao descer as escadas e vê-lo sentado no sofá com dois outros garotos, vendo um jogo de futebol. Era ele mesmo: Alderico ou "Rico", como dissera Michele. Estava bem mais informal, com uma bermuda verde, uma camiseta branca e chinelos. Mesmo assim, um espetáculo!

Ao sair do transe pensei: *Droga!* Eu tinha descido com uma calça larga, uma blusa que ganhei num comício, chinelos e cabelo molhado penteado para trás. Parecia que estava em casa numa sessão de cinema com a minha mãe. Pensei em retornar rapidamente escada acima para me trocar, mas não me decidi em tempo suficiente. Ele me avistou e saudou:

— Angelina? Não sabia que você também morava aqui.

Uma onda de calor e satisfação subiu pelo meu corpo ao ouvir a palavra "também" ecoando na frase. Abri um sorriso dissimulado e caminhei em sua direção.

— Bem, cheguei essa semana, na verdade ontem.

— Está em que quarto?

— No terceiro à direita do segundo andar.

— Com a Michele? Coitadinha, vai precisar de um refúgio, naquele quarto é um entra e sai...

Balancei a cabeça concordando com um sorriso afetado.

— Onde estava indo?

— Internet — falei, apontando para a saleta ao lado.

— Fica no computador da direita, é mais rápido — ele sugeriu com aquele sorriso arrebatador e o braço estendido no sofá.

Agradeci a dica e fui andando, arrependida de não ter dito *vim ver televisão* e ficar mais tempo por ali, conversando com ele. Mas foi melhor assim. No final das contas, o que eu estava pensando? Ele era meu... professor e com certeza não era cristão nem nada. Não que eu me importasse com isso, mas meu pai...

E também era... mais velho, apesar disso também não me incomodar tanto. Continuei repetindo as inadequações dessa fantasia insana para mim mesma a fim de convencer-me desse impropério. Eu precisava de foco!

No meu último — e único — relacionamento, eu tinha 16 anos quando namorávamos, ele morava em São Paulo e só vinha duas vezes por ano a Petrópolis para visitar os avós. Aliás, era por isso que meu pai o aprovava tanto: um perfeito e inofensivo relacionamento à distância. Era melhor eu me distrair mesmo com outra coisa.

Conferi a caixa de mensagens e fiquei feliz de ver que tinha recebido uma página inteira de e-mails de familiares e amigos. Uns me desejando boa sorte nessa nova fase, outros curiosos sobre como estavam indo as coisas nesse novo começo. Mas a mensagem mais preciosa foi a de Natasha. Como já sentia falta de tagarelar horas e horas com essa minha amiga do peito! Ela me mandou um e-mail enorme contando tudo que havia acontecido desde que saí de lá — como se isso tivesse acontecido há anos —, me fez mil perguntas sobre tudo e anunciou que, finalmente, iria passar seis meses fazendo intercâmbio na Inglaterra, junto com seu irmão, para aprimorar o inglês. Dante aproveitaria para fazer uns cursos de música que há tempos desejava. Ele tinha uma banda Gospel e seu sonho era ganhar a vida como músico. Suas canções eram muito boas e já tocavam bastante na rádio local.

Fui resgatada de minhas lembranças por um barulho de vassoura. Olhei para trás e vi uma senhora gorda, morena e baixinha. Estava com um pano enrolado na cabeça, um avental branco e um vestido florido azul escuro. Tinha lábios grossos, bochechas proeminentes e um olhar grande, negro e curioso. Quando percebeu que havia me interrompido, abriu logo um sorriso arrependido e se desculpou:

— Desculpa, filhinha, nem vi você aí. Estava tão escuro aqui que entrei distraída. Já passa das nove horas e eu não posso sair sem deixar tudo limpo para amanhã.

— Imagina! — exclamei, sinceramente agradecida. Agora tinha um motivo real para retornar à sala. *Quer dizer, para o meu quarto. É, vou direto para o meu quarto... eu acho.*

— Meu nome é Raimunda... — prolongou-se ela. — Trabalho aqui, na cozinha e na faxina das áreas comuns a todos.

— Ah sim! Meu pai me falou de uma taxa que os estudantes racham para a manutenção da república. Prazer, sou Angelina e cheguei esta semana, já estava de saída mesmo, boa noite. — Apressada, me despedi.

— Seja bem vinda querida e que Deus abençoe sua jornada.

Suas palavras me entretiveram por um momento. Fiquei ali parada, mirando-a complacentemente. Era a primeira vez que alguém me dava boas vindas desde que chegara e me sentindo estranhamente simpatizada por aquela mulher, agradeci e saí.

Quando voltei para a sala, *ele* ainda estava lá, só havia um garoto em sua companhia agora. Ao passar, notei que ele me observou enquanto conversava com o menino.

Que olhos lindos... Melhor eu ir dormir, concluí.

Quando cheguei perto da porta do quarto, pelo barulho percebi que ainda havia meninas lá dentro. Resolvi entrar assim mesmo para ver se elas se tocavam que já estava na hora de sair. Que péssima surpresa eu tive quando entrei e vi aquela fumaça e aquele cheiro horroroso no quarto! Fiquei parada, administrando na minha mente diante daquele cenário de pesadelo. Pela minha expressão, Michele percebeu que eu não estava muito satisfeita com a cena, pois pelo visto eram vários "tapinhas" por dia.

— Elas já estavam de saída. — antecipou Michele, amigável.

— Deixa só a gente queimar esse restinho, tá? — disse a loura de mecha azul, impassível novamente.

— Volto em cinco minutos! — Limitei-me a dizer, batendo a porta.

Caminhei pelo corredor e tamborilei meus dedos na porta para dar tempo de me acalmar. Eu decididamente não iria conviver com aquilo. Drogas não combinavam com os meus princípios. Ali deveria ser o meu refúgio, meu lugar de descanso, de estudo. Comecei a pensar na hipótese de procurar outro quarto vago por ali. Felizmente, meu humor foi instantaneamente restaurado quando vi Rico, sozinho, subindo as escadas.

Meu aborrecimento tornou-se irrisório na sua presença, ele morava *mesmo* ali. Curioso, seguiu na minha direção e perguntou, brincando:

— Fazendo a ronda?

— Esperando meu quarto esvaziar — bufei, sem paciência.

— Por que não pede a elas para se retirarem?

— Já pedi, mas estão muito ocupadas queimando um... — não terminei a frase, aborrecida.

— Não acredito! Quantas vezes já falei com a Michele... Eu vou lá — proclamou ele, marchando para a porta.

— Não! — relutei. Não queria passar por fofoqueira. — Agora não. Ela vai pensar que fui atrás de alguém e não quero criar um mal-estar entre nós duas, depois me entendo com ela.

— Faça isso, então — insistiu ele. — Senão, eu faço. Quer que eu espere aqui com você?

Claaaaaaaaaaaaro!

— Não, tudo bem, elas já vão sair. Então... onde é o seu quarto?

— Na verdade, não moro aqui (momento de decepção intensa), mas meu apartamento é meio longe do campus e quando vou ministrar aula muito cedo no dia seguinte os meninos me convidam pra ficar. Pra falar a verdade, tenho passado mais tempo aqui do que em casa.

Ótima notícia. Nesse momento a porta do quarto se abriu e com isso fomos agredidos por aquele cheiro odioso, que me deixou nauseada. Michele veio até a porta conversando com as meninas e recebeu dele um olhar de reprovação. Após me desejar boa noite, ele se dirigiu para

dois quartos depois do meu, deixando aquele imenso corredor desprovido novamente do seu charme.

Michele começou a recolher os cinzeiros, cantarolando, enquanto eu organizava as minhas coisas, muda. Depois de cinco minutos sendo completamente ignorada, ela resolveu reatar relações.

— Saudades de casa?

— Com certeza! — murmurei, arrumando a cama.

— Algum problema? — investigou a dissimulada.

— Isso é comum? — reagi.

— O quê?

— Vocês, aqui, se *drogando* no nosso quarto?

—Que palavra pesada Angelina... Se *drogando*? Bem inerente a quem chegou do interior. É melhor você se livrar logo desses valores arcaicos. Você sabia que a maconha é liberada em muitos lugares? É um tipo de... calmante, muitas pessoas usam só pra tirar o estresse do dia, sabia disso?

Estresse do dia.... Ela não fez nada além de dormir fora, bagunçar o quarto, matar aula na floresta e fumar o dia todo. Que hipocrisia! Será que nunca ouviu falar de yoga?

— Pois é — argumentei, com uma cara ofendida —, mas gostaria de pedir que não fizesse isso aqui. Aliás, gostaria de pedir que não fizesse *isso*, pela sua família e por você, mas já que não nos conhecemos o suficiente para este tipo de intromissão da minha parte, ao menos em respeito a mim, faça isso em outro lugar, por favor.

— É por causa dessa coisa de igreja, não é? — inferiu ela, revirando os olhos. — Minha mãe sempre tagarelou diversas vezes nos meus ouvidos sobre tudo que ela ouvia lá, apesar de eu achar que ela mesma não aprendeu nada, só decorou o que ouviu. Sei que logo, logo você vai perceber quanto exagero aprendeu. A vida pode ser divertida, sabia? Deus é alegria! — disse ela. — Mas sem drama, tá? Não vamos mais vir aqui, a não ser que você queira. Você precisa fazer novas amizades e abrir a cabeça, menina... Se vai ficar aqui por quatro anos é bom se enturmar, estereótipos moralistas não serão muito úteis por aqui.

Achei tudo aquilo um absurdo! Não me considerava arcaica nem... moralista. Mas agradeci por ela concordar em não fazer mais aquilo em nosso domicílio partilhado. Agora só queria dormir e relembrar meus velhos e saudáveis amigos.

CAPÍTULO III
PRIMEIRO SONHO

Não acredito! Por causa de toda a minha irritação, não tinha colocado o celular para despertar e estava atrasada. Pulei da cama. Vesti um jeans, uma blusa, um casaco e coloquei

meu tênis. Fiz um rabo de cavalo desajeitado e parti com minha mochila, chupando uma bala para esconder o bafo. Que vergonha! Essa eu tenho certeza que minha mãe tinha previsto e logo no segundo dia! Saquei para fora da mochila meu horário do bolso para ver para em que sala deveria estar. Quão grande foi o meu alívio ao ver que só teria aula a partir do segundo tempo! Caí sentada no primeiro banco que vi e larguei a mochila entre as pernas. Pensei em voltar para escovar os dentes, mas resolvi tomar café na cantina, estava com muita fome.

Sentei no banco alto perto do balcão e pedi um *croissant* e um suco de laranja. Havia alunos, professores e também alguns gatos famintos por ali. Acabei de comer e abaixei para dar os restinhos a um gatinho branco que costurava minhas pernas quando minha Bíblia de bolso caiu no chão. Ainda faltavam uns 30 minutos para a aula seguinte e resolvi procurar um lugar tranquilo para ler. Lembrei daquele banco em que vi Michele e *sua gangue* pela janela do banheiro. Era perto da floresta e decidi procurar. Dei a volta por fora da faculdade e logo encontrei o local. Para minha surpresa, contemplei um imenso lago logo após a floresta, sem nenhum ser humano em volta e achei ali um canto de paz. Os raios de sol incidiam por entre as árvores. Resolvi me embrenhar floresta adentro até chegar à margem do lago. Sentei ali, confortada naquele calor matinal, e me encostei numa árvore próxima. Dei-me conta de que desde que havia chegado só havia orado para Deus afastar as baratas, então resolvi orar e agradecer por tudo que estava acontecendo. Eu estava ali, na faculdade, como sempre sonhei. Feito isso, abri a Bíblia e não sabia o que ler. Resolvi, então, começar pelos Salmos, pois só conhecia mesmo o *23* e o 91. Folheei o primeiro:

"Bem aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores.

Antes tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite. Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto no seu tempo; as suas folhas não cairão, e tudo quanto fizer prosperará.

Não são assim os ímpios; mas são como a moinha que o vento espalha.

Por isso os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos.

Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos; porém o caminho dos ímpios perecerá."

Achei bem propício ao momento, era a descrição perfeita para o público do meu quarto na noite anterior: a roda dos escarnecedores. Era bom lembrar o meu lugar sem me sentir extremamente... *moralista* (aquela palavra ainda estava me incomodando).

Fiquei mais alguns minutos contemplando a paisagem e sentindo o sol aquecer a minha pele, me sentia revigorada e à mercê dos elementos da natureza. Após alguns instantes me levantei e caminhei até a beira do lago. Abrindo os braços, me espreguicei e levantei a cabeça para o céu quando, subitamente, alguém comentou:

— Que lindo dia, não é?

Apanhada de surpresa, ao virar para trás deixei minha Bíblia cair no lago. Era Rico, ainda mais lindo sob a luz do sol. Seus olhos verdes reluziam na pele suada e rosada. Estava de camiseta, bermuda e tênis, com um MP4 pendurado no braço. Sem ainda falar nada, contemplei minha Bíblia no fundo raso do lago. Antes que eu me abaixasse, ele a pegou para mim.

Será que toda vez que eu deixar algo cair, ele vai aparecer?

— Encharcou! — constatou ele, segurando o volume pela capa. — Mas não é uma literatura difícil de encontrar...

Não gostei muito da palavra "literatura" para o que eu aprendi a considerar A Palavra de Deus. Então, retruquei:

— Não é o que dizem na Índia...

— Ainda bem que você não caiu também — disse ele, mudando de assunto e me puxando para longe da margem do lago. — O que faz aqui, Angelina?

— Estava procurando um lugar tranquilo para ler, e você?

— Sempre corro de manhã quando estou por aqui (informação registrada), minha aula é só às 10 horas.

Claro que essa boa forma não cai do céu.

— Bem, a minha é daqui a... dez minutos — constatei ao olhar a hora no celular.

Peguei minha mochila e fui andando com ele de volta ao campus.

— O que está ouvindo?— perguntei, apontando para o MP4.

— Não é da sua época — zombou ele.

— E de que época você é, meu idoso professor? — provoquei de volta.

— Da época em que se faziam boas músicas — brincou ele.

— Afinal, quantos anos você tem? — perguntei, aproveitando o ensejo.

— 27 — respondeu ele. — Faço 28 no mês que vem, em abril.

— É bem novo para um professor de faculdade, não? — elogiei.

— Não para os competentes! — gabou-se ele.

Chegamos diante do campus e ele disse que iria para a república, precisava tomar um banho. Nos despedimos e enquanto eu subia os poucos degraus da escada pensando em dar uma espiada pra trás, ele me chamou:

— Angelina?

Virei-me na hora.

— *Quelqu`un má dit*, de Carla Bruni — disse.

Franzi a testa sem entender.

— A música! — esclareceu, balançando o aparelho de som.

Fiz um sinal positivo com a cabeça como se tivesse ideia de quem se tratava e me voltei para a escada, pensando em me atualizar musicalmente com urgência. Foi quando esbarrei em Michele, que estava saindo.

— *Socializando,* hein gata? É isso aí! — disse ela com uma vozinha cantante enquanto caminhava na direção de uns quiosques de lanches que ficavam no gramado. Fingi não entender. Pude notar a loira de mecha azul me encarando com uma expressão indignada enquanto andava. Talvez ela não tivesse gostado de eu ter acabado com as festinhas no quarto.

Nesse dia as coisas fluíram mais normalmente. Todos os professores vieram, mas ministraram pouca matéria. Eu Já tinha alguns livros para comprar, então resolvi ir ao shopping mais próximo para encontrar uma livraria. Peguei as informações de como chegar com uma aluna da minha sala e depois de almoçar na cantina segui, sozinha.

Logo ao entrar no shopping dei de cara com uma mega livraria e fiquei feliz por estar resolvendo tudo sozinha. Até então, minha mãe sempre tinha comprado meus livros didáticos e eu raramente a ajudava. Ao invés disso, ficava perdida na livraria comprando o máximo de romances que pudesse. Aquele era o meu ambiente favorito.

Achei quase tudo que precisava e fiquei calmamente vagando por ali, fiscalizando todas as novidades. Encontrei um cibercafé e fui consultar meus e-mails. Após mandar mensagens para meus pais e para Natasha, voltei a caminhar procurando a sessão de best sellers. Achei que comprar um livro novo para distrair a cabeça seria uma boa, já que os meninos da república monopolizavam a televisão. Chamou minha atenção uma seção de CDs e DVDs. Eu não me interessava muito por música, mas resolvi procurar o CD de que Rico falara mais cedo. Assim que achei, o inclui nas minhas compras, não via a hora de podermos conversar sobre a minha

mais recente aquisição.

Ainda era cedo quando fiquei enfadada e resolvi voltar para a república. Um sono avassalador me dominou no ônibus, segurei firme os olhos abertos para não perder o ponto onde devia descer. Quando cheguei, fui direto para o quarto, joguei as coisas no chão, troquei de roupa e caí na cama. Graças a Deus Michele não estava. Adormeci profundamente, aliás isso nunca foi problema para mim, só que dessa vez tive um sonho muito diferente.

Sonhei que estava correndo num enorme parque onde que não se podia contemplar o fim. Eu ainda era criança e devia ter uns oito anos. Estava de vestido branco, brincava e pulava sem parar. Subitamente, enxerguei uma escada de sete degraus, que descia em direção a uma floresta distante. Era como se eu estivesse no segundo andar do parque. Do lado esquerdo de cada degrau da escada havia sete homens altos e vestidos de branco. Todos olhavam na minha direção. Na minha concepção, pareciam anjos. Cada um deles segurava uma bandeja de prata e em cima delas havia uma maçã. Por algum motivo insondável, aquelas não eram como as outras maçãs. Eram magnificamente vermelhas e extremamente aromáticas, reluziam ao sol ainda mais do que a própria bandeja, destacando-se na paisagem verde. Seu perfume me atraiu intensamente. Incitada, resolvi me aproximar e desci o primeiro degrau, pois cobiçava vê-las mais de perto. O primeiro homem estendeu a bandeja para mim e, amistoso, ofereceu-me. Retribuí a simpatia, mas fiquei em dúvida se deveria pegá-la. Ele se posicionou na minha altura, fitando-me nos olhos e mais uma vez ofereceu-me a fruta. Ela era *tão* apetitosa, e eu estava com *tanta* fome... O desejo de obtê-la era *quase* inevitável. Argumentei comigo mesma que não haveria problema em somente tocá-la e o aparente anjo continuou me encorajando. Trouxe-a para mais perto da boca e fechei os olhos, inspirando profundamente. Não podia resistir a tamanha formosura. Queria ter a liberdade de comê-la, não vi nada nem ninguém que pudesse me impedir, e eu salivava cada vez mais. Regida pelo meu impetuoso desejo, não aguentei mais e a mordi com toda força. O sabor espalhou pelo meu corpo uma sensação de satisfação e prazer. Era sem dúvida a coisa mais deliciosa que eu já tinha comido na minha vida. Meus pés começaram a esquentar e o calor foi subindo pelo meu corpo devagar, até alcançar a minha cabeça. Estava tão satisfeita que comecei a dançar enquanto comia. Girava embevecida e a desfrutava, satisfeita. Agora sentia o sol bater no meu corpo mais ardentemente. Saboreei a fruta até não sobrar mais nada.

Acabei de lamber os dedos e me virei para agradecer. O homem posicionou a bandeja de prata vazia virada para mim, exibindo meu próprio reflexo. Desalentada, notei que estava com a minha aparência atual, não era mais uma menina e sim uma mulher. Ainda assombrada com a abrupta transformação, vi quando a bandeja caiu das mãos dele e foi ao chão. Aquele que a segurava começou a tremer e também a se converter em outra coisa bem diferente. Como se assistindo a um truque de ilusionismo, pude contemplar em que se tornara. Ainda não acreditava quando testemunhei, atônita, o surgimento de um grande leopardo na minha frente. Rápido, ele pulou escada abaixo e correu para a longínqua floresta não me dando tempo de agradecer-lhe, nem de entender o acontecido. Foi então que um estrondo de porta batendo me acordou. Era Michele entrando no quarto.

— Desculpe, não sabia que você estava dormindo aqui, pensei que ainda estivesse no shopping.

— Não, tudo bem — agradeci. — Já estava mesmo na hora de eu acordar.

Verifiquei as horas e já eram seis da tarde, tinha dormido durante umas três horas seguidas. Levantei e joguei água no rosto para despertar. Enquanto isso, Michele pegou suas coisas e foi ao banheiro do corredor dizendo que ia tomar banho. Comecei a preparar um café, ainda pesada pelo sono, e o sonho se repetiu todo na minha mente. Era estranho porque eu

sempre dormia tão profundamente que nunca me lembrava de nada, mas aquele sonho estava especialmente nítido na minha cabeça.

Tomei o café, escovei os dentes, peguei um dos livros que havia comprado e resolvi descer para, quem sabe, cruzar com meu maravilhoso professor. Eu sabia que não aconteceria nada entre nós, tudo ficaria somente na minha cabeça. Afinal, o que ele iria querer com uma pirralha sem assunto como eu? Nem de músicas poderíamos falar, ele estava muito além de mim. Por certo, eu não deveria nem estar pensando naquilo. Além do mais, deveria existir um código de ética na profissão a respeito de envolvimentos de professores com alunos e, é claro que um homem lindo como aquele não deveria estar sozinho. Mesmo assim ele era um deleite visual, e olhar não iria me matar.

Quando saí no corredor me arrisquei, em vão, a tentar ouvir a voz dele no quarto. Desci as escadas vasculhando cada canto e pela primeira vez a saleta estava vazia. Sentei no sofá em frente à televisão desligada e, frustrada, abri o meu livro. Mal comecei a ler o prefácio e Raimunda adentrou na saleta acompanhada de sua vassoura.

— Parece que estou sempre te interrompendo, não é querida? — disse ela, sorrindo, mas um pouco abatida.

— Claro que não, Raimunda, já estava mesmo estranhando isso aqui tão calmo hoje.

— Está tendo chopada na outra república do campus, todo período que começa é a mesma coisa, tudo é motivo de festa. Você não vai?

— Nem estava sabendo, mas não conheço ninguém lá e também não gosto de agitação— respondi, tentando não parecer excluída. Afinal, nem a Michele tivera o trabalho de me convidar. Também, pensei, não gostaria de sair com um grupo de meninas que teria como único objetivo acabar a noite bêbadas, nos braços de um estranho.

De repente, fui acometida por pensamentos apavorantes:

Será que é por isso que ele não está aqui? Será que ele está lá, com milhões de alunas mais bonitas do que eu, se oferecendo para ele? Não, ele não me parece esse tipo fútil, pensei tentando me consolar.

Será que existe algum código de ética para isso também, proibindo professores de comparecer a esses despudorados eventos? Tomara que sim...Ai droga, por que eu ainda estou pensando nisso?"

Novamente Raimunda me resgatou de meus delírios.

— Você me parece uma menina muito especial, diferente das outras daqui. Espero que continue assim com o passar do tempo — torceu, suspirando.

Nesse momento avistamos Michele descendo a escada toda emperiquitada e acendendo um cigarro. Vestia um casaco e um short mínimo. Afinal, ela estava com calor ou com frio? Usava também um salto alto e uma bolsinha pequena com a alça atravessada no peito. Sua maquiagem forte contrastava com seu rosto ainda meio infantil.

Assim que chegou até nós, dando uma voltinha, inquiriu:

— O que acha? Aprovada?

Olhei para Raimunda, a mesma arregalou os olhos em minha direção franzindo a testa e logo começou a varrer. Achei que a verdade seria muito rude e somente balancei a cabeça soprando um falso "ahn ahn".

— Talvez eu durma fora hoje de novo, se estiver com sorte, é claro! — profetizou, rindo. — Não me espere.

Soltou um beijinho e saiu pelo portão.

— Acho que vou continuar como estou — afirmei eu, me voltando para Raimunda e revirando os olhos.

Estava no final do primeiro capítulo, enquanto Raimunda varria e tirava o pó da sala, quando ouvi um barulho e olhei para trás. Ela derrubou um livro da estante enquanto tentava se apoiar para não cair, ficou ereta novamente e encostou a mão na testa com os olhos fechados. Rapidamente me desloquei em sua direção para me certificar de que ela estava bem.

— É só uma tontura, estou um pouco gripada — informou ela.

Segurei em seu braço para ajudá-la a caminhar até o sofá e percebi que ela estava queimando.

— Raimunda, você está com febre! Não deveria estar aqui e sim em casa, descansando.

— Não posso querida, se faltar me descontam o dia, já ganho tão pouco aqui, meu marido está desempregado e ainda ajudo minha filha, que é mãe solteira, a criar minha neta. Ela cuida do pai enquanto estou trabalhando.

— Seu marido também está doente?

— Não, graças a Deus, mas ele ficou cego depois de velho e não gosto de deixá-lo só.

— Mas não podem te descontar se você está doente! Vá pro hospital e consiga um atestado, diante da lei estará protegida.

— Minha filha — lamentou ela —, se for ao hospital público hoje por causa de uma gripe, passarão todos na minha frente e só sairei de lá, talvez, amanhã.

— Vamos! Já é tarde e você já cumpriu o seu turno, eu te levo pra casa — ordenei ,decidida.

— Mas ainda falta tirar pó de alguns móveis... — relutou ela.

— Eu termino quando voltar e amanhã a senhora não vem. Deixe que eles descontem e eu te pagarei uma diária. Não tenho gasto muito dinheiro por aqui e tenho umas reservas.

— Não posso aceitar, isso não seria justo...

— Eu faço questão! — insisti.

— Então, fico lhe devendo uma faxina especial no seu quarto para compensar.

— Fechado! — concordei, encerrando o assunto.

Caminhei alguns metros com Raimunda apoiada em mim e vi que atrás da república existia uma casinha pequena, branca, com uma janela azul. Ficava à margem do mesmo lago onde eu estivera pela manhã. Havia alguns arames pendurados de um lado a outro com algumas roupas de criança, pneus encostados na parede e duas galinhas passeando em volta. Quando chegamos, antes de cruzar a porta ouvi uma voz masculina que saía do interior da casa.

— Oi meu amor, já está tarde, estava te esperando. Como você está?

Entramos e vi um senhor negro, alto e grisalho. Estava sentado em um sofá de dois lugares, velho e meio rasgado. Em frente havia uma cadeira vazia. Percebi que a casa tinha somente uma sala, um banheiro e um quarto. Os móveis eram velhos e tinha um pouco de mofo no teto e nas paredes, mas fora isso parecia muito limpa e arrumada.

No outro lado da pequena sala, num colchonete velho dormia uma criança linda, mulata, bem mais clara do que eles. Estava de chupeta, vestindo um macacão rosa e com algumas bonecas em volta. Era menina e devia ter uns três anos.

Percebi um barulho de panela de pressão que vinha de dentro da cozinha. Dela saiu uma moça negra, alta, com um vestido bege até os joelhos, que marcavam uma cintura fina. Seus braços eram bem delineados e, apesar do vestido discreto, dava para ver que era muito bem feita de corpo. Devia ter em torno de vinte 25 ano, seu cabelo era bem curto e tinha os mesmos olhos de Raimunda. Vinha enxugando as mãos com um pano de prato e ao me ver perguntou, assustada:

— O que aconteceu? A senhora passou mal, não foi? Eu disse que iria no seu lugar, mas a senhora é tão teimosa...

— Ela está com febre — revelei, interrompendo-a. — Meu nome é Angelina — insisti para que ela viesse logo.

— Obrigada. Eu sou Carla e esse é meu pai, Amino. Minha mãe é muito cabeça dura, eu queria ir no lugar dela mas...

— Você não sabe limpar direito! Seu negócio é cozinhar! — resmungou Raimunda, tremendo de frio.

Carla pegou um cobertor de lã azul marinho e cobriu as costas da mãe. Eu podia sentir o calor familiar que emanava daquele lugar.

— Temos um antitérmico da Carina aqui — disse Carla. — Deve servir para a senhora. Vou lhe dar uma quantidade um pouquinho maior. Vá se deitar, levo sua sopa na cama. Amanhã eu vou no seu lugar.

— Não será necessário... — anunciou Raimunda.

— A senhora não vai! — esbravejou Carla, séria, com as mãos na cintura. — Eles podem respirar poeira por um dia e nem vão notar. Só vivem bêbados e fazendo bagunça... — subitamente ela se conteve e me olhou, arrependida.

— Desculpe, não quis dizer isso. Você foi muito gentil em vir aqui e...

— Não se preocupe — falei — Ela conseguiu uma dispensa para amanhã.

Carla me olhou estupefata e depois voltou-se para a mãe, exclamando:

— Que milagre foi esse? Eles nunca te deram folga...

— As coisas mudam minha filha, Deus sempre nos surpreende... — declarou Raimunda.

— Aleluia! — festejou a filha, virando-se para mim pela primeira vez e com um grande sorriso nos lábios. Seus dentes eram perfeitos e muito brancos, ela era mesmo uma mulher muito bonita.

— Bem, vou indo, melhoras Raimunda! Cumpra o combinado e se precisar ficar mais de um dia em casa, é só avisar — falei, dirigindo-me para a porta.

— Quem é você? Filha do diretor do campus ou coisa assim? — indagou Carla em tom de brincadeira.

— Quase isso — brinquei. — Do *dono de tudo*!

— Então, temos o mesmo pai — disse ela dando uma piscadinha.

Entendi que ela falava de Deus assim como eu e fiquei feliz por tê-los ajudado.

— Volte sempre que quiser. Na verdade, espere um minuto! — ordenou ela, entrando e voltando poucos minutos depois com um pote enrolado em um pano. — Está fervendo, acabei de fazer. É uma simples sopa de legumes, não sei se gosta. Mas como minha mãe disse, na cozinha eu sou boa, tem um pouquinho de carne também.

Recebi feliz aquele presente por saber que teria um jantar digno,que eu jamais faria sozinha. Agradeci sinceramente e fui embora.

Quando subi as escadas e entrei na república me lembrei de que ainda tinha que limpar alguns móveis para Raimunda,como havia prometido. Um desânimo bateu, mas me senti compelida a seguir em frente e fui pegar o pano,apoiando minha janta no sofá.

Comecei a limpar de onde ela havia parado. Estava quase acabando quando olhei o relógio e vi que já eram mais de 11 horas, a sopa com certeza já estava fria. Limpava a última prateleira no momento em que fui surpreendida.

— Tem alguém que é paga para isso, sabia? Você tem TOC ou coisa assim?

Só a voz já me fez estremecer. Quando me virei, Alderico estava encostado na porta, sorrindo para mim. Guardei o pano sem graça e relatei o ocorrido.

— Quer dizer que tem uma sopa fresquinha nesse pano, é? — ameaçou ele, fingindo que ia pegar. — Estou morto de fome! Esses meninos nunca cozinham.

— Bem, não é muito, mas se quiser dividir... — propus, de imediato. Aliás, jantar com ele seria muito mais *apetitoso*.

— Nem vou me fazer de difícil — disse ele, pegando o pote —, mas precisaremos esquentá-la — constatou.

— Tem um fogãozinho no meu quarto... — ofereci, sem pensar.

— Beleza, vamos lá. — Disse ele pegando a sacola super rápido e começando a subir a escada. Limpei as mãos na calça e segui atrás dele, arrependida, pensando se não teria parecido oferecida ao falar do fogão *no meu quarto*. Decidi de forma resoluta que pensaria melhor daquele momento em diante quando abrisse a boca perto dele, que confundia meus sentidos de forma inexplicável.

Paramos em frente à porta do quarto e eu a abri sem olhar para ele.

— Não repare a bagunça — pedi.

Convenhamos, só do lado da Michele.

— Não esquenta, já estou acostumado.

Mirei-o com cara de interrogação. *Ele já esteve aqui?* Rapidamente ele captou meus pensamentos e se defendeu, erguendo as mãos:

— Não, quer dizer, acostumado com a bagunça *dos alunos* por aqui.

Que alívio! Peguei uma panela e coloquei a sopa dentro, acendendo o fogão para esquentar. Quando me virei, ele olhava minhas fotos na parede. Senti-me um pouco constrangida pois estava bem infantil naquelas fotos. Ele apontou para uma foto minha e de Dante juntos no aniversário da Natasha e perguntou:

— É seu namorado?

— Não! — disparei. — É um amigo.

— Um amigo *homem*... — falou ele, meditando. — Não é de se estranhar, você é muito fácil de conversar.

Recebi contente o elogio.

— Está sentindo muita saudade de Petrópolis? — perguntou ele, distraído.

— Como sabe que sou de Petrópolis? — indaguei, envaidecida com a revelação.

— As notícias correm rápido por aqui — respondeu ele baixando os olhos disfarçadamente.

Será que ele perguntou sobre mim por aí?

— Que sacola é essa aqui no chão? Parece um CD, é novo? — perguntou ele retirando o CD da sacola enquanto eu podia sentir o calor subindo pelo meu pescoço. Foi impossível não ficar vermelha.

— É... — confirmei sem graça enquanto ele olhava o CD com um sorriso convencido. — Comprei hoje. Na verdade, fui comprar uns livros e me lembrei do que você tinha falado, sabe, sobre... boa música, resolvi arriscar.

Sentindo-me ridícula, comecei a catar as coisas do chão, toda agitada e enrubescendo cada vez mais.

— E gostou? — perguntou ele, candidamente.

— Ainda não ouvi, está lacrado não vê?

— Posso? — perguntou ele, ameaçando abrir o CD. Fiz sinal que sim com a cabeça, ele abriu e colocou-o no aparelho de som ao lado da cama da Michele. A música realmente era ótima e fez do quarto um ambiente romântico e sedutor.

Senti um leve cheiro de queimado e, num sobressalto, me virei para desligar o fogo. *Como esquentou tão rápido?*

— Sopa queimada... — apontei, desapontada com meus dotes culinários. — Ainda vai? — perguntei sem graça.

— Claro! — respondeu ele, sem se abalar.

Ele se levantou, pegou a panela sacando duas colheres de cima da pia e me oferecendo uma. Sentamos na beira da cama, esfomeados, e começamos a comer da panela mesmo. Lembrei do filme *A dama e o vagabundo*: pena que não tinha espaguete para unir os nossos lábios...

Eu estava estranhando aquela sensação, nunca tinha ficado tão próxima de um homem mais velho, mas ele me deixava confortável. A verdade é que eu achava os garotos da minha idade muito bobos e desinteressantes.

Conversamos sobre várias coisas, a maioria delas sobre mim. Meus sonhos, meus planos e minha família. Rimos com histórias engraçadas que eu lembrava de vez em quando olhando as fotos.

No meio da nossa agradável conversa, meu celular tocou. Era meu pai. *Que faro!* Tremi nas bases. O que iria dizer? Que estava com um professor no meu quarto, quase à meia-noite, tomando uma inocente sopa? Era a verdade — bem, não tão inocente da minha parte —, mas meu pai iria pirar. Pensei em não atender, mas ele ligaria dezenas de vezes achando que fui raptada ou algo parecido. Por que ele estava ligando tão tarde? Será que tinha acontecido algo grave? Relutante, resolvi atender.

— Oi pai. — cumprimentei, desanimada.

Rico se endireitou na cama, parecia até que meu pai estava ali, achei engraçado.

— Oi querida, está acordada?

— Sim, lendo — menti, sorrindo para o Rico e me virando de costas. — Aconteceu alguma coisa pra ligar a essa hora?

— Não, é... sua mãe teve um sonho estranho e queria saber se tudo está bem.

Lembrei do meu sonho, será que era o mesmo? *Que piração, claro que não.*

— Tudo em ordem pai, volte a dormir e não ligue mais tão tarde, lembre-se que eu não moro sozinha, amanhã cedo nos falamos.

— Espere! — ordenou ele — Deixa eu orar por você.

Fiquei vermelha.

— Agora *nãããão* pai, amanhã.

— Sua mãe não vai me deixar dormir se eu não fizer isso, então, tem que ser agora! — insistiu ele.

Fiquei irritada com todo aquele empenho missionário em orar por mim à meia-noite, mas eu sabia que aquela discussão já estava vencida, então tive que concordar. Comecei ouvindo a oração fingindo que ele ainda estava falando. No final sibilei um espirrado "amém" e me despedi.

Virei-me para o Rico e ele já estava de pé.

— Bem, vou indo, meu estômago está meio estranho... — reclamou ele, passando a mão na barriga.

— Será que foi a sopa? Eu estou bem... — falei, em desalento por ter sua companhia podada. *Com certeza tem a ver com a oração protetora do meu pai,* imaginei desgostosa.

— Não sei, mas é melhor eu ir, amanhã cedo dou aula pra você, mocinha — disse ele segurando meu queixo e dirigindo-se para a porta. Acompanhei-o e, antes de sair, ele se virou e inclinou-se para mim como se fosse me beijar. Meu coração disparou. Fiquei catatônica esperando sua reação. Ele me olhou por um segundo e depois passou a mão perto da minha boca para tirar um resto de sopa. Ainda bem que não fiz um biquinho.... Ele riu discretamente —

obviamente se divertindo com o meu susto —, me deu um beijo na bochecha e disse:

— Obrigado pela sopa... — e chegando mais perto do meu ouvido, sussurrou: — você é um anjo.

Quando ele se foi, eu caí de costas atrás da porta para não desmaiar.

O que foi aquilo? Por que ele chegou tão perto? Será que eu estou sonhando?

Fui arrumar o quarto, sorrindo de vez em quando ao me lembrar da cena, parecia uma idiota. Quando me deitei, procurei o cheiro dele ao redor, mas não achei. Dormi em paz e sorrindo, não via a hora de chegar o dia seguinte.

CAPÍTULO IV
O CÉU
Infelizmente, independente

Acordei para me arrumar mais cedo do que no primeiro dia. Tentei me maquiar, mas como não tinha o hábito me senti ridícula para aquela hora da manhã. Troquei de roupa umas quatro vezes, prendi e soltei o cabelo umas quinze. Eu estava esquisita. Muito vaidosa só para um dia de aula. Não podia evitar que a cena do dia anterior povoasse meus pensamentos matinais. Escovei os dentes e coloquei um perfuminho de leve, caso *alguém* se aproximasse tanto novamente. Eu sabia que algo não estava certo naquilo tudo, mas estava tão bom, por que parar? Afinal, nada havia acontecido... ainda.

Quando enfim estava pronta, me olhei no espelho para uma última conferida. Decidi que iria deixar a franja crescer para parecer um pouco mais velha.

No campus fui direto para a minha sala. Fui a primeira a chegar e escolhi uma cadeira na terceira fileira para não dar muita bandeira. Virei meu cabelo de lado e comecei a fingir que estava lendo um dos livros que ele recomendou. Pela fresta do meu cabelo jogado dava para enxergar a porta, assim ele não veria que eu estava vigiando-a de soslaio para quando ele aparecesse.

Os alunos chegaram e ele também. Fingi não tomar conhecimento da sua presença e continuei lendo. Ele pigarreou alto, olhando e rindo para mim, se fazendo notar. Ri de volta e sussurrei: — Desculpe.

A aula prosseguiu normalmente, mas parecia que nunca ia acabar. Eu estava louca para estar a sós de novo com ele.

Diferente da primeira vez, ele caminhava por entre as carteiras enquanto falava, fazendo os alunos rirem de vez em quando. Não sei se ele tinha ideia do quanto era encantador. Cada parada dele dava uma foto, tão lindo ele era. Em certo momento, ele passou pela minha mesa e deixou cair um pequeno papel, sem que ninguém visse. Meu estômago embrulhou de nervoso e me senti como se fosse uma criança no quinto ano. Seria realmente para mim? Procurei-o com o olhar para confirmar se era, de fato, para eu abrir. Mas ele me ignorou, continuando a dissertar. Impaciente, abri imediatamente o papel no meu colo, onde estava escrito: "Meu anjo, te devo um jantar."

Quase caí da cadeira. Aquilo não era real, ele estava *mesmo* me assediando. Meu corpo começou a tremer com a possibilidade. Enquanto era só uma fantasia da minha cabeça eu estava me divertindo, mas agora parecia que ia pirar.

O que eu iria fazer? Onde estava Natasha agora para me aconselhar? Àquela hora ela

devia estar na Europa e eu não podia ligar para ela. Podia mandar um e-mail, mas será que ela me responderia até o jantar? Ela se correspondia comigo todos-os-dias, mas só à noite e até lá poderia ser tarde. Também não podia ligar para minha mãe, senão ela iria arrumar um advogado para processá-lo por corrupção de menores, mesmo eu não sendo mais menor. No impasse dessa decisão, todo o resto perdeu a relevância, não consegui ouvir mais nada naquela aula, só pensando no que iria fazer. A aula acabou e permaneci paralisada. Guardei o material lentamente enquanto os alunos iam se retirando. Quando levantei, o último já estava saindo e eu estava vermelha como um camarão. Alderico me acompanhou até a porta e me cumprimentou, receoso.

— Tudo bem com você?

— Sim — disse eu, umedecendo os lábios para conter o nervosismo.

— E então? — indagou ele.

— E então o quê? — repeti, indecisa.

— O jantar. Hoje? Amanhã?

— É melhor um almoço — sugeri, desesperada. — Eu durmo cedo.

— Mas você janta todos os dias, não é? — ironizou ele. — Tudo bem, então. Almoçamos hoje e jantamos quando você quiser. Assim, você vai me dever mais um almoço e eu te deverei um jantar, só então ficaremos quites.

— Fechado! — consenti, aliviada.

Não sabia como me comportar num *jantar romântico*, se é que era isso mesmo... Bem, para estudar é que não devia ser. De qualquer forma, um almoço era mais informal.

— Mas não aqui... — protestou ele, levando meu alívio embora. — Te encontro no corredor ao meio dia.

Passei o resto das aulas agonizando, me perguntando aonde iríamos, as possibilidades eram infinitas. O que tinha de errado com o restaurante local? Resolvi enfrentar a realidade de frente: eu já era adulta e precisava aprender a me relacionar com maturidade, não precisava temer.

Quando enfim nos encontramos ele pediu que eu aguardasse no banco do corredor e correu para o restaurante. Pensei que ele tinha mudado de ideia e que iríamos almoçar por ali mesmo, o que me traria um grande alento. Alguns minutos depois ele retornou munido de algumas sacolas e fez sinal para que eu o acompanhasse. Não perguntei nada, apenas o segui. Ele entrou num portão de serviço do corredor e começamos a subir uma escada. Imaginei que havia algum restaurante de professores lá em cima. Quando enfim não havia mais para onde subir, ele abriu uma porta e pude contemplar um céu ensolarado sobre nós. Estávamos no terraço da faculdade e a vista da lagoa de cima era deslumbrante, a floresta também era maior do que eu pensava. Ele tirou da sacola uma toalha de mesa igual à do restaurante e forrou o chão. Entendi que se tratava de um piquenique e achei tudo maravilhoso. Ele tinha pedido porções de várias coisas para eu escolher. E eu como sou boa boca, comi um pouquinho de tudo, ainda bem que nunca tive tendência para engordar.

O sol estava forte, mas corria uma brisa que amenizava o calor. Ele segurou as pontas da camisa com os braços cruzados e perguntou: — Se importa? — Acenei que não com a cabeça, comendo uma batata frita. Vidrei os olhos nele, apatetada, enquanto ele tirava a camisa e a pendurava no pescoço. Era a visão do paraíso...

Conversamos mais do que na noite anterior e dessa vez foi ele que me contou histórias engraçadas do tempo da faculdade. Em certo momento, não encontrando uma explicação plausível para ele querer estar em companhia de uma fedelha como eu, questionei-o com uma expressão intrigada.

— Você não acha isso esquisito?

— O quê? — indagou ele, sereno.

— Eu e você... aqui. Você professor, eu aluna. Nossa diferença de idade é tanta, não sei como você aguenta ouvir minhas idiotices... — concluí, balançando a cabeça.

Ele olhou para o chão e riu num suspiro rápido. Depois, respondeu:

— Bem, sim e não. Estou aqui há muito tempo e me considero... parte daqui. Como estudei nessa faculdade, me sinto mais parte dos alunos do que dos professores, que são bem mais velhos do que eu — vangloriou-se ele. — E você é... diferente das outras meninas, é mais autêntica. Não é vazia, sabe? Veio para cá com um objetivo maior e não só para se divertir. A diferença de idade não aparece tanto com pessoas assim, maduras como você.

Claro que me senti muito bem com esse comentário dele, apesar de ter certeza que ele não me conhecia o suficiente. Relaxei, achando que a minha pergunta tinha sido mesmo despropositada.

Acabamos de comer, guardamos os restos para os gatinhos e juntamos o lixo. Levantamos para partir e ele me olhava mais sério, porém com um sorriso no canto dos lábios. Como ele podia ser professor? Deveria ser modelo...

Para o meu descontentamento, ele infelizmente vestiu a camisa e depois abriu a porta para descermos. Passei na frente dele e ao descer os primeiros degraus me dei conta de que havia esquecido meu celular no chão, lá em cima, enquanto arrumava as coisas. Virei para trás para subir e pegá-lo quando dei de cara com ele que, estranhamente, não saiu da minha frente de imediato. Ficou parado, me olhando nos olhos a centímetros do meu rosto. Senti que minhas pernas iriam falhar. Como eu podia estar tão envolvida em apenas três dias? Seu rosto era perfeito, seus olhos eram doces e miravam a minha boca. Eu desejava que ele não fosse tão atraente.

— Esqueci o celular — revelei, não me movendo um centímetro.

— Está aqui — sussurrou ele, levantando a mão direita sem sair do lugar.

— Obrigada — peguei o aparelho constrangida, sem saber o que fazer.

— Queria voltar a ser aluno... às vezes. — confessou ele com um sorriso irônico.

— Queria ser professora, como você agora... — devolvi, não acreditando no que estava dizendo.

Ele se aproximou da minha orelha como se fosse dizer alguma coisa, mas não disse nada. Cheirou meu cabelo como se cheirasse uma rosa, desceu o nariz pelo meu rosto até ficar mais perto da minha boca. Nós dois pudemos sentir o calor do corpo um do outro. Fiquei em dúvida se ele podia ouvir as palpitações do meu coração. Estávamos na escada e não havia ninguém em volta, nenhuma testemunha caso *algo* acontecesse. Afinal, o que eu sabia da vida? Como podia julgar sentimentos que não conhecia? Minha vida toda fora monitorada por meus pais e eles falavam de casamento como algo tão puro que chegava a ser entediante. Eu não sabia que poderia sentir algo assim, uma desenfreada vivacidade. Minha cabeça saiu de circuito e meu corpo começou a tremer de leve. Ele colocou a mão na minha nuca e foi enfiando os dedos pelo meu cabelo. Toquei no peito dele delicadamente. Com esse meu gesto, ele entendeu que eu também o queria e depois de me avaliar por mais dois segundos, me beijou. Larguei tudo nas escadas e correspondi ao beijo, intensamente. Ele desceu a mão para a minha cintura e me puxou para mais perto dele, fazendo meu corpo disparar uma descarga elétrica. Eu não acreditava que aquilo estava acontecendo. Subitamente ele parou, abaixou o olhar e falou, encostando a testa na minha:

— Eu estou ficando doido.

Eu ri, pensando a mesma coisa, e meus olhos brilharam. Ele segurou a minha mão e me

conduziu descendo as escadas. Quando atravessamos o portão para o corredor principal ele me soltou e eu compreendi.

Andamos lado a lado sem dizer nada. Eu só queria pular no pescoço dele de novo. Chegamos no portão de saída da faculdade, ele se virou para mim com um leve sorriso, disse que ainda tinha aulas para dar e que mais tarde a gente se veria na república. Mirou novamente a minha boca por alguns instantes, percebi que ele pensava no mesmo que eu, e depois se foi.

Eu não estava acostumada a uma vida com tantas emoções. Parecia que estava vivendo uma das histórias de um dos meus livros favoritos. Uma parte de mim dizia que aquilo tudo era *tão...* errado. Mas ao mesmo tempo, por que tudo isso estava acontecendo comigo? Não seria um "plano de Deus" que eu entrasse na vida do Rico para que ele pudesse conhecê-lO? Claro que eu não era nenhum exemplo de virtude, mas pelo menos vinha de uma família cristã, o que já devia me garantir algum pedacinho do céu, eu achava. Tinha que concordar que quando estava perto dele esquecia completamente que existia *qualquer coisa* além dele. Comecei a entender perfeitamente o que Paulo dizia em sua carta aos romanos e que meu pai sempre repetia para mim:

"*Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreço isso faço. E, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim.*"

A verdade era que *eu queria* ter feito tudo que havia feito e não conseguia me arrepender de nada. Senti-me um pouco culpada lembrando dessa passagem, mas decidi esperar para ver o que iria acontecer. Iria tentar tocar no assunto "Deus" da próxima vez que estivesse com ele para ver sua reação. Meu pai jamais aceitaria que eu namorasse alguém de outra religião.

Namorar... Será?

Passei a maior parte da tarde começando *realmente* a ler os livros indicados. Não consegui me concentrar muito tempo pois aquele beijo povoava minha mente a cada cinco minutos. Eu devia ser muito diferente das outras meninas dali como ele falara e não acreditava que tinha atraído aquele ser tão encantador. Já devia estar lendo há umas duas horas e nem percebi quando adormeci com o livro em cima do peito.

Novamente eu estava no parque do meu sonho anterior. Sondei em volta e sabia que estava procurando algo. Olhei para o meu corpo adulto e me lembrei de tudo: daquela fruta deliciosa, da sensação maravilhosa que ela provocara, daqueles anjos de branco... Sabia que havia mais alguma coisa, mas só me lembrava até aí. Procurei novamente a escada. Comecei a caminhar seguindo em frente, a certa altura inspirei um cheiro delicioso e o segui. Ao me aproximar do local certo, pude ver que a cena se repetia com poucas alterações. Os homens estavam lá, de pé, menos o primeiro que se fora. As bandejas agora estavam lambuzadas de mel e o mesmo era brilhante e muito apetitoso. Desci dois degraus e parei na frente da bandeja. Os olhos do homem que a segurava eram doces e ele me esticou a bandeja para provar. Olhei para ele rindo e estiquei o braço para tocar o mel, sem medo. Nesse momento senti uma mão no meu ombro que me deteve, olhei e não vi ninguém, mas parecia ter ouvido a voz de um amigo. Voltei-me de frente e continuei em direção ao mel, lambuzei o dedo indicador e o coloquei na boca. Seu sabor era ainda mais gostoso do que o da maçã. Ele me dava... felicidade! Desfrutei de tudo que podia, rindo e dançando como antes. Não só comia, mas também passava pela minha pele. Nada mais importava, eu estava completamente absorta pela aquela sensação energizante. Quando me saciei, virei-me para o homem decidida a agradecer dessa vez, mas ele já havia

posicionado a bandeja de prata virada para mim e pude ver meu reflexo no espelho. Fiquei deliciada com o que vi, me senti a mais desejada das mulheres. Eu estava *muito mais bonita*, aquele mel tinha me revigorado de forma maravilhosa. Minha pele rosada parecia de seda, meus olhos possuíam um brilho diferente e meus cabelos balançavam, pesados com o vento, era como se eu tivesse sido finalmente lapidada. Eu girava admirada, me certificando que era mesmo o meu reflexo. De repente, a bandeja caiu me distraindo da minha beleza. O homem, que até então me admirava, começou a se retorcer como da primeira vez, e vi que se transformava em alguma coisa, só que agora bem maior. Tremendo, comecei a definir os traços que se formavam até que percebi que ele estava se tornando um grande urso. Transfigurado, ele me encarou nos olhos e me farejou como se estivesse checando algo. Fiquei paralisada de medo e não reagi. Depois de alguns segundos ele se virou e correu para a floresta. Observei-o indo embora, assombrada com os acontecimentos. Olhei para a bandeja no chão e sorri, me lembrando da minha nova imagem. Sentei-me e peguei-a para me apreciar mais um pouco. Hipnotizada, esqueci completamente do perigo que corri minutos antes. Eu estava tão linda...

Acordei à uma da manhã, desesperada por ter perdido a oportunidade de ver o Rico naquela noite. Será que ele pensou que eu não queria vê-lo? *Porcaria de sono pesado!* Lembrei-me daquele sonho maluco e me olhei no espelho, estupidamente esperançosa de ver alguma mudança. Estava toda descabelada e com um lado do rosto vermelho e amassado. A realidade era cruel, mas estava muito irritada para me concentrar naquilo. Michele já estava dormindo. Decepcionada, depois de fazer um lanche fui dormir de novo, desta vez sem sonhos.

Despertei cedo como no dia anterior e estava bem disposta pois tinha dormido muito. Tomei café, percebi que teria que fazer umas comprinhas no final de semana, me arrumei e desci. Nenhum sinal dele. Caminhei até o campus observando cada caminho por onde ele poderia estar correndo. Nada. Como estava cedo fui ao refeitório ver se ele estava lá, nem sinal. Conferi todos os sete corredores da faculdade, de sala em sala, para ver se o encontrava, perdi meu tempo. Minha vontade era de dar com a mochila na cabeça por ter dormido tanto na noite anterior.

Voltei para o corredor onde era minha sala e entrei, derrotada. Passou-se a primeira aula, a segunda, a terceira e a cada intervalo eu dava uma ronda pela faculdade. Como vigiava, enlouquecida, o corredor pela porta não ouvi nada do que os professores falavam. Finalmente as aulas acabaram e voltei à república, abatida por aquela situação tão angustiantemente indefinida.

No dia seguinte, estava desesperada! Era sexta-feira e eu só teria aula com ele dali a três dias, tempo mais do que suficiente para ele me esquecer. Eu não tinha ideia do que faria no final de semana, só sabia que não iria a Petrópolis pois ali haveria maior possibilidade de encontrá-lo. Não tinha ideia de onde o procurar. Fui ao banheiro da república só para passar em frente ao quarto em que ele ficava e tentar ouvir algum barulho dele, mas não ouvi. Voltei ao quarto para deixar minhas coisas e resolvi que iria ficar de sentinela na sala de baixo para ver se ele passava. Peguei meu livro e desci. Li seis capítulos do livro, chequei meu email e passei a tarde beliscando biscoitos. A fonte de comida estava *mesmo* acabando. Às seis da tarde resolvi ir tomar um banho e voltar para o quarto. Desceria de novo mais tarde.

Quando estava no quarto penteando o cabelo bateram na porta. Estranhei, pois geralmente Michele e suas amigas *vinham entrando*. Imaginei ser Raimunda para pagar a faxina que me devia, mas é claro que não iria querer faxina àquela hora. Ao abrir a porta, as nuvens-cor-de-rosa voltaram a aparecer. Encostado na parede como uma escultura divina, estava o objeto do meu desejo. Ofensivamente lindo. De calça jeans, tênis e um casaco de grife, parecia pronto para desfilar. Abri um sorriso aliviado e ele foi logo esclarecendo:

— Tecnicamente, só volto a ser seu professor de novo na segunda, vim ver se você me

deixa pagar a dívida do jantar. —Foi um momento de alegria explosiva.

Eu estava mesmo com fome de comida depois de ter ingerido tanta besteira. Pedi a ele que esperasse lá embaixo enquanto me arrumava. Quando fechei a porta, me joguei na cama sufocando um grito de alegria. Ele devia gostar *mesmo* de mim, iria me levar para sair na frente de todo mundo! Contanto que meu pai não soubesse, seria um orgulho sair ao lado daquele Adônis[2]. Quando ia escolher a roupa, meu celular tocou. Era minha mãe, dizendo que meu pai viria me buscar de manhã cedo. Será que ali havia alguma câmera escondida? Pedi para ele não vir pois teria trabalho em grupo para fazer com as meninas do campus. Ela estranhou ter trabalho já na primeira semana, mas concordou. Coloquei um vestido, mas fiquei parecendo uma freira perto das meninas do campus. Decidi que iria comprar roupas além de comida naquele final de semana. *O que fazer???* Avistei o armário da Michele e pensei em pegar alguma coisa emprestada, mas ela era o *extremo oposto* de uma freira e isso também não daria certo. Coloquei um Jeans mais novinho, uma blusa e uma sandália, me olhei no espelho e constatei que eu, obviamente, estava muito aquém da minha companhia. O jeito era encarar positivamente, ele já tinha me visto em condições bem piores com aquela camiseta de comício, e eu não tinha nada melhor. Afinal, não havia planejado jantares românticos com o possível *amor da minha vida* quando fiz minha mala na semana anterior. Coloquei um perfume, passei batom e desci.

Ele estava sozinho no sofá, levantou-se e veio em minha direção, logo me agarrando pela cintura e me puxando para perto sem cerimônia. Depois, passou suavemente o seu rosto no meu e perguntou:

— Onde você estava na quarta à noite, meu anjo? — tomei um susto com aquela reação arriscada, a qualquer momento alguém poderia passar, mas fiquei feliz com a despreocupação dele. Meu corpo parecia desfalecer em seus braços. Sem graça, contei que havia caído no sono. Ele sorriu e disse “Minha menininha!”, me beijando na testa. Quando descemos pela porta da república vi uma picape importada parada em frente, que acendeu automaticamente quando ele apertou a chave. De longe não parecia carro de professor universitário em início de carreira. Ele me acompanhou até a porta do carona e abriu a porta. Entrei tentando não fazer nenhum comentário bobo e me arrependi de não ter olhado no armário da Michele. Ligou o carro e o som e partimos para estrada. Não reconheci a banda, mas era bem agradável, e romântica.

Comecei a refletir sobre a minha nova condição. Uma semana antes eu era uma menina cercada de cuidados pelos pais, que não tinha saído sozinha com namorado nem de bicicleta e agora estava ali, completamente dona de mim. Parecia um sonho do qual eu não queria acordar. Minha vida adulta era muito mais interessante. No caminho, ele colocou a mão atrás do meu banco e às vezes na minha mão. O carro andou bastante e notei que mudamos de bairro várias vezes. Percebi que estávamos na zona sul quando avistei a orla. Chegamos a um restaurante finíssimo. O manobrista abriu a porta ao meu lado e descemos. Mais uma vez quis sair correndo para comprar uma roupa no shopping. Comecei a me desesperar de novo. Não sabia como me comportar num jantar romântico e sofisticado, não sabia comer com todos aqueles talheres, fiquei congelada na frente do restaurante sem dar um passo sequer.

— Algum problema? — perguntou ele

— Acho isso injusto — disse eu.

— Como assim?

— Eu só dividi uma sopa queimada com você — foi a melhor desculpa que arrumei.

— Quer ir a um lugar mais simples, não é?

— Acho que sim — confessei, acanhada.

O manobrista ainda não havia nos deixado. Rico foi até ele, entregou uma nota e agradeceu. Entramos no carro e me senti uma idiota.

— Desculpe — disse eu.

— Pelo quê?

— Você queria fazer algo especial e eu estraguei tudo. Não estava preparada para tudo isso...

— Sem problemas — disse ele segurando a minha mão —, vamos para a minha casa.

Congelei de novo! Meu Deus, tudo só iria piorar? Agora sentia falta do restaurante. Acho que minha cara falou por mim, pois ele perguntou novamente se eu tinha algum problema.

— Acho que não estou preparada para isso também — falei, apavorada.

— Por quê? — perguntou ele, confuso.

— Eu sou... virgem. — revelei, quase pulando do carro em movimento ao dizer isso em voz alta. Pensei que ele iria morrer de rir, mas ele pegou carinhosamente a minha mão e disse:

— E é assim que vai continuar depois desta noite.

Por que eu me sinto idiota a maior parte do tempo? Era como se aquele não fosse o meu mundo, mas estava tão bom! A presença dele era tudo que eu queria e cada minuto longe dele seria torturante. Ele me fez conhecer emoções que eu nem sabia que existiam até aquele dia, a não ser nos contos e romances. Eu me sentia mais... humana.

Resolvi não contestar mais nada.

Percebi que estávamos na Lagoa, pois quando eu era pequena meu pai sempre me levava lá para andar de pedalinho. Ele embicou o carro na garagem de um luxuoso edifício, onde imaginei ser a casa dos pais dele.

Pegamos o elevador e ele apertou o botão que indicava a cobertura. Desembarcamos num pequeno corredor onde havia somente uma porta: a dele. Quando ele a abriu, contemplei uma sala gigantesca, super bem decorada num estilo moderno, e um varandão de ponta a ponta da sala, com vista para a lagoa. Vários ambientes coexistiam em uma sala só. Percebi que era um duplex, pois havia uma escada que subia. Ele jogou a chave na enorme mesa quadrada de doze lugares e tirou o casaco. Pegou o telefone e perguntou se eu gostava de pizza. Acenei com a cabeça que sim e fiquei andando enquanto pela sala enquanto ele ligava para a piazzaria Chamaram minha atenção uma adega enorme, uma TV de LCD de 65 polegadas e um porta-retrato digital que passava várias fotos dele: pulando de asa delta, esquiando, na torre Eiffel e em muitas outras viagens. Quando ele me viu olhando as fotos, veio em minha direção e me abraçou enquanto fazia o pedido. Quando desligou, me perguntou se queria conhecer a casa.

— Você mora aqui sozinho? — perguntei, unindo as sobrancelhas sem acreditar.

— Pois é, tanto espaço para um homem só.

— Como tem coragem de dormir naquela república fedorenta com um apartamento desses?

— Gosto de companhia. — disse ele com seu sorriso encantador.

— E seus pais?

— Meu pai é diplomata e mora na Alemanha atualmente, mas prefiro ficar por aqui.

— E por que você... trabalha na faculdade? Quer dizer, dá pra ver que você não precisa...

— É muito chato não fazer nada o tempo todo. Já fiz isso. Viajei por vários lugares durante um ano, mas me sentia inútil. Então, resolvi voltar e fazer algo que gosto.

— Você não me parece o tipo de cara... letrado, entende?

— Sempre gostei de ler, quando era pequeno já mostrava muito interesse. Eu também escrevo às vezes para algumas colunas de esportes, mas é só por diversão.

Conversamos mais amenidades e a pizza chegou no mesmo momento em que o celular dele tocou. Ele me deu o dinheiro e perguntou se eu poderia recebê-la. Peguei-o e fui até a porta enquanto ele foi para a varanda para atender o telefone. Recebi a pizza e o troco. O entregador

ficou imóvel me olhando e achei que estava aguardando uma gorjeta, mas como o dinheiro não era meu, dei boa noite e fechei a porta. Olhei para o Rico e ele fez um gesto de "um minuto" com a mão. Fui até a cozinha pegar algo para cortar a pizza, mas tinha tantos armários que não fazia ideia de onde encontrar. Enquanto procurava, ele me abraçou por trás e abriu a gaveta certa. Em seguida eu me virei e ele fechou a gaveta me empurrando com o seu corpo. Ficou me encarando com aqueles penetrantes olhos verdes e sorriu de leve. Eu estava me sentindo a própria pizza aos olhos dele. Minha vontade era esquecer o jantar e sufocá-lo de beijos. Ele olhou para baixo e fechou os olhos como se quisesse se concentrar, depois se afastou e pegou minha mão se encaminhando para a sala.

Apagamos a metade das luminárias e ele pediu que eu escolhesse um filme para comprar pela TV a cabo, mas não tinha nada que eu quisesse ver. Comemos e depois ele me mostrou toda a casa. Cada ambiente era mais lindo que o outro, eu me sentia naquelas exposições de apartamento decorado, só que bem mais luxuoso.

Subimos as escadas e ele me mostrou a suíte dele. Havia uma estante enorme cheia de livros em francês, uma cama *king size*, uma prancha encostada no canto, um *laptop* na cabeceira e uma TV de 65 polegadas ali também. O quarto era enorme, tinha um frigobar e um telefone sem fio. Notei uma porta que dava para o que me parecia ser um *closet* super bem organizado.

Quando descemos e nos sentamos no sofá, ele colocou um DVD do show de uma banda qualquer e sentou ao meu lado concentrado na TV. Eu apreciava cada detalhe do seu rosto e não sabia se era possível desejá-lo mais. Imaginava o que teria feito para merecer aquele presente. Ele me trouxe para perto me abraçando e eu virei o rosto dele para beijá-lo. Ele retribuiu, me beijando um pouco relutante, e eu fui me aproximando dele devagar. O cheiro dele era um néctar afrodisíaco pra mim. Começamos a nos abraçar e a beijar mais apaixonadamente. Eu estava completamente obcecada por aquele homem.

Por que nunca me falaram que seria tão bom amar? Pra que esperar mais quando se tem certeza, como eu tenho agora?

Eu estava quase em cima dele quando ele me empurrou e me deitou no sofá. Depois deitou seu corpo contra o meu. Eu queria amá-lo, mesmo com medo meu desejo era maior. Tinha dúvidas se deveria estar ali, mas não conseguia pedir ao Espírito Santo para me responder como meu pai havia me aconselhado. Eu só queria a minha resposta e eu *queria* estar ali, nada mais importava. Nada ruim poderia acontecer depois disso. De repente, entre beijos e carinhos, envolvida pelo momento, sussurrei: — Eu te amo!

Ele parou imediatamente e se sentou devagar, me olhando. Deu um sorriso de canto de boca e eu vi a besteira que tinha feito. Ele afagou meu cabelo e se inclinou para me olhar melhor. Havia uma certa compaixão e angústia em seu olhar.

— Acho melhor eu te levar agora, meu anjo, não quero quebrar a minha promessa — disse ele, referindo-se ao meu constrangedor *eu-sou-virgem* no carro.

Ele se levantou pegando minha mão e eu desejava ser um avestruz para enfiar a cabeça num buraco. Ele me segurou pelo queixo e, sorrindo, disse:

— Você também é muito fácil de se amar.

Entendi aquilo como um "eu também" e fiquei mais satisfeita, apesar de preferir ter ficado calada e continuar de onde estávamos.

No caminho para a república quase não conversamos. Eu estava morrendo de sono e ele também. Quando chegamos, ele disse que na noite seguinte iria me ver. Fiquei frustrada com o "à noite", mas estava muito cansada para convencê-lo subliminarmente a chegar às seis da manhã. Além do que, eu tinha bastante coisa para ler e compras para fazer, principalmente roupas novas. Ele abriu a porta do carro e me beijou com carinho. Eu entrei para a república

com o coração já apertado de tanta saudade.

Acordei com alguém batendo na porta. Olhei o relógio e eram oito horas da manhã, com certeza não era ele. Na dúvida, prendi o cabelo, me olhei no espelho e bochechei pasta de dente. Abri a porta e era Raimunda, com sua vassoura e um baldinho cheio de produtos e panos de limpeza. Estava sorridente e perguntou:

— Cheguei muito cedo? Fiquei com medo de você sair quando seu pai chegar.

— Ah... não... ele não vem — informei, coçando a cabeça. — Mas, entre. — saí da frente da porta.— Está melhor?

— Sim. Não vou demorar muito, tá? Mas, por que seu pai não vem? Desculpe a pergunta, mas é a sua primeira semana aqui e geralmente vocês estão loucas para dar um pulo em casa, pegar alguma coisa...

— Tenho tudo que preciso aqui — afirmei, abrindo a geladeira.

— Tenho visto muito você com *aquele professor* que vive aqui... Como é mesmo o nome dele? — Senti que uma sondagem estava por vir.

— O Rico? Bem... somos amigos. Por onde quer começar? — perguntei, tentando distraí-la com a pergunta, mas ela continuou.

— Ele estudou aqui muito tempo, mas nunca morou *mesmo*. Na verdade, não entendo por que ele trabalha aqui, soube que ele é muito rico — levantei a sobrancelha como se isso fosse uma novidade, enquanto bebia um copo d'água. — Desde muito moço ele sempre veio com carros importados e todo tipo de novidade estrangeira. Você já o conhecia antes? — indagou ela.

Pensei que ela fosse colocar um holofote na minha cara para firmar um interrogatório oficial, mas tentei mudar a situação a meu favor. *Bem, ela quer falar... Então, eu faço as perguntas agora.*

— Não — respondi. — Você sempre o viu por aqui, conhece ele?

— Não muito, mas conheci alguns *amigos* dele que não eram boa companhia.

— Por quê? — queria ver onde ela queria chegar.

— Faziam muita bagunça, ele era mais quieto é verdade, mas os amigos... viviam bebendo e saindo com todas as garotas do campus.

— Quanto tempo tem isso?

— Uns três ou quatro anos. A maioria nem terminou o curso, somente ele e o *amigo* dele.

Senti uma entonação especial na palavra amigo e deixei-a continuar.

— Já fez amizade com alguma garota daqui?

— Ainda não, estive ocupada. — respondi sem paciência.

— E sua companheira de quarto é meio difícil de encontrar, não é? Quando quiser conversar pode ir lá em casa, Carla gostou muito de você, ela também precisa de uma companhia mais jovem de vez em quando...

— Bem, vou sair pra comprar algumas coisas — falei, encerrando a conversa. — Seu dinheiro está em cima da geladeira, fique à vontade e bata a porta quando sair.

Peguei minha mochila e saí meditando sobre aquela conversa. Ele não combinava com aquela história toda de farras, festas e... garotas. E ele também era mais jovem quando tudo aconteceu. Não queria mais pensar sobre aquele assunto.

A tarde foi entediante, comprei algumas coisas no mercado, a maioria besteiras e macarrão instantâneo. Fui ao shopping, mas nada me animava. Pensei em ir ao cinema sozinha, mas não havia nenhum filme que me chamasse a atenção. Comprei um vestido cor de terra que, segundo a vendedora, realçava meus olhos e marcava a cintura. O tecido era mole e me caía bem. Não estava curtindo aquilo, mas não queria voltar sem nada novo. Eu geralmente *amava* fazer compras, mas agora só queria ir embora e esperar o Rico chegar.

Ao abrir a porta do quarto, o mesmo estava irreconhecível. Até as coisas da Michele estavam super arrumadas e orgulhosa por de certa forma ter proporcionado a nós mesmas tudo aquilo, decidi que repetiria.

Comecei a me arrumar e coloquei o vestido novo. Como já estava mais animada porque Rico iria chegar logo, pude realmente notar como aquela roupa me caíra bem. Passei um tempo decidindo se iria fazer uma sondagem com o Rico a respeito dos comentários de Raimunda. Ainda estava maquinava os rodeios que faria para chegar ao assunto que queria, quando ele bateu na porta. Quando a abri, ele me fitou de cima abaixo e falou, sorrindo maliciosamente:

— É melhor a gente não ficar em casa hoje... — Depois, Rico me convidou para ir ao cinema e de repente todos os filmes pareciam interessantes...

Daí em diante nosso namoro às escondidas estava oficializado. Todos os dias nos encontrávamos, ele sempre estava na minha casa ou eu na dele. Passávamos muito tempo conversando, ele fazia de tudo para me agradar e eu passei a mimá-lo de todas as formas possíveis. Foram vários piqueniques no terraço, caminhadas na Lagoa e beijos escondidos na escada a cada intervalo. Havia uma tensão física evidente quando estávamos a sós. Ele sempre dava um jeito de recuar, mas não tocávamos no assunto. Eu sabia o quanto ele estava me preservando, mas sabia também que isso não duraria muito tempo.

Certa noite, ele ficou de ir para a minha casa no final da tarde. Era sábado e eu já tinha armado para não ir para Petrópolis, pois no final de semana seguinte seria o seu aniversário e ele viajaria para ver os pais. Nesse dia eu tinha pedido para Raimunda dar uma limpeza no quarto para mim. Agora Michele rachava comigo, pois tinha ficado encantada ao ver as coisas tão arrumadas. Tomei um banho e deitei na cama já arrumada para ler meu livro enquanto esperava por ele. Depois de quase uma hora lendo, meu celular apitou, vi que havia chegado mensagem. Li o seguinte: “abra porta meu anjo!”

Corri para a porta e ele estava lá, deslumbrante, vestindo a camisa que eu havia lhe dado de aniversário — aliás, muito mais bonito do que o modelo do catálogo da loja. Ele entrou com dois sacos de lanche para viagem, uma garrafa de vinho e uma mochila. Beijou-me e me abraçou tirando meus pés do chão. Depois entrou.

— Nossa! Passou a tarde arrumando isso aqui? Você tem TOC, confessa... — brincou, rindo.

— A Raimunda deu uma faxina pra mim.

— Ficou bem melhor! — elogiou ele, largando as coisas na pia e vindo em minha direção. — Pegue um casaco, vamos sair — ordenou.

— Mas nós não íamos ficar por aqui?

— Mudei de ideia.

— Não está muito frio, não preciso de casaco — reclamei chateada após todo o esforço para deixar o quarto impecável.

— Confie em mim, vai precisar — disse ele com um sorriso de quem sabe das coisas. Obedeci.

Entramos no carro e partimos. Tentei convencê-lo a me dizer aonde iríamos, mas ele foi irredutível na surpresa. Depois de um longo período de insistência comecei a tentar deduzir nosso trajeto. Percebi que íamos para a zona sul, mas graças ao lanche do carro sabia que não se tratava de um daqueles “carérrimos” restaurantes. Também não era o caminho normal para a casa dele. Em pouco tempo vi que estávamos entrando na Marina da Glória e me animei, suspeitando que faríamos um belíssimo piquenique em algum *deck* do local. Ele estacionou o carro e saiu para abrir a minha porta, como sempre. Pegou minha mão e me conduziu andando elegantemente, cumprimentando algumas pessoas pelo caminho. Enfim, paramos na frente de

um lindo iate. Olhei para ele desacreditada quando ele adentrou sem cerimônia no veículo. Ele fez sinal para que eu entrasse e me pegou pela cintura me colocando para dentro.

— Você não me disse que tinha um iate! — falei, com um sorriso afetado.

— Não é meu — informou ele tirando meu cabelo do rosto por causa do vento. — É de um amigo. Mas só por hoje, é nosso — concluiu ele, sorrindo e me beijando carinhosamente.

Nesse momento vi sair do interior do iate um individuo moreno, baixinho e forte, que proclamou com firmeza:

— Tudo certo chefe, pode ir!

Alderico me guiou até o interior do barco e começou a se preparar para pilotá-lo. Tirei o casaco e fiquei ali olhando, pensando quantas habilidades fabulosas dele eu ainda não conhecia. Ele era uma deliciosa caixinha de surpresas. Partimos e eu fiquei vislumbrando a orla enquanto nos afastávamos. As luzes do Rio de janeiro completavam aquele encontro divino. Quando já estávamos longe o suficiente para não ouvirmos mais nada além de nós mesmos e as ondas do mar, ele desligou o barco e me conduziu para a parte externa do mesmo. Depois pegou a garrafa de vinho, abriu me servindo uma taça. Eu nunca havia bebido, mas não queria decepcioná-lo evidenciando a minha total inexperiência em, bom... tudo.

Brindamos e eu falei:

— *Feliz aniversário antecipado meu amor!* — então, tomei o primeiro gole. Não consegui evitar de torcer a cara com o forte sabor, não estava acostumada com nada que não fosse gasoso e doce. Ele riu e eu acabei rindo também. Ele tirou a taça da minha mão e me cercou pela cintura, me puxando para perto dele devagar.

— Acho melhor você ir se acostumando com o *buquet* da minha boca, meu anjo — disse ele acariciando minha face com as costas da mão que segurava a taça. Eu não sabia o que era *buquet*, mas sabia que precisaria de um autocontrole formidável para resistir a qualquer coisa que me levasse até seus lábios. Havia uma leve brisa gelada do mar, que me causou um arrepio, mas não pensei em sair dali para pegar o casaco. Ele começou a passar seu rosto no meu e cheirou meu cabelo como sempre. Depois veio descendo novamente, agora pelo meu pescoço até o meu ombro e deu um beijo nele. Minha mão passava pelas suas costas por dentro do casaco e pude sentir sua confortável pele quente e seu músculos definidos. Quando finalmente ficamos cara a cara de novo, *eu o* beijei de modo visceral e ele correspondeu. Puxou meu corpo mais forte contra o dele e nos abraçamos com um furor quase selvagem. Naquele momento, desejei ardentemente sermos um só, eu e ele. Sempre pensei como seria a minha primeira vez *depois* de casada, mas eu nunca tinha sentido esse desejo todo que estava sentindo naquele momento. Meu primeiro namoro fora mais uma amizade e um ponto no infinito se comparado à imensidão de sentimentos que eu sentia agora. Eu já era dele, de alma e espírito, só faltava o corpo. Ele me pegou no colo, me encostou na borda do iate e me sentou ali. De repente, nos separamos, ofegantes. Ele me olhou, indeciso, como se esperasse uma confirmação minha para avançar. Naqueles segundos, tentei me lembrar de tudo que aprendi para tomar a decisão mais sensata. Estávamos num ambiente de eletricidade magnética, atraídos como dois ímãs. Naquele momento, todos os conselhos que me foram dados eram ecos distantes na minha cabeça. Eu nunca fui o tipo de garota muito exigente comigo, mesmo em relação a obedecer tudo que me ensinavam. Na verdade, sempre fiz o que quis. Achava que bastava que acreditassem que eu era perfeitinha e tudo ficaria bem. Mas ali eu era livre para fazer minhas escolhas, e achei que no amor todas as respostas se encontravam. Nos breves segundos em que nos olhávamos, pairando naquele ambiente de extrema tensão física, ele perguntou baixinho:

— Angelina, sua criatura maravilhosa, por que esta me provocando?

Olhei para ele com um sorriso sorrateiro e, enfim, não resisti mais. Eu mesma voei para

cima dele para não mudar de ideia novamente, e ali, à luz da lua, nos amamos intensamente.

Acordamos, abraçados. Eu podia morrer ali. Estava feliz e experimentando minha primeira manhã ao lado dele. Era uma mulher, enfim. Amada e amando. O sol entrava tímido pela porta entreaberta trazendo um ambiente sereno ao lugar. Tudo estava perfeito, até meu celular tocar. Era minha mãe. De repente, o mundo real caiu na minha cabeça. O que eu iria dizer? Eu odiava mentir para os meus pais, mas eles não iriam entender aquela paixão desenfreada em tão pouco tempo. Receosa, atendi e mais uma vez menti. Disse que estava acordando naquele instante e que iria começar a arrumar o quarto. Minha mãe falou algumas amenidades e pediu para eu ler a Bíblia, já que não iria à igreja. Prometi que sim e desliguei assim que pude, retornando para desfrutar dos braços do meu amado. Passei o resto do dia pegando uma coisinha aqui, outra ali, sorrindo e colocando tudo no lugar de novo. *Ah, l`amour!*

CAPÍTULO V
A COLHEITA

O semestre seguiu assim, em lua-de-mel, nos encontrávamos quase todo dia na minha casa ou na dele, sempre escondidos. Todo mundo já sabia o que estava rolando, mas ninguém comentava, nem a Michele.

Eu era pura paixão. Mesmo com o passar dos meses meu coração disparava cada vez que nos víamos. Passamos todos os finais de semana juntos, exceto o do aniversário dele, porque ele foi ver a família. Eu praticamente não ia em casa nunca e sempre inventava alguma coisa no final de semana. Quando ia, passava o dia em Petrópolis contando os minutos para voltar. Não pensei em contar nada aos meus pais e nem à Natasha, pois sabia que iriam me criticar. Eu e Michele ficamos um pouco mais próximas e conversávamos com mais frequência, mas sem muita intromissão na vida uma da outra. De vez em quando, Raimunda me chamava para almoçar e eu ia para lá. Sempre fazíamos orações antes de comer, o que me fazia lembrar de casa. Ela também sabia do meu namoro às escondidas, mas não falava nada. Frequentemente tentava arrancar alguma coisa de mim, mas eu sempre escapava pela tangente. Carina, sua neta, adorava brincar comigo, e eu às vezes a levava para a república. Eu e Carla conversávamos bastante e ela me parecia uma pessoa muito centrada e forte, que não se preocupava em julgar ninguém, por isso eu ficava mais à vontade com ela.

Certa tarde, eu estava ajudando Carla a olhar Carina enquanto ela estendia a roupa e perguntei sobre o pai da menina. Eu sempre via seus pais se esforçando tanto para dar o melhor para a filha, então queria saber se ela recebia alguma ajuda do pai ou se ele havia falecido. Carla parou, olhando fixamente para a lagoa por alguns segundos e depois disse que não sabia onde ele estava, que havia ido embora assim que soube que ela estava grávida e eu me senti mal por ter perguntado naquele momento encantador, mas ela continuou:

— Ele era aluno daqui, sabe? Tinha uma condição muito melhor do que a minha. Eu sempre fui jeitosa, gostava de andar por aí como aluna e até fiz umas amizades. Meus pais não gostavam e eu sempre saía fugida para as festas e chopadas. Foi quando o conheci. Fiquei encantada com a educação dele e ele me tratou como uma princesa, me apaixonei perdidamente. Como meu pai era zelador da faculdade, namorávamos escondido para não cair no ouvido dele. Após alguns meses ficando com ele, engravidei. Era final do semestre e quando

contei o ocorrido, ele logo quis *dar um jeito* na situação. Mas eu não deixei — ela olhou com uma expressão resignada para Carina. — Descobri naquele momento que ele nunca foi a pessoa que eu amava. Pensei que ele iria voltar atrás, mas não voltou. Em vez disso, transferiu a faculdade para fora do país — meus olhos encheram-se de lágrimas. — Sei que fiz a melhor escolha depois que ele se foi.

— A Carina é mesmo uma graça, uma benção — argumentei.

— Não estou falando dela — minhas sobrancelhas se uniram. — Estou falando de Jesus.

— Depois que ele foi embora também pensei em me livrar da gravidez, mas quando meus pais descobriram, maior foi o meu choque com todo o apoio que me deram. Falaram que iriam me ajudar e que eu precisava de outro pai para ela, um pai que nunca a abandonaria. E mais ainda, que Ele poderia me prover como um marido faria.

— Como um marido? — contestei, sem entender.

— Sim. Em todas as necessidades, e assim tem sido. Deixe me ver... *Oséias Cap 2:14: 16.*

"Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração. E lhe darei as suas vinhas dali, e o vale de Acor, por porta de esperança; e ali cantará, como nos dias de sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egito. E naquele dia, diz o SENHOR, tu me chamarás: Meu marido; e não mais me chamarás: Meu senhor."

As lágrimas involuntariamente rolaram pelo meu rosto, nunca tinha visto o amor de Deus assim tão presente. A certeza que ela tinha de sua proteção era invejável e eu me senti culpada por não estar mais orando e nem lendo a Bíblia. Aliás, eu nem tinha mais uma Bíblia. Decidi que compraria uma novamente. Levantei-me para partir e Carla ainda me disse:

— Quando quiser estudar a palavra pode vir, leio para o meu pai todos os dias, podemos ler juntas.

E então me deu um abraço e começou a gritar para Carina colocar o chinelo.

Voltei para a república sentindo um aperto no peito, uma falta, não sabia do quê. Pela primeira vez me senti mal por estar tão distante dos meus pais. Eu estava vivendo uma vida paralela da qual eles nem tinham ideia, mas esse meu *novo mundo* não se encaixava no deles. Eles eram muito cheios de doutrina e regras, estava bom assim, pelo menos por enquanto. Talvez quando eu estivesse perto de me formar contaria a eles. Até lá, Rico já teria me pedido em casamento — sorri com a ideia — e talvez desse tempo dele se converter para o meu pai aprovar. Nós nos amávamos tanto... Sabia que ele faria qualquer coisa por mim.

Quando cheguei na república ele estava sentado no sofá vendo o jogo com os amigos. Ele me viu e sorriu para mim... *Meu pequeno mundo particular. S*ó respirar onde ele estava já me deixava feliz. Nesse instante, Michele e suas insuportáveis amigas desceram a escada. Percebi que a loira de mecha azul, vulgo *Desiree*, ficou encarando nitidamente o Rico com expressão raivosa e comecei a ferver por dentro. Não gostei daquela atitude e fui me sentar ao lado dele. Ele olhou rápido para ela enquanto eu me sentava e depois me abraçou, continuando a comentar o jogo com os amigos. Apesar do nosso namoro não ser explicitamente público, achei um desaforo ela encará-lo daquele jeito sabendo que estávamos juntos. Mais abusada ainda, ela veio perguntado para um garoto ao nosso lado quem estava jogando e se sentou no chão, encostando no sofá, quase na minha perna. Afinal, o que aquela alienígena queria ali? Minha cara ficou péssima e dessa vez vi que ele ficou incomodado também, pois logo levantou e me puxou pela mão até a escada. Eu ia subir na frente dele e quando pisei no primeiro degrau ele me virou subitamente e me deu um beijo ardente e demorado bem ali, na frente de todo mundo, o que levantou um sonoro "aêêê" da moçada lá embaixo. Depois me pegou no colo e subiu as escadas.

Pude ver a cara patética de deboche dela enquanto eu subia vitoriosa nos braços dele e fiquei muito satisfeita com o recado dado.

— Qual o problema dessa garota? — perguntei, ainda em seu colo.

Ele respondeu somente:

— Inveja — e chutou a porta do meu quarto para dentro.

Estava chegando o período de provas e eu estava bem atrasada na leitura dos livros, não sabia se leria tudo a tempo e estava ficando em pânico. Não gostava de falar de matéria quando eu e Rico estávamos juntos, e na sala de aula éramos formais ao máximo um com o outro (com exceção de umas risadinhas charmosas de vez em quando).

As avaliações estavam se aproximando, ele percebeu meu conflito e sempre que vinha eu tinha algo para fazer. Eu sabia que ele iria passar todo o período de férias de Julho na Alemanha com seus pais, e eu em Petrópolis com os meus. Então, cada minuto agora era precioso. Foi quando ele sugeriu que poderia me dar uma "ajudinha" com as provas. Como professor, ele tinha acesso a tudo e podia me passar as questões das provas para eu saber *o que* estudar. No começo achei um absurdo, afinal ele já tinha feito praticamente todos os meus trabalhos do semestre para ficarmos com mais tempo livre, mas quando ele disse que era isso ou ele deixar de vir para eu estudar *tudo* que faltava, não pensei duas vezes. Afinal, não era o gabarito, só as perguntas. Nesse dia fui dormir inquieta, me revirei várias vezes até pegar no sono e finalmente quando fechei os olhos pude sentir grama na minha mão.

Abri os olhos e estava lá de novo, no velho e conhecido parque, deitada naquela grama sem fim. Sentei-me e notei que o tempo estava mudando, algumas nuvens vinham em minha direção. Nessa hora senti uma pontada no peito e um vazio estarrecedor, faltava algo ao meu redor. Levantei depressa com o um impulso de um animal pronto para caçar, olhei ao redor e parecia que uma parte de mim havia fugido, eu estava incompleta. Seguindo meus instintos, corri o mais rápido que pude para achar o elo perdido. Quanto mais eu corria, mais o desespero aumentava. De repente, senti *o cheiro* que me acalmou instantaneamente. Não era mais de maçã ou de mel, era um cheiro inebriante que me lembrava o aroma da pele *dele*. Segui o perfume e cheguei ao local onde a escada estava. Nela, cinco homens à esquerda seguravam suas bandejas. Em cima de cada uma havia cálices transbordando de um certo tipo de *vinho* e eu me aproximei, sorridente e com intimidade. Dessa vez o homem nem precisou me oferecer, eu *precisava* beber. O odor era desesperadoramente atraente, e eu diria vital, para a minha sobrevivência. Peguei a taça e a levantei num gesto sutil de agradecimento ao *homem-anjo*. Trouxe para perto do nariz como uma grande apreciadora e descobri ,enfim, o que era *buquet*. Bebi, degustando cada gole lentamente, deixava escorrer pelo meu rosto e às vezes pelas bordas da taça. Dessa vez, não senti a felicidade de antes e sim um intenso e avassalador alívio. Eu necessitava daquilo como do ar para viver. A taça caiu da minha mão, eu ainda estava absorvida pela sensação de paz quando me virei para checar a bandeja. Ela já estava lá, virada para mim, refletindo minha imagem contornada por aquele céu cinzento. Meu vestido se transformou em vermelho púrpura, eu estava altiva e me sentindo completa de novo. Logo a bandeja caiu, fiquei imóvel para apreciar o espetáculo da transformação como se já estivesse habituada com tudo aquilo. O homem tremeu e então saltou para a frente me fazendo dar um pulo desconcertado para trás. Diante de mim estava agora um leão de olhos vermelhos. Ele deu passos lentos, rugindo na minha direção como se fosse atacar e eu fiquei apavorada! Subitamente, ouvi um estrondoso trovão. Ele olhou para o céu relutante e raivoso como se estivesse recebendo alguma ordem, eu estava tonta demais para fugir Foi então que ele partiu para a floresta como os outros animais. Saí correndo dali com medo que ele voltasse, mas estava com muita tontura e caí.

Fechei os olhos com força e ainda escondia a cabeça entre os braços quando ouvi:

— Angelina! Angelina! Acorda! Vai se atrasar, hein menina!

Abri os olhos e contemplei Michele me acordando. Sentei rápido e olhei tudo em volta, meu coração ainda estava disparado. Os sonhos estavam sendo demasiados repetitivos e nítidos. O que significava tudo aquilo?

Michele informou que já estava de saída e que só tinha me acordado porque sabia que eu tinha avaliação. Levantei, me arrumei ainda tonta e saí para fazer as provas. Fiz todas com absoluta segurança das respostas. Esse era um assunto resolvido. Porém, a cada dia eu ficava mais triste. Sabia que nosso tempo juntos estava acabando, esse era o meu dia cinzento, *eu achava.*

Enfim chegou o dia da viagem dele. Fora apenas um semestre, mas parecia que as coisas mais importantes da minha vida aconteceram nele. Não tinha ideia de como iria sobreviver sem o Rico naquelas melancólicas férias.

Acordamos na casa dele e as malas já estavam prontas. Não consegui pregar o olho a noite toda. Fiquei contemplando seu rosto, com algumas lágrimas caindo de vez em quando e meu coração nunca estivera tão apertado. Eu não sabia que amar poderia doer tanto. Ele era o meu deitar e a minha razão para acordar todos os dias. Pouco depois ele acordou e se virou para mim, a luz da janela batia em seu rosto fazendo-o parecer celestial. Mas, diferente dos dias normais, ele não sorriu. Talvez a dor estivesse no peito dele também. Ele me abraçou e ficou assim por alguns minutos. Essa atitude dele fez meu coração apertar ainda mais, estava realmente parecendo uma despedida. Nos arrumamos e tomamos café, a maior parte do tempo em silêncio. O fiz prometer várias vezes que me ligaria todos os dias e que à noite nos falaríamos no MSN. O interfone tocou e era o táxi que solicitamos para ir ao aeroporto. Ele insistiu para que eu voltasse direto para a república alegando que, quanto mais se prolongasse a despedida, pior seria para nós dois. Mas nenhum segundo sem ele era válido e depois de eu muito bater o pé, ele me levou.

Fomos silenciosos e abraçados por todo o caminho. Quando chegamos no aeroporto, ele foi direto para o *check in* e para a sala de espera. Quando anunciaram o vôo dele, tive que me controlar para não ser ridícula e sair gritando, implorando para que ele não fosse. Ao invés disso, beijei-o entristecida e nos abraçamos apertado. Sem mais nenhuma palavra, ele se foi. Antes de sumir de vista ele se virou para me olhar mais uma vez. Depois, fazendo um movimento mudo com os lábios, ele disse: — Eu te amo*!* Meu coração quase parou.

Retornei para a república para arrumar minhas coisas pois meu pai viria me buscar no fim da tarde. Chorei o caminho todo. Como podia já estar com tanta saudade?

Às cinco horas da tarde em ponto meu pai chegou, eu já estava pronta. A felicidade dele de me levar para casa por um mês não condizia com o meu estado de espírito, mas disfarcei o melhor que pude. Quando chegamos em casa havia uma festa surpresa à minha espera, mas tudo que eu não desejava era aquele retorno triunfal. Minha mãe reuniu toda a família e amigos e serviu um belo banquete. Achei péssimo porque além de ter que disfarçar minha tristeza para meus pais, tinha que fazer sala para aquela gente toda. Fiquei alienada a maior parte do tempo. Quando tudo acabou, ajudei minha mãe a arrumar as coisas e subi para o meu quarto. Ao entrar ali, parecia um lugar estranho. Não sentia mais aquele como *o meu lugar* porque ali Rico não existia. Imaginei como seria duro dormir longe dos seus braços, do seu cheiro, do seu coração...

Larguei a bolsa no chão e decidi arrumar as roupas depois, era tarde e eu estava exausta. A única coisa que me importava era deixar meu celular ao lado da cama, pois havia pedido ao Rico que ligasse assim que chegasse. Quando deitei pouco depois minha mãe entrou no quarto.

— Tudo bem, querida?

Por que não consigo esconder nada dela?

— Sim mãe, só estou cansada.

— Você me pareceu meio... ausente hoje. Acho que não foi uma boa ideia essa festa, não é?

— Não, mãe! Foi ótimo rever todos. É só cansaço mesmo, fiquei estudando até tarde vários dias, é só isso.

— Boa noite então, amanhã conversamos melhor — ela me deu um beijo na testa e saiu. Eu sabia que ela não estava convencida e que a conversa não acabaria ali.

Acordei várias vezes à noite para checar o celular, mas não havia recados. Quando acordei de manhã, chequei de novo, nada. Achei que ele estava confuso com o horário da Alemanha e levantei para tomar um banho e arrumar as coisas. Quando acabei, desci para tomar café, Vitor veio correndo e deu um pulo no meu colo. Ele estava muito mais esperto e falante. Resolvi que depois do café iria levá-lo na praça.

A praça estava cheia de crianças, perfeita para um dia ensolarado. Fiquei ali olhando meu irmãozinho com os amigos e conferindo o celular a cada cinco minutos. Pensei se Rico estaria com a mesma saudade que eu estava dele. Eu estava gostando de rever minha família, só queria que *ele* também estivesse ali. Decidi que, quando ele voltasse, conversaríamos sobre ele conhecer meus pais. Afinal, o que meu pai poderia fazer? Eu já era maior de idade, no máximo ele iria ficar de cara feia no início, mas depois que conhecesse o Rico, com certeza eles iriam se dar bem.

Voltamos para casa e chegou a hora do almoço, fui para a cozinha ajudar minha mãe a distrair a cabeça com alguma coisa, senão iria pirar. Quando comecei a descascar umas batatas, minha mãe começou o esperado interrogatório:

— Como foi sua experiência de morar sozinha, filha?

— Senti falta da sua comida – falei rindo para tentar distraí-la.

— Fez muitos amigos? — continuou ela.

— Não muitos. O pessoal lá é meio esquisito, cabelos azuis...

— E a Michele?

— É uma das mais esquisitas, mas começamos a nos dar bem de um tempo par cá.

— Ela vai vir ver a família dela?

— Sim vem, acho que já deve ter chegado.

— Ela podia ter apanhado carona com seu pai e você.

— Acho que não, ela não queria vir ontem — e eu não queria que ela *falasse demais* no carro, pensei.

— Convide-a para vir aqui um dia desses, quero agradecê-la pela vaga que lhe arrumou.

— Está bem, vou falar com ela. Já acabei mãe, vou subir para ver meus *e-mails* e depois desço para almoçar.

Subi as escadas, tranquei meu quarto e liguei o computador. Com certeza ele devia ter mandado alguma mensagem. Decepcionada, verifiquei que não havia nenhum e-mail para mim. Também, estive tão ocupada que não dava mais tanta atenção aos meus amigos e acabei afastando alguns. Mas minha maior frustração foi pela falta do e-mail *dele*. Eu não tinha nenhum número de telefone para ligar. Não peguei pois não saberia o que dizer ao meu pai se ele visse uma ligação minha para a Alemanha. Além do que, ele *garantiu* que iria me ligar todos os dias.

O dia correu se arrastando e eu estava cada vez mais aflita. Chequei todos os sites jornalísticos possíveis para ver se algum avião havia caído na noite anterior, mas graças a Deus, não. Às nove horas da noite eu estava à beira da loucura e sem ninguém para conversar. Foi então que resolvi mandar, eu mesma, um e-mail zangado para ele falando de como estava

saudosa e preocupada, e pedi que me ligasse imediatamente.

Dez horas. Onze horas. Meia noite. Nada. Eu já não sabia mais o que pensar, resolvi acreditar que ele se empolgou ao ver a família e passou o dia inteiro com eles. Afinal, ele não os via a tempos, mas no dia seguinte *com certeza* iria me ligar. Passei a noite toda no MSN, caí no sono umas cinco horas da manhã. Acordei com o celular tocando e dei um esperançoso pulo da cama. Era Michele. Minha vontade de atender era zero, mas pelo menos era alguém que conhecia o Rico e eu podia falar sobre ele. Então, atendi.

— Oi gata, chegou bem? — perguntou ela.

— Sim claro, e você? — perguntei, sem o menor interesse.

— Bem, vamos ver se nos vemos por aqui.

— Minha mãe quer convidá-la para almoçar esses dias.

— Ok, mas estou falando de *balada* gata, você precisa aproveitar agora que está solteirinha de novo — brincou ela.

"*Solteirinha? Eu?"*

— Vamos ver, me liga no final de semana, tá? — respondi rudemente.

Desliguei, irritada pelo fato das pessoas serem tão fúteis e achar que só porque eu não estava ao lado dele *naquele momento,* não tínhamos um compromisso. Mas o pior estava por vir: passaram-se horas, um dia, uma semana, duas semanas e nenhuma notícia dele.

Tudo era branco... e preto. Não conseguia ver as cores, nem sentir os cheiros. A dor era diária e... física. Não conseguia comer, não conseguia dormir, e mesmo assim queria ficar o dia inteiro na cama. Os poucos momentos em que dormia conseguia fugir da realidade. Às vezes sonhava com ele, o que me dava um alívio temporário e uma enorme e lenta facada no peito quando eu acordava. Se fosse mais egoísta, desejaria morrer para acabar com aquela dor, mas pelos meus pais não pedia isso. Eles já estavam preocupados e confusos com o meu estado. Não pedia nada, só ia... sobrevivendo.

Meus olhos estavam constantemente cheio de lágrimas, minhas olheiras eram minhas mais fieis companheiras. Eu só queria que alguém, ou algo, fizesse aquilo parar. Eu estava habituada a ter todos os meus desejos atendidos e esse simplesmente não era. Meu pai sempre fora do estilo compensador, se eu fizesse a minha parte, ele me dava o que eu queria, e não era difícil agradá-lo. Comecei a refletir sobre como era o meu relacionamento com Deus antes de eu ir estudar no Rio de janeiro e concluí que também era assim. Ele sempre me dava o que eu pedia, mas eu sabia que eu não estava agradando-O no momento. Minha tristeza ficou notória para os meus pais, e as inúmeras vezes que eles tentaram conversar comigo foram inúteis. Eles me levavam à igreja, mas eu não prestava atenção em nada. Eu estava doente, doente de amor. Michele me ligou várias vezes, mas eu não a atendia. Certo dia, minha mãe a atendeu no telefone e convido-a para ir lá em casa sem me consultar para ver se eu me animava. Era sábado à noite. Eu estava em frente ao computador vendo fotos da Alemanha e digitando idiotamente o nome dele no *Google*. Em um dos *links* apareceu o site "nomes e significados". Entrei, só por curiosidade. Tudo que era relacionado a ele me interessava, até as coisas mais simplórias. Afinal, aquele nome regera minha vida pelos últimos seis meses. Tive um choque quando o significado apareceu: chefe dos principados! Achei aquilo horrível, eu havia aprendido sobre principados e potestades na igreja quando criança e achei que não tinha nada a ver com Rico. Por mais que estivéssemos, provisoriamente (eu esperava) separados, sabia que ele não era uma pessoa do mal. Resolvi entrar num dicionário *online* e procurar outro significado para principado, eis o que achei: território cujo governo pertence a um príncipe ou a uma princesa. Este sim parecia com ele. Foi quando Michele entrou no meu quarto sem ser convidada.

— Nossa gata! Você tá horrível!

—Tudo bom com você também, Michele? — respondi ofendida.

— O que aconteceu? Não atende mais minhas ligações... daqui a uma semana as aulas voltam, não é bom me esnobar tanto assim agora — brincou ela, tentando me animar.

— Só estou cansada.

— Nada disso! Hoje eu vim com uma missão e você não me escapa — falou ela, abrindo meu armário com a maior intimidade e escolhendo uma roupa.

— Não vou sair, Michele! — reafirmei, irritada.

— Não vamos a nenhuma festa, vamos a um... barzinho sei lá, conversar, ver gente, tem muitos gatinhos aqui perto. Você sabia que às vezes até vejo alguns garotos da igreja lá, danadinhos!

— Eu não estou solteira! — gritei, à beira de um ataque de nervos.

Michele arregalou os olhos pela minha reação, mas não se abateu.

— Conversamos sobre isso lá também — disse ela, com a roupa já na mão.

Nem reparei no que ela escolheu, mas vesti. Talvez fosse bom para mim desabafar com alguém. Só teria que ir a um bar menos badalado para não "pagar muito mico" caso eu desabasse no choro.

Meus pais ficaram felizes ao me ver saindo com ela. Ah, se eles soubessem quem ela realmente era...

Fomos andando pela rua e ela começou a falar enquanto acendia um cigarro.

— E então, o que está te abalando tanto, amiga?

— Bem... você já sabe de mim e do Rico, não é?

— A faculdade inteira sabe, gata — respondeu ela com um sorriso irônico.

— Pois é, desde que vim pra cá ainda não nos falamos, estou confusa. Ele prometeu que iria ligar, mas não ligou. Não mandou e-mail, nada. Não posso ter me enganado tanto assim sobre ele... Passamos tanta coisa juntos, eu sei que ele também gosta de mim.

— Pode até ser que sim Angelina, mas você sabia que isso estava fadado a dar errado, não é?

Que cabeça preconceituosa! pensei, e logo ela que era tão moderninha. Segui em frente e contestei:

— Não acho que a nossa diferença de idade seja um problema, isso é muito comum hoje em dia. Também não acho que o fato dele ser professor importa tanto, sou maior de idade e estamos na faculdade e não no colegial.

— Não estou falando disso, estou falando *do resto*... Você sabia no que estava se metendo — acusou ela, ironicamente.

Resto? Que resto?

— Do que você está falando, Michele? Me dê um bom motivo para isso não dar certo?

— A *noiva dele*, por exemplo! Achei que você era mais... religiosa quanto a isso.

Noiva? Como ele pode ser noivo se passou os últimos meses grudado comigo todos os dias?

Com essa bomba na minha cabeça me virei e agarrei Michele pelos braços, virando-a para mim para ter certeza de ter ouvido direito.

— O que você disse? O que está inventando, Michele? Pensei que fosse minha amiga... — esbravejei, abalada.

— Você já sabia, é claro... — pestanejou ela, começando a desconfiar que não. — Todo mundo sabe que ele tem uma noiva que vive viajando.

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e me abaixei sem forças para respirar. Tudo começou a girar e a ficar preto, achei que fosse desmaiar. Michele me segurou e pediu ajuda a um rapaz que passava para me colocar no banco mais próximo.

— Acho melhor levá-la para casa, você está branca, vou chamar um táxi!

—Não! — supliquei. — Fique aqui.

Abracei-a desesperada e ela retribuiu, no começo meio sem jeito, mas depois realmente me confortando.

— Desculpe — disse ela, enquanto eu soluçava cada vez mais —, eu jurava que você sabia de tudo, achei que era por isso que vocês se escondiam e ninguém tocava no assunto.

Como eu podia saber se não fiz amizade com ninguém? Falava muito superficialmente com algumas pessoas, o meu mundo só girava em torno dele," refleti.

Rico tinha sido como um cometa, que atravessou a minha existência monopolizando toda a minha atenção.

— Você não tem culpa, eu que sou uma idiota!— esbravejei, chorando.

Depois de alguns minutos soluçando sem parar, vários *flashes* começaram a passar pela minha cabeça: os telefonemas atendidos na varanda; o porta retrato digital que havia sumido da sala; seu aniversário viajando... e não havia motivo melhor para ele não ter me ligado ainda. Tudo se encaixava.

Aos poucos fui me recuperando. Michele ficou ali, quietinha, enquanto eu estava deitada no colo dela. Não sabia que ela podia ser tão legal.

Enxuguei o rosto com a mão, me virei para ela preparada para tudo e implorei:

— Por favor, me conte tudo que você sabe.

Ela me olhou fixamente por alguns instantes e depois começou:

— Bem, não é muito. Só sei que ele tem uma noiva desde a época de faculdade. Ninguém nunca a viu, a não ser os amigos mais próximos dele. Ela é do tipo que não fica no pé sabe, mas ele também nunca tinha saído da linha assim explicitamente como fez com você. Se fazia alguma coisa errada, era bem discreto. Com você foi diferente, ele não fez muita questão de esconder. E olha que não faltou uma fila de alunas querendo o seu lugar. Desiree é uma delas.

— Por isso ela me olhava tão feio quando eu estava com ele... — constatei.

— Eles ficaram uma vez, numa chopada, logo quando ele virou professor. Ele não foi atrás dela, foi o contrário. Ela vivia se oferecendo para ele e então um dia eles *ficaram*. Foram só uns beijinhos, mas se dependesse dela teria sido mais. Ele estava se divertindo com os amigos, não quis levar isso adiante e deixou ela ir embora da chopada sozinha. Depois disso, ela ainda o perseguiu algumas vezes, mas ele nunca retribuiu. Dizia que não podia continuar com aquilo por causa da noiva. Ela sabia do noivado dele e não se importava de ser a outra, mesmo assim ele não a quis. Ela é uma menina muito cobiçada e não costuma ser rejeitada, então passou a odiá-lo, e de quebra odiou você também por ter conseguido o que ela sempre quis.

Aquilo fora demais para mim. Queria sair correndo e fugir. Agradeci a companhia e o apoio de Michele, mas disse que queria voltar para casa sozinha com todas aquelas informações para organizar meus pensamentos.

— Não comente nada disso com meus pais, está bem? — pedi a ela.

— Não se preocupe, se precisar conversar me liga — então me abraçou e nos separamos.

Comecei a caminhar torcendo para que tudo aquilo fosse um pesadelo, do qual eu acordaria a qualquer momento. Preferia mil vezes ter uma fera daquelas me devorando do que sentir aquele sentimento, que me despedaçava por dentro. Caminhei lentamente pensando em tudo que ouvi. Não tinha pressa de chegar em casa e ter que fazer cara de afortunada. Comecei a lembrar de tudo que passamos juntos: nossos piqueniques; nossos cineminhas, nossos momentos de intimidade... Eu tinha me entregado *completamente* a ele, como ele podia fazer aquilo comigo?

De repente parei para chorar mais um pouco, procurei um lugar para me sentar e me dei

conta de que estava exatamente em frente ao templo da nossa igreja. Parei ali, olhando para o templo e pensando na minha situação. Caminhei lentamente até o primeiro degrau da escada e, ao invés de sentar caí ali de joelhos, aos prantos, sem me importar com quem estivesse passando. Comecei a pedir perdão a Deus pelo que tinha feito, pelas minhas mentiras aos meus pais, por ter esquecido de Deus e do Seus ensinamentos, por não ler mais a Bíblia, por não saber mais quem eu era, por ter me entregado ao Rico antes do casamento, e — inacreditavelmente —, por ainda amá-lo tanto apesar de tudo indicar que era *tão* errado.

Fiquei ali, orando e implorando a Deus que fizesse aquela dor parar, que o trouxesse de volta para mim e consertasse as coisas entre nós. Depois de um longo e sofrido período, resolvi voltar para casa.

Felizmente já era tarde e meus pais estavam dormindo. Peguei um remédio para insônia na cozinha, tomei e subi. Eu queria dormir o mais rápido possível e esquecer tudo.

CAPÍTULO VI
REVELAÇÃO

Abri os olhos sentindo gotas de chuva no meu rosto e quando dei por mim estava no cenário dos meus sonhos. Levantei da grama e vi que meu vestido vermelho estava todo molhado, assim como meu cabelo e todo o resto. Uma forte dor no coração me acompanhava. Comecei a caminhar com a esperança de encontrar o fruto da felicidade que sempre me aguardava, não me importava se precisasse enfrentar um leão para consegui-lo; eu o necessitava mais do que nunca para preencher aquele enorme vazio. Segui por um bom tempo andando sozinha e a chuva apertou. Eu me sentia perdida e sem rumo, não havia nada nem ninguém para me guiar. Finalmente, de longe contemplei a escada. Dirigi-me a ela andando mais rápido e conforme me aproximava vi que quatro homens estavam de pé à esquerda dela, com suas bandejas como das outras vezes. Desci lentamente os três primeiros degraus, jogando o corpo meio sem vida. Parei em frente ao quarto homem e contemplei, furiosa, a bandeja vazia. Meus olhos se encheram de ódio ao me virar para ele. Com um semblante irritantemente tranquilo ele sorriu levemente para mim e olhou para a floresta, assim como os outros três abaixo dele. Apreensiva, virei o rosto na mesma direção para ver se era alguns dos animais voltando para me devorar. Foi então que *meu mundo parou*. Pude contemplar à distância a torturante visão de Alderico, saindo da floresta e caminhando na minha direção, segurando uma inexplicável fita preta. Ele se aproximava andando lentamente e a chuva molhava seu cabelo. Ele estava todo vestido de preto e seus olhos brilhavam ao olhar para mim. Só de vê-lo, imediatamente a felicidade me consumiu, eu não precisava de mais nada, sua presença era tudo que eu desejava, não havia nenhum fruto no mundo que pudesse substituir aquilo.

Quis correr em sua direção, mas meus pés estavam presos no chão. Ele sorriu e olhou, balançando negativamente a cabeça quando fiz isso. Começou a subir os degraus lentamente e, enfim, parou na minha frente. Eu queria pular sobre ele, abraçá-lo, beijá-lo... Havia esperado tanto tempo! Mas não conseguia me mexer, era como se estivesse congelada. Eu sabia, pelo seu olhar, que era *ele* quem estava me detendo. Se me libertasse, eu poderia alcançá-lo, mas agora não podia. Ele se aproximou de mim, pegou meus punhos com suavidade, levou-os à boca e, carinhosamente, os beijou. Depois, passou a fita ao redor deles e fez um laço. Não era novidade que eu era sua prisioneira. Ficamos nos admirando mutuamente durante alguns silenciosos

minutos, meus olhos revelavam tudo o que eu queria dele. Eu podia sentir o ar entrando em meus pulmões novamente, jurei para mim mesma que nunca mais iria deixá-lo, não importava o que houvesse. Foi então que um enorme barulho estrondou atrás de mim e me virei para trás, assustada. Ao olhar, pude contemplar um enorme dragão que soltava um intenso fogo pela boca apesar da chuva forte. Voltei-me para Rico, mas ele não estava mais lá. Tentei desatar minhas mãos e não conseguia. Então, corri. Corri o máximo que pude sem olhar para trás, mas a lembrança de Rico me deteve, ele ainda poderia estar lá correndo risco. Então, parei e me virei. O grande dragão olhou para mim e soltou seu fogo ensurdecedor na minha direção com toda força. Imediatamente me abaixei e protegi o rosto, imaginando que seria meu fim. Pude sentir um clarão intenso à minha volta, mas não sentia nada me queimar. O fogo persistia, sem me afetar. Levantei a cabeça, intrigada por aquela inofensiva luz e vi que entre mim e a luz que saía da boca do dragão havia o contorno de um homem sentado num cavalo. Ele tinha um grande arco nas mãos e uma coroa em sua cabeça. Disparava flechas certeiras na direção do dragão, que imediatamente começou a fugir. Foi então que percebi que a luz não vinha da boca do dragão. Na verdade, emanava do arqueiro. Queria ver a face dele, mas não conseguia pois sua luz inibia minha visão. Depois que o dragão se foi, abriu-se um grande clarão no céu e as nuvens se separaram. Ofuscada pela forte claridade eu, de repente, acordei com minha mãe abrindo a janela do quarto e me chamando para irmos à igreja.

Esse sonho foi, sem dúvida, o mais intrigante de todos. Sempre achei que sonhar era bom, principalmente naquelas últimas semanas pois era uma forma de fugir da minha triste realidade. Mas às vezes eles também poderiam ser perturbadores e ruins. Quando você sonha, na maioria das vezes não sabe que está sonhando e então faz as coisas meio sem pensar. Decidi que a partir daquele momento estaria mais atenta caso aparecesse de novo naquele lugar, não cederia a nenhuma pressão ou desejo sem antes raciocinar bem. Parecia que àquele mundo à parte realmente existia para mim. Não me deixaria mais ser controlada e não tocaria em nada sem analisar antes, não queria mais animais terríveis vindo atrás de mim. Queria saber quem se interporia por mim daquela maneira... e recordei que, até no sonho, Rico me abandonara. Uma pontada aguda atingiu meu coração quando lembrei dessa parte do sonho. Ele estava tão real, e tão... lindo. Eu não precisava refletir muito para saber *o que* significava aquele laço. Eu estava completamente presa a ele, ele controlava o meu mundo, e mesmo assim me abandonou. Mas *alguém* não me abandonou. Comecei a pensar no cavalheiro luminoso. Quem seria este, que estava a meu favor? Mesmo sem eu pedir *nada*, ele estava lá, *de graça*. Queria compartilhar esses sonhos com alguém,mas não sabia com quem. Essa pessoa teria que saber da existência do Rico e só a Michele sabendo já era gente demais naquela pequena cidade. Se contasse a Michele, ela provavelmente iria rir, o que não me ajudaria muito. Lembrei de como ela fora gentil comigo na noite anterior e resolvi ligar para ela para, quem sabe, nos encontrarmos na igreja. Não sabia se a família dela ainda ia lá, mas seria bom ter alguém para conversar francamente após o culto, alguém que fizesse parte do meu *segundo mundo*. Liguei para ela e, surpreendentemente, já estava acordada. Convidei-a e, depois de relutar um pouco, ela aceitou.

Nos encontramos na porta da igreja e eu já havia guardado lugar para ela comigo, lá no fundo. Ela chegou com uma roupa simples e recatada, que não combinava com seu aspecto no dia-a-dia, mas mesmo assim, bem melhor. Antes que eu dissesse alguma coisa, ela debochou:

— É minha roupa de igreja, peça única, não fala nada! — sorriu e entramos.

Fiquei observando as pessoas à minha volta, entrando, sorrindo, brincando e se cumprimentando. Existia felicidade por toda parte, menos em mim. Como podia haver felicidade num mundo onde Rico não habitava? Para mim, era com se ele fosse o centro da terra.

Os louvores começaram e nos levantamos. Em poucos minutos tomei um susto: Michele

estava se debulhando em lágrimas ao meu lado. Querendo dar-lhe apoio da mesma forma que ela fizera comigo, passei o braço em volta dos seus ombros. Os soluços do seu choro aguçavam a minha própria dor. Nos abraçamos e choramos juntas por muito tempo. Mesmo eu não sabendo a razão dela, dor é dor.

Quando os louvores acabaram, nos sentamos e nos entregaram alguns lenços de papel, havia me esquecido como o pessoal dali era gentil. A palavra começou e senti muita falta da Natasha ao ver o pai dela no púlpito. Em certo momento, a palavra prendeu minha atenção completamente, era como se estivesse falando particularmente comigo.

"...muitos de vocês aqui hoje podem estar com o coração partido, cheio de ódio, rancor e decepção. Desiludidos com o que as pessoas lhes fizeram ou disseram. Estão se sentindo traídos, desanimados e até mesmo sem vontade de viver. Quero lhes revelar uma coisa: esse tipo de desgosto só acontece quando estamos olhando o alvo errado. Se as pessoas continuam te ferindo e te decepcionando, eu lhes pergunto:onde está o seu foco? Pois eu lhes digo: nas pessoas e não em Jesus! Pessoas sempre vão nos decepcionar, podem contar com isso. Se você acredita que alguém é tão perfeito que está imune, você está em idolatria! Isso mesmo: idolatria não é só adorar imagens. Pode ser idolatria pelo seu trabalho, por um hobbie, por uma pessoa. Enfim, tudo aquilo que você coloca acima de Deus na sua vida, tudo que consome todo o seu ser de um jeito nocivo e tóxico. Quando você não tem tempo nem disposição para nada além daquilo, abandona seus sonhos, seus afazeres, seus amigos, sua família... Você deposita tantas expectativas e energias em seu ídolo que, quando ele te decepciona, você se arrebenta por dentro..."

Aquelas palavras tocaram fundo o meu coração, eu sabia agora que esse era o meu maior pecado: a idolatria. Eu fiquei tão focada só no pecado da carne que não imaginava que o maior deles se alojava no meu coração.

Ele continuou:

"Em Marcos 12:10 está escrito:

'Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento.'

Você já se entregou assim a algum ser humano? Se o fez, cometeu um grande erro. Seres humanos são limitados. Deus não quer o resto do seu ser, Ele não divide a Sua glória, Ele quer toda a sua vida consagrada a Ele. Quando você entregá-la confiando plenamente n'Ele, Ele te mostrará o caminho que deve seguir. A maioria de nós só aprende caindo e Deus não tem prazer no nosso sofrimento. Mas é nessa hora, quando as pessoas com quem você mais contava te decepcionam e são completamente indiferentes à sua dor, esse é o grande momento onde você tem a oportunidade de começar a aprender o grande segredo: o verdadeiro amor de Cristo não te desaponta. Não tentem ser felizes na sua própria força, entreguem seus medos e suas angustias no colo do pai. Ele é aquele que não te abandona mesmo quando todos fazem isso. Ele é vitorioso e com ele vem a nossa vitória. Vamos terminar com um versículo que retrata bem a imagem desse nosso amado amigo e salvador, em Apocalipse 6:2:

'E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso para vencer...'

Assim é aquele em quem nós confiamos: valente e vitorioso. Não se esqueçam, às vezes o que parece o fim pode ser a chance de um recomeço, e recomeçar é sempre uma coisa boa!"

Senti meu coração bater forte ao ouvir aquilo. Eu queria recomeçar, mas não tinha

forças. Queria acreditar que aquelas palavras eram para mim, mas tinha tanta gente ali que as merecia mais do que eu... Seria pretensão minha creditar que Deus estaria falando comigo. Mas aquela parábola do cavaleiro com um arco...

As lágrimas voltaram a rolar incontrolavelmente dos meus olhos. Era Ele: Jesus, o meu cavaleiro protetor. Mas como podia ser? Eu estava tão errada diante das doutrinas que aprendi, tão... afastada de tudo que se referia a Ele. Como Ele podia me amar apesar de tudo que eu estava fazendo? Tudo aquilo me deixou profundamente culpada e constrangida. Levantei para ir embora, decidida a buscar conhecer mais esse Jesus que nunca antes me fora apresentado daquela forma.

Quando saímos da igreja, Michele estava silenciosa e pela primeira vez não estava rindo ou zoando alguém na rua. Caminhamos até um banco enquanto meus pais se despediam das pessoas.

— Seus pais não vêm mais aqui, Michele?

— Não — respondeu ela, olhando para baixo.

Não queria invadir a privacidade dela, mas queria ajudá-la de alguma forma pois era nítido que ela também estava sofrendo. Segurei na mão dela e falei:

— Você pode se abrir comigo Michele, te devo uma. Você foi muito bacana comigo ontem à noite e também por ter mantido tudo em segredo até agora.

Ela me olhou por alguns segundos decidindo. Então, desabou:

— São meus pais, estão se separando. Eles nunca tiveram um casamento perfeito mas agora foi a gota d'água, minha mãe descobriu que ele tem uma amante. O pior é que eu já sabia, tinha surpreendido meu pai com essa mulher no escritório dele uma vez. Mas eu e meu pai sempre fomos muito unidos e decidi me calar. Além do mais, não queria ver minha mãe sofrer mais do que já sofria com as brigas. A partir de então sempre senti que a estava traindo, evitava olhar nos olhos dela e me afastei sem perceber. Quando cheguei em casa depois que nos despedimos ontem, a encontrei sentada no sofá aos prantos, dizendo que meu pai tinha ido embora. Acho que ele esperou eu chegar para ela não ficar só. Hoje de manhã ela foi para a casa da irmã dela no Rio, para refrescar a cabeça. Estou sozinha em casa e cada vez que olho para aquelas paredes, eu choro. Lembro de todos nós lá, juntos e... — ela não conseguiu continuar e tornou a chorar. Abracei-a como ela tinha feito comigo. Estávamos mais unidas, podia compreender alguns comportamentos dela agora. Medo de namorar uma pessoa só, nunca querer voltar para casa, falta de compromisso com as coisas... Era tão triste... Porque ela era uma menina tão linda e, como eu podia ver pela primeira vez, tão sensível.

Na última semana que estava em casa procurei não parecer tão deprimida, apesar de ainda chorar todas as noites. Tentei dar mais atenção à minha família. Saímos para comer fora, fui trabalhar com meu pai um dia para ocupar a cabeça, brinquei muito com Vitor, fiz um minicurso de culinária com minha mãe para aprender algumas receitinhas básicas. Ainda checava meus *e-mails* no mínimo três vezes por dia. O que realmente mudou é que comprei uma Bíblia nova e a lia todas as noites antes de dormir. Certa noite, Michele apareceu lá em casa enquanto eu lia, ela se interessou em ouvir. Nos últimos dias, ela sempre vinha ler comigo e prometemos continuar com esse hábito quando voltássemos ao Campus.

Enfim, chegou o dia de voltar, Michele iria de carona conosco. Eu era um misto de ansiedade e medo. Será que ele estaria lá? O que faria se o visse?

A viagem foi rápida e cheia de risadas da Michele e meu pai contando piadas. Quando chegamos à república meu pai nem desceu do carro. Estava tão mudado...

Ele me abraçou e me liberou. Olhei para aquele cenário e senti um nó na garganta. Michele passou o braço pelos meus ombros e recitou um versículo que ela adorou em uma de

nossas leituras, fica em Ageu 2:9:

—"*A glória dessa segunda casa será maior do que a primeira, diz o senhor dos exércitos, e nela trarei a paz.*"

Sorri para ela e respirei fundo tentando parecer confiante. Então, começamos a caminhar. Entramos e havia uma bagunça conhecida instalada ali. Uns dos meninos trouxera um *Playstation,* acabando de vez com as nossas chances de ver televisão. Havia alunos por todos os lados e, dessa vez, eu não era a novata.

Um medo onipresente se apossou de mim, vasculhei a sala procurando sinal dele e nada. Subimos as escadas e no corredor houve berros estridentes das amigas da Michele, que berrou na mesma intensidade e as abraçou. Como ela conseguia ignorar tão bem a própria dor?

Entrei no quarto e joguei as coisas na cama. Fiquei ali por um tempo, lembrando tudo que vivi naquele local, constatando sobre como minha presença de novo ali me fazia ter certeza de que tudo fora real, pelo menos para mim. Comecei a arrumar as minhas coisas sem vontade nenhuma, só para me manter ocupada. Não aguentava mais meu constante choro noturno.

Ainda era cedo quando terminei e resolvi ir ver Carla e seus familiares para dar-lhes um "oi". Quando cheguei, todos estavam na sala conversando e fizeram uma grande festa ao me ver. Até seu Amino, que não conversava muito comigo, me deu um forte abraço. Carla se apressou em passar um café fresquinho e fomos para trás da casa, em frente ao lago, nos sentar em duas cadeiras antigas.

— Você está muito abatida, Angelina. Aconteceu alguma coisa? Ficou doente?

— Mais ou menos, doente de amor... Sabe quando você está apaixonada e parece que tem uma manta protegendo seu coração? Arrancaram minha manta — desabafei com um sorriso afetado.

Ela deu um sorriso irônico, depois olhou para a lagoa e falou:

— Sei bem o que é isso, achei até que com você demorou muito... — senti que ela sabia do que eu estava falando. Ela continuou:

— Nós mulheres somos peritas em confundir felicidade com alegria, lutamos por *momentos de felicidade* pagando qualquer preço por ele e muitas vezes com as pessoas erradas. Na verdade, o que sustenta uma vida saudável é a alegria, e esta é considerada uma unção de Deus sabia? Só ele pode dar.

Depois de ouvir, calada e pensativa, perguntei:

— Pois é, mas às vezes nos enganamos sobre as pessoas... — falei, cabisbaixa.

— Só nos confundimos se não pedimos direção a Deus! — tomei um tapa com luva de pelica. — A Bíblia nos alerta que há muito *lobos* em pele de cordeiro e que devemos vigiar pois o diabo é como um *leão* buscando a quem possa tragar. Ele tem as artimanhas dele para conhecer o ser humano e as suas fraquezas. Sei bem do que estou falando, não vigiei e também caí numa armadilha dessas... — terminou ela, me mirando por cima da xícara enquanto tomava seu café.

Lobo? Leão? Essa metáfora de animais fez as imagens dos meus sonhos começarem a passar como flashes na minha cabeça. Cada um daqueles homens se transformando em feras consumidas de ódio por mim, cada bandeja daquela era segurada por aqueles... demônios! Era isso que eles representavam? Inimigos da minha alma, que me prepararam várias armadilhas desde que eu *abri a caixa de Pandora,* comendo aquela maldita maçã. De repente, era como se eu tivesse sofrido uma iluminação, ainda que imperfeita. Eu não sabia como, não sabia por que, mas as coisas estavam ficando mais claras agora. No último sonho, a figura de Alderico — *chefe*

dos principados — me dominava completamente. Fiquei intrigada com toda essa informação. Agradeci o café, disse que precisava ajeitar algumas coisas ainda e parti para a república, desorientada. Fui direto para o computador para pesquisar mais os símbolos dos sonhos. Já sabia que a figura do cavaleiro representava Jesus, e que o lobo e o leão eram demônios. Alderico representava o chefe dos principados. Mas e o urso? O mel? O vinho? Eu queria saber tudo. Entrei num site bíblico e digitei na pesquisa as três palavras juntas: "leopardo, urso, leão". Eis o que encontrei em Apocalipse 13:

"E vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia. E a besta que vi era semelhante ao ***leopardo****, e os seus pés como os de* ***urso****, e a sua boca como a de* ***leão****; e o* ***dragão*** *deu—lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.*

E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta. E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?

E foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para agir por ***quarenta e dois meses****. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu.*

E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; *e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação. E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvidos, ouça."*

Agora tudo se encaixava, eu podia ver o que estava acontecendo: estava sendo traiçoeiramente seduzida ao pecado. O inimigo da minha alma estava em guerra espiritual contra mim usando todo tipo de armas sujas e vis, usando iscas maravilhosas que me atraíam até ele. E então, eu o adorava através das minhas atitudes e o meu retorno era o sofrimento. Fui independente de Deus em todas as minhas escolhas até ali, simplesmente ignorei tudo que eu já havia aprendido sobre uma vida santa. Eu havia blasfemado de Deus de todas as formas possíveis desde que cheguei, não com a minha boca, mas com o meu desprezo. Eu O diminuí na minha vida. Eu precisava de alguém para se interpor entre mim e esses demônios que eu mesma atraía. E eu sabia quem era Ele. Eu precisava da Sua graça, eu sabia que essa graça poderia agir mesmo em meio às minhas imperfeições, mas estava disposta a fazer a minha parte. Quarenta e dois meses — era o tempo do meu curso na faculdade —, três anos e meio quase, seria o tempo da minha provação? Meu coração estava pesaroso e eu decidi que iria lutar contra aquilo com todas as forças que me restavam. Estava disposta a fazer concessões para agir corretamente dali em diante. Com o apoio do meu cavaleiro, eu poderia vencer. Dormi com a Bíblia no peito naquela noite.

Acordei cedo e tomei café com Michele no quarto, já que tínhamos trazido umas comprinhas de Petrópolis. Conversamos um pouco sobre os alunos novos que ela vira na noite anterior. Algo mudara em Michele, ela ainda era a mesma espalhafatosa, mas estava mais leve, mais fácil de conversar. Era bom ter uma por amiga por ali. Afinal, como se eu ainda fosse caloura, não tinha feito muitas amizades no campus, algo que eu pretendia mudar naquele semestre.

Nas aulas que consegui assistir naquele primeiro dia fui mera figurante, nem sabia o que se passava à minha volta. Cada pedaço daquela faculdade me lembrava *ele*.

Fui até a secretaria só para olhar o nome dele no quadro dos professores e ter a certeza de

que tudo fora real. Isso só fez aumentar minha dor. O nome dele ainda estava lá, mas não havia sinal da sua presença. Comecei a achar que seria melhor assim, talvez eu conseguisse esquecê-lo... *Acho que não.*

No final da aula eu não queria voltar para a república sem antes passar em um lugar que se transformara em um dos meus locais preferidos ali. Sabia das lembranças que me traria, mas estava disposta a enfrentar meus fantasmas, achei que faria uma catarse ou coisa assim.

Subi as escadas e, ao cruzar a porta, vi que o lago brilhava como nunca. Nosso recanto de piquenique em nada mudara. Fiquei ali contemplando tudo e segurando as incansáveis e insistentes lágrimas. A dor surgiu em meu peito bruscamente e aumentou a tal ponto que decidi fugir.. Quando ia me virar para partir, ouvi:

— Com fome?

Olhei de súbito e ele estava lá, bem atrás de mim, com um saco de lanches na mão, exatamente como antes. Achei que estava delirando. O campo de eletricidade adormecido religou-se imediatamente ao meu corpo, contraindo todos os meus músculos em sinal de autodefesa. A beleza dele contra o sol era como um soco no estômago, de modo que fiquei em frangalhos. Minhas lembranças não lhe faziam jus. Não sabia o que fazer: se pulava no pescoço dele ou se me jogava do terraço abaixo. Queria sair correndo dali, mas o desejo por ele tinha uma influência paralisante e tirânica na minha mente. Cruzei os braços pelo corpo, abraçando a minha cintura, desejando que fossem uma vestimenta de chumbo contra os raios de sedução que ele emanava sobre mim. Ele deu um passo na minha direção e eu recuei, desconcertada. Ele entendeu, depois suspirou fundo, abaixando o olhar, e falou:

— Olha, eu sei que tenho muito que me desculpar, mas se você me deixar falar...

— Como foi a sua viagem? — reagi.

— É sobre isso que quero falar...

— Sua noivinha foi?— rosnei, enfurecida, desejando não ser tão vulnerável.

— Precisamos conversar... — insistiu ele.

— Pra quê? Pra você me contar a sua nova coleção de mentiras? — A essa altura eu já prendia o choro com muita dificuldade.

— Eu não queria que fosse desse jeito, com você com essa raiva de mim.

— Impossível, então — bufei, empurrando-o de um jeito decidido para tentar sair pela porta, mas ele me segurou pelo braço e falou:

— Ok, você quer a verdade, não é? Então, espero que possa aguenta-la de uma vez: eu estou casado! — um buraco se abriu sob o meu chão e minha queda começou. — Já era noivo quando nos conhecemos, ela é mais velha do que eu 15 anos, é diplomata e está na Alemanha. Amália é o nome dela, e está sempre viajando. Como eu não aguentei acompanhá-la sem fazer nada o tempo todo nas suas viagens pelo mundo, ela comprou aquele apartamento para eu ter um porto seguro enquanto ela trabalha. O carro foi ela que me deu também. Meus pais moram em Gramado, no Rio Grande do Sul, são pessoas simples. Minha mãe sempre me culpou por deixá-la só, aturando a bebedeira do meu pai, mas eu tinha que fazer isso por mim. Conheci a Amália logo no começo da faculdade, numa boate, e ela logo se apaixonou por mim. Começamos a nos ver mais vezes, ela me dava vários presentes e eu fui me aproveitando da situação. Ela me emprestava seus carros para ir à faculdade e enquanto ela viajava, eu saía às vezes com outras pessoas. Assim que me formei, logo prestei concurso para dar aula aqui, queria me livrar dela financeiramente e viver independente. Mas a mordomia nos acostuma mal e mesmo depois que passei, fui arrastando esse relacionamento. E então eu conheci você. Você era tão diferente das outras, tão pura... Nunca pensei que isso fosse tão longe. Quando você disse que me amava naquele dia no meu apartamento, eu me senti o homem mais sujo do universo. Foi por isso que

evitei tantas vezes que algo a mais acontecesse entre nós, não era justo com você, eu não sou o tipo de cara que te merece. Eu queria parar de te ver, mas estar com você significava reconquistar algo que eu perdi desde que fiquei com ela: ficar com alguém só por vontade, sem nenhum interesse. Você não precisava de muito para ser feliz e fiquei encantado com a sua simplicidade. No meu aniversário, ela me pediu para ir vê-la e eu fui, mas pensei em você o tempo todo. Sabia que não era digno de você, tinha raiva de mim quando você estava nos meus braços, mas no meu egoísmo eu te queria. Queria algo que não fosse ela que tivesse me dado. Quando vi que o semestre ia acabar e que teria que te deixar para passar as férias na Alemanha, pensei em desistir de tudo. Tentei forjar uma briga e pedir um tempo para poder ficar aqui com você. Fui me distanciando aos poucos. Mas nessa época ela me contou que estava com câncer, e eu... não poderia abandoná-la naquele momento, não depois de tudo que ela fez por mim. Senti que deveria dar apoio a ela, e também achava que você merecia algo melhor. Casamos como ela sempre sonhou e em poucos dias eu descobri a verdade: fui enganado por ela da mesma forma que a enganei! Ela não estava doente, mentiu para eu não abandoná-la. Estava desesperada, sentindo que estava me perdendo. Fiquei furioso, mas acabei perdoando, já sabia como era ruim abrir mão de alguém que se gostava muito. Eu já não era o mesmo com ela, não queria mais tocá-la e vivia arrumando cursos para ficar longe de casa. Passei uma semana na França pensando em fugir e vir ver você, só pensava em voltar e te procurar. Foi então que, quando voltei decidido a acabar com tudo, *ela* me largou. Conheceu outra pessoa e agora eles estão juntos. Na verdade, foi um alívio para mim, foi uma... carta de alforria. Decidi voltar e ver como as coisas iam por aqui. Meu emprego estava garantido, então resolvi ficar e lutar por você. Não fiz contato antes porque não sabia como me receberia, achei que com o tempo você já teria me esquecido ou me odiaria. Quando vi você subindo a escada que dava aqui não resisti: comprei esse lanche e vim falar com você. Essa é a minha história, esse sou eu.

O último tapete que estava sob os meus pés foi arrancado, pensei que eu iria vomitar após toda aquela estúpida tentativa de confissão reconciliatória. A dor era tanta que eu não sabia se iria suportar. Foi quando uma raiva incontrolável me possuiu, a única vez desde então que meu amor-próprio deu algum sinal de vida. Olhei bem em seus olhos e dei-lhe um tapa na cara com toda a minha força. Ele ficou ali, parado, olhando para o chão sem reagir. E eu, queria dar outro tapa... mas agora em mim mesma. Como eu ainda podia amá-lo? Seria eu uma masoquista ou coisa assim? Onde estava a minha autoestima? Lágrimas de amor e ódio começaram a escorrer pela minha face e em pouco tempo não consegui mais segurar. Coloquei as mãos no rosto e desabei a chorar, soluçava tanto que parecia que ia perder o fôlego. Pedi a Deus forças para não sentir o que estava sentindo, mas tudo piorou quando ele se aproximou e me abraçou junto ao seu peito. Seu cheiro só fez piorar as coisas. Eu sabia que aquela proximidade era pouco indicada no momento, mas fora muito desejada nos últimos dias, era uma mistura perfeita de céu e inferno. Percebi que aquele campo de batalha estava obviamente desequilibrado. Olhei para ele com os olhos cheio de lágrimas e vi que algumas também desciam pelo seu rosto. Tentei freneticamente me lembrar de todas as razões pelas quais eu deveria repudiá-lo com todo o meu ser, mas só encontrei a provável ameaça de ceder. Ele encostou a sua testa na minha e eu fiquei ali, incrédula, aceitando. Sabia que isso era só o prelúdio do que iria acontecer. *Vai ver que era uma desculpa sincera,* eu dizia para mim mesma. Minha mente conclamava: corra! E o meu corpo bradava: entregue-se. Eu queria surrar a minha carne por sentir tamanho desejo por ele. Por que ele tinha que ser tão absurdamente atraente? Eu me sentia sugada por ele. Fechei os olhos e meu corpo começou a falar sozinho de novo, eu não conseguia controlar meus movimentos. Assim como no meu sonho, ele me dominava de modo muito preocupante. Ele aproximou nossos lábios devagar, me olhando, e em seguida eles se uniram com urgência e paixão. Nos abraçamos com

força, meu corpo tremia e desfalecia nos braços dele novamente. Era mais forte do que eu. Desisti de lutar. Nada mais me importava, ele estava ali e era meu de novo. Seu toque era o remédio pelo qual minha dor tanto clamara. Ele foi extremamente carinhoso e apaixonado, me fez sentir de novo a mulher mais desejada do mundo. Quando estávamos juntos eu me sentia completa, ele era a parte de mim que faltara por todo aquele tempo... Eu sabia que era errado, sabia que era idolatria, mas não sabia viver sem ele, isso era fato. Comecei a respirar um leve sopro de... *felicidade,* mas eu sabia que era só um *momento de felicidade*.

Mais tarde descemos e, quando passamos pelo portão, ele *ainda* segurava a minha mão. Eu queria acreditar que esse era o meu recomeço, mas alguma parte dentro de mim não me deixava crer totalmente. Talvez fosse a ferida recente, mas poderia passar, não poderia?

Ele estava definitivamente instalado no quarto junto com seus amigos até alugar um apartamento e isso me deixava mais tranquila. Quando Michele nos viu chegar de mãos dadas na sala da república, fez cara de incrédula. Cheguei a pensar que me puxaria pela orelha para o nosso quarto ou coisa parecida, mas não falou nada. Subimos para eu arrumar as coisas que faltavam, Rico foi para o seu quarto pegar as coisas para tomar banho. Quando ele saiu, minutos depois, Michele adentrou furiosa no quarto.

— Eu não acredito no que acabei de ver! Você está ficando doida ou perdeu a memória?

— Michele, ele me contou toda a verdade, eles romperam de vez. Você sabe que eu o amo e por isso resolvi perdoá-lo. Não lemos esses dias que o amor tudo suporta?

— E o que te faz pensar que ele diz a verdade agora, cabeção, depois de tanta mentira?

— Você lembra do que o pastor falou sobre recomeçar ser uma coisa boa?

— Acho que ele não estava falando de recomeçar com esse safado e sim com alguém melhor, ou até sozinha se for o caso.

— Esta é a sua interpretação — defendi.

— Tudo bem Angelina, pelo visto você prefere continuar fazendo as coisas do seu jeito, mas depois não diz que não avisei. Quero saber o seguinte: nosso trato continua de pé?

— Que trato? — perguntei.

Ela revirou os olhos e sacudiu a Bíblia que estava na cama dela.

— Ah, isso! Claro que sim, vamos ler todos os dias. Sei que tudo deu errado antes por que deixei Deus de lado, mas agora não vou cometer o mesmo erro.

— Sei, não acho que foi por isso que tudo deu errado, mas enfim... boa sorte. Vamos começar a ler, então?

— Vamos — respondi olhando para a porta, doida para ir ficar com Rico.

Lemos durante uma hora mais ou menos e um versículo ficou na minha mente a noite toda:

"Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois escravos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?" (Rm 6:16)

Depois daquele dia Michele disse que nunca mais fumaria, nem maconha, nem cigarro, disse que não queria ser escrava do pecado. Depois, dormimos.

CAPÍTULO VII
A SEGUNDA QUEDA

Não falávamos no que havia acontecido, eu estava confiante de que essa era uma nova fase. Enterrei o último mês de sofrimento no desespero covarde de não perdê-lo mais dali para a frente. As semanas seguiram tranquilas e estabeleci uma rotina de prioridades. De manhã, tomava café com Rico e depois ia para a aula. Mais tarde almoçávamos juntos. À tarde ele ia para o quarto dele organizar suas aulas, ele não gostava que eu fosse lá por causa dos seus colegas de quarto. Desde que voltamos, Rico desenvolveu um ciúme fervoroso de mim. Acho que ele sempre foi desse jeito, mas como sempre ficamos super juntos eu não conheci mais ninguém, mas agora era um ciúme diferente. Eu interpretava aquilo como amor e ficava feliz de ser assim, mesmo que às vezes me incomodasse um pouco. Quando se passava muito tempo e eu tinha que passar o final de semana em Petrópolis, ele fazia de tudo pra eu ficar e se eu realmente fosse, me ligava várias vezes. De qualquer forma, quando ele estava trabalhando eu estudava, estava perdida em muitas matérias. E aí me dava conta do quanto tinha perdido no semestre anterior. Quando ele não tinha nada para fazer eu ficava com ele, e à noite eu lia a Bíblia rapidamente com Michele e depois descia para encontrá-lo de novo. O*k, ok, não mudou tanto assim...*

A novidade é que eu estava na autoescola, pois meu trato com meu pai era: se eu passasse para faculdade pública, ele me daria um carro, e morando longe de tudo iria facilitar muito a minha vida por ali.

Certa manhã eu e Rico saímos para o nosso café matinal. Aproveitei que só tinha aula a partir do segundo tempo para tocar em um assunto importante.

— Quanto tempo faz que você não vê seus pais?

Ele uniu as sobrancelhas, fazendo-se de desentendido.

— Por que isso agora? — questionou, confuso.

— É só uma pergunta — retruquei.

— Faz mais ou menos um ano e meio. A última vez que fui lá meu pai não estava muito bem, mas depois melhorou.

— O que ele tinha?

— Coisa de velho. O que vai pedir?

— O mesmo que você. Mas... você não sente falta deles?

— Até sinto, mas estou sempre tão ocupado, e moro sem eles há tanto tempo que já me acostumei com a ausência.

— Pois eu não — defendi. — Sinto muita falta dos meus pais, apesar de não ter dado muita atenção a eles nos últimos tempos. Queria ir mais vezes lá... — falei olhando pra ele e mexendo num canudinho.

Enquanto isso, Rico olhava para o lado tomando um café e fingindo estar alheio à conversa. Então, reuni forças e sugeri:

— Queria te apresentar a eles no próximo final de semana...

— Quê! Nem pensar. Eu... tenho muito o que fazer aqui, planejar as aulas... Além do que,

não sei se é uma boa ideia pelo que você falou do seu pai.

— No início vai ser difícil, eu sei, mas as coisas se ajustarão com o tempo. Não quero esconder isso deles a vida toda.

— Vamos fazer assim: deixa passar mais esse semestre e no final do ano vamos lá. Aí dizemos que nos conhecemos em outro lugar para amenizar a situação.

— Eu não quero mais mentiras nisso! — exigi, irritada.

— E eu não quero conhecer seus pais agora! Vamos deixar para o fim do semestre, aí pensamos em algo.

— Ou você foge de novo... — falei sem pensar.

Ele me olhou ofendido.

– Desculpe, saiu sem pensar — falei.

Não queria provocar uma briga. Então mudei de assunto, pelo menos por um tempo.

Estávamos a uma semana do meu aniversário, sete de setembro, dia da Independência (bastante profético, na minha atual situação), e eu estava feliz porque iríamos passar esse dia juntos. Não fizemos planos, ele disse que queria fazer o meu dia especial. Eu estava na aula de teoria literária e não via a hora de acabar. Meus dotes culinários haviam melhorado muito depois do minicurso com minha mãe. Às vezes eu tinha dúvidas e frequentemente ligava para ela para pegar umas dicas. Eu tinha aprendido a fazer um macarrão cremoso na panela de pressão que o Rico adorava, e tinha prometido fazer nosso almoço naquele dia.

Quando finalmente a aula acabou, voltei correndo para a república. Ao chegar, fui surpreendida por uma visão avassaladora: um enorme carro importado estacionado na frente da república, com um motorista dentro e uma mulher do lado de fora, encostada de costas para mim conversando com o Rico, que estava com as duas mãos no bolso, olhando para baixo. Meu estômago começou a embrulhar. Ela era ruiva, alta, cabelos longos e cacheados, que estavam muito bem arrumados. Fui caminhando lentamente para a entrada da república enquanto Rico não deu por mim. Eu não sabia quem ela era, mas imaginava. Quando cheguei a uma distância de conseguir de ver seu rostoa, fiquei completamente deprimida: ela era linda! Tinha olhos verdes amendoados, a pele era branca e muito bem tratada, dava para ver que era bem sucedida pois ela usava muitas jóias. Estava vestindo um tailleur branco, que moldava um corpo perfeitamente malhado (notei pelas pernas). Quando Rico tinha me dito que ela era 15 anos mais velha do que ele, não era exatamente aquilo que eu imaginara, não estava preparada para competir com tamanha beleza. Ao lado dela, eu simplesmente... era abduzida pela minha mediocridade. Era um inegável confronto entre a adolescente desajeitada versos a diva maravilhosa. Minha terrível suspeita se confirmou quando o colega de quarto de Rico a cumprimentou: —Tudo bom, Amália?

Senti uma fraqueza arrebatar cada via do meu corpo, meu sangue ferveu imediatamente quando ela passou a mão no braço dele enquanto falava. Aquele braço era meu! Rico olhou para cima e finalmente me notou. Pela sua expressão, vi que ele ficou alarmado. Eu nem queria que ele me olhasse enquanto estava na frente dela para evitar comparações. Surtei e passei marchando para dentro da república, torcendo para que ele viesse imediatamente atrás de mim. Subi as escadas correndo para espiar pela janela. Fiquei com raiva pois onde o carro dela estava não dava para eu enxergar direito. O pânico começou a me dominar. Comecei a andar de um lado para o outro do meu quarto roendo as unhas. O que eles estariam conversando? E se ele me abandonasse de novo? Por que ela precisava ser tão bonita? Quantos anos ainda faltariam para ela parecer uma velha?

De repente, no desespero de ser deixada, me lembrei que não tinha nenhuma lembrança dele. Aliás, não tínhamos nenhuma foto juntos! E se dessa vez fosse definitivo? Ele ainda não

tinha subido. Nervosa, resolvi quebrar as regras e ir até o quarto dele pegar alguma coisa caso ele fosse embora. Entrei devagar e vi uma camisa dele, usada, pendurada na cama e, ao lado, uma infeliz barata. Meu desespero foi maior e peguei a camisa correndo. Sabia que não haveria fotos ali, então voltei para o meu quarto para não ser apanhada em flagrante naquele furto. Ele ainda não havia subido. Escondi a camisa e tomei um copo d'água batendo o pé, impaciente. O que eu iria dizer se ele terminasse comigo? Iria deixá-lo ir e manter meu orgulho, ou me jogaria aos pés dele implorando que ficasse? Eu estava à beira da loucura quando, finalmente, ele apareceu no quarto e me encontrou sentada, no fundo da cama, abraçando os joelhos, com os olhos arregalados. Parecia uma viciada em abstinência.

Não me movi, olhando para ele ensandecida por alguns instantes para ver a sua reação. Ele andou até mim com uma expressão compreensiva, sentou-se ao meu lado e me abraçou. Abracei-o forte e algumas lágrimas desceram pelo meu rosto.

— Por que você está assim, meu anjo? — perguntou ele.

— O que ela queria?

— Exatamente o que você imagina — confirmou ele, calmamente.

Meu coração petrificou.

— E o que *você* quer? — perguntei, temerosa.

— Você! Eu te amo Angelina e não vou a lugar algum.

Abri um sorriso aliviado enquanto enxugava as lágrimas com a sua injustificável camisa em minhas mãos. Imediatamente uma paz e uma felicidade súbita me dominaram. Era a primeira vez que ele dizia, em voz alta, que me amava. Eu estava no céu novamente. Mesmo que eu ainda estivesse cometendo muitos pecados, só podia ser o resultado das minhas orações. Dormimos abraçados no meu quarto naquela noite, mas eu não devolvi a camisa.

Enfim, chegou o dia do meu aniversário. Acordei enxergando o Rico com uma câmera me filmando e Michele junto, cantando parabéns. Ganhei uma cesta de café da manhã dela e um porta-retrato dele, que me disse que era para colocar uma foto nossa. Achei perfeito. Tomamos café todos juntos e depois eu e Rico começamos a nos arrumar, iríamos sair para um passeio. Ele só exigiu:

— Vá de tênis.

Obedeci. A melhor parte do meu aniversário é que era sempre feriado e eu podia fazer o que quisesse naquele dia. Enquanto estávamos no carro, o celular de Rico tocou e um frio me subiu pela espinha. Logo me acalmei quando ele cumprimentou a mãe. Eu estava ficando paranoica desde que vira aquela mulher.

— Mas, o que houve agora? — perguntou ele com uma expressão chateada. — Ele já é bem grandinho, não quis repousar, então agora se vira! Não aguento mais você me ligando para pedir a mesma coisa toda hora — percebi que ele falava de dinheiro. — Quanto? Você só pode estar maluca, onde acha que eu vou arrumar isso tudo? Eu sou professor, lembra? — Uma pausa. — Eu não estou mais com *ela*, mãe! — recebi uma leve facada.

Não acredito que a mãe dele pedia dinheiro da ex-namorada! Não acredito que ela sequer *conhecia* aquela bruxa.

— Se ele não tivesse gasto o dinheiro do plano de saúde em bebida, não estaria assim. Vou ver o que posso fazer, tchau — Então, ele desligou na cara dela e deu um murro no volante. Depois me pediu desculpa pela reação.

— Não tem problema — falei, compreensiva. — O que ele tem?

— Cirrose hepática. Meu pai sempre foi um beberrão. Agora precisa fazer uma cirurgia que custa uma fortuna e vem em cima de mim — falou ele, ainda com raiva.

Agora eu podia entender um pouco mais a falta de vontade dele de ver os pais. De um pai

alcoólatra e de uma mãe que faz o filho pedir dinheiro à namorada, nem eu sentiria saudades.

Coloquei uma música no carro para quebrar o clima e comecei a reparar no caminho. Estávamos subindo uma ladeira há bastante tempo e eu não tinha ideia de onde ele estava me levando. Quando enfim chegamos, arregalei os olhos. Ele desligou o carro, puxou o freio de mão e sorriu para mim como quem tinha aprontado. Estávamos na pedra da Gávea, na rampa de vôo de asa delta.

— Não... Não... Você não vai fazer isso comigo! — declarei, rindo de nervoso.

— Eu já te iniciei em tantas coisas, essa é só mais uma — disse ele, dando uma piscadinha irresistível.

Saímos do carro e fomos de mãos dadas na direção de uns rapazes, que logo o cumprimentaram com entusiasmo. Comecei a receber pequenas dicas de um amigo dele, enquanto Rico já se enchia de parafernálias. Depois, começou a colocar tudo em mim também. Eu não acreditava no que estava acontecendo. Ele não tinha ideia do quanto eu ficava apavorada com altura. Pensei em dizer a verdade, mas isso aniquilaria o passeio. Eu já tinha ido várias vezes à rampa de vôo livre em Petrópolis com meus amigos, mas jamais pretendi pular. Curiosa, perguntei:

— Vou voar com você?

— Sim, se morrermos, morreremos juntos — disse ele, sorrindo, enquanto me arrumava.

A ideia romântica de morrer ao seu lado, apesar de sombria, me enterneceu. Decidi aceitar o desafio e me entregar à mesma sorte que a dele.

Nos colocamos nas devidas posições e Rico já estava atrás de mim, me ensinando a correr. A última asa delta saltou e nós éramos os próximos da fila. Eu estava apavorada com a altura, apesar da vista ser espetacular. Então, ele sussurrou em meu ouvido:

— Quero que esse dia seja inesquecível para nós dois. Corre!

Começamos a correr e em segundos eu já estava correndo no ar de olhos fechados. Houve uma leve queda da asa delta no ar, me causando um frio na barriga, mas em instantes ela começou a pairar livremente. Ele solicitou:

— Abra os olhos, que presente melhor eu poderia dar a um anjo, senão voar?

Quando o atendi, ainda insegura, me senti um próprio pássaro e a sensação era energizante. O medo, por incrível que pareça, havia evaporado diante de tanta beleza. Voamos em direção à praia e passamos por cima do mar. Avistamos alguns golfinhos no oceano. Tudo era tão... pequeno lá embaixo me fez lembrar de um Salmo de Davi, que tinha lido há pouco tempo com Michele: (Sl 8:3 a 9).

"Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;
Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?
Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.
Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés:
Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, as aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.
Oh Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra!"

Aproveitei cada minuto daquele momento. Para minha surpresa, Rico me mostrou uma câmera na ponta da asa e disse: — Sorria! — disparando a máquina.

Aquela era a nossa foto! Aquele era o meu presente! Era o melhor aniversário da minha vida!

O resto do dia foi maravilhoso. Almoçamos na beira da praia e passamos a tarde curtindo o sol e o mar. Pensei no que tinha feito para merecer aquilo tudo nos meus últimos 19 anos. Percebi que eu já não era mais a protagonista da minha história, ele era. Minha vida se diluiu na dele. Era como se nada tivesse acontecido antes dele aparecer. Quando enfim voltamos, eu estava exausta. Era uma quarta-feira, eu tinha aula dia seguinte e estava com aquela lombeira de mar. Resolvi dormir cedo e me despedi de Rico, que foi para o quarto dele dormir. Naquele dia, não consegui ler a Bíblia, Michele leu sozinha.

Depois de 20 aulas feitas nas últimas quatro semanas, enfim, eu me achava pronta para fazer a prova da autoescola, que aconteceria naquela quinta-feira, às 10 horas da manhã. Rico me ajudou com alguns treinos ao redor do campus, apesar de estar constantemente preocupado pois sua mãe ligara insistentemente durante as últimas semanas cobrando uma "providência financeira". Eu sugeri que fôssemos visitá-los, mas Rico garantiu que não era uma boa ideia, pois se ele aparecesse lá sem os R$ 20.000,00 que ela estava exigindo só haveria mais estresse. Como ele disse, sua mãe o culpava por tê-la deixado só para aturar as bebedeiras do pai. Acho que essa culpa o afetava de alguma maneira.

Na hora da prova eu estava tranquila, não via a hora de ganhar meu carro e qualquer erro nessa ocasião poderia adiar mais o sonho. Graças a Deus, correu tudo bem. Eu estava segura na hora em que peguei o volante e fiz tudo direitinho: não deixei o carro morrer, coloquei as setas na hora exata e entrei na baliza com perfeição. Passei no teste e saí pulando e correndo para o colo do Rico, que me levou para um almoço de comemoração. Fomos num restaurante de frutos do mar em frente à praia de Barra de Guaratiba, onde há muito tempo ele queria me levar. A vista era linda e estava um dia ensolarado. Liguei para meus pais para dar a grande notícia de que tinha passado no teste. Minha mãe ficou radiante, mas meu pai estava tentando disfarçar o nervosismo. Ele não conseguia imaginar sua filhinha sozinha, dirigindo pela serra Rio-Petrópolis, mas eu sabia que cumpriria o combinado. Eles pediram que eu fosse naquele final de semana para comemorarmos, e então meu pai depositaria o dinheiro na minha conta. A princípio, ele disse que queria vir comprar o carro comigo, mas como eu já tinha ido à concessionária algumas vezes com ele, nós já sabíamos o que eu iria comprar e por quanto. Insisti que queria resolver tudo sozinha. Ele entendeu e aceitou, desde que eu ligasse para ele durante as negociações. Rico estava estranho durante o almoço, às vezes meio ausente. Imaginei que era por causa de seus pais. Tentei prender sua atenção dizendo que iria à Petrópolis no final de semana, pois ele geralmente não gostava dessa notícia. Para minha surpresa, quando o avisei ele estacou, bebendo calmamente uma batida de coco e me olhando, pensativo. Depois, disse que "tudo bem" pois ele tinha umas provas para corrigir. Isso não era nem um pouco típico dele, mas achei bom não levantarmos uma discussão.

Quando chegamos na república e avisei a Michele que eu iria a Petrópolis, ela disse que também iria, de carona com um amigo do sétimo período. Ele também era de lá e me ofereceu carona. Aceitei na hora. Iríamos sair sábado de manhã cedo e eu aproveitaria para estudar para as provas da semana seguinte e terminar um trabalho para segunda-feira.

Comecei a arrumar minhas coisas na sexta-feira e, pela primeira vez, eu estava empolgada por ir, mesmo sabendo que morreria de saudade do Rico. Assim, tive uma ideia que iria mostrar a ele, na prática, o quanto eu o amava. Claro que eu estava louca para comprar meu carro, mas queria tirar logo aquele fardo do pai dos ombros dele. Então, pensei em emprestar-lhe os 20 mil reais e enrolar um pouco mais meu pai em relação à compra. Depois, o Rico compraria um carro parcelado para mim e meu pai nunca saberia do negócio. Até eu terminar a faculdade, o carro já estaria pago e no meu nome. Se eu fosse agora a Petrópolis, forçaria a barra para que meu pai depositasse logo o dinheiro. Rico entrou no meu quarto enquanto eu

arrumava a mala e não ouvi seus passos, pois estava de costas para a porta. Ele me abraçou por trás e cheirou meu cabelo beijando minha cabeça. Fechei os olhos, sorrindo, e me virei para abraçá-lo. Vi na expressão do seu rosto que algo se passava em sua mente e não sabia se devia perguntar-lhe o motivo de estar tão misterioso. Tinha medo dele pedir para eu ficar e de eu acabar cedendo.

—Não leve muitas roupas para eu poder vir aqui sentir seu cheiro de vez em quando — brincou ele.

— Como você vai entrar aqui sem a chave? — provoquei, sorrindo.

— Se bater o desespero, eu arrombo a porta! — sorriu ele de volta me dando um longo e fogoso beijo.

Minha vida estava perfeita, eu estava com o amor da minha vida e iria poder ajudá-lo quando mais precisava. Além disso, estava me dando cada vez melhor com a Michele.

Acordei bem cedo pois combinamos de sair às sete horas. Então, coloquei o celular para despertar às seis horas. Michele tinha dormido no quarto de Desiree, ela sempre fazia isso quando o Rico dormia comigo, até nisso ela era legal. Por um breve momento, torci para Desiree convencê-la a desistir de viajar, pois sabia que tinha uma chopada no final da tarde no campus. Mas ela estava tão mudada, que não ia mais a esses eventos.

Eu estava nos braços dele, estava chovendo muito naqueles dias de outubro e naquele não era diferente. A tentação de ficar ali abraçadinha e quentinha nos braços dele era enorme, tive que me esforçar muito para começar a levantar. Quando me sentei devagar na cama para não acordá-lo, ele me puxou de supetão pra trás e nos cobriu com o edredom até a cabeça.

— Estou decidindo se deixo você ir — sussurrou ele no meu ouvido.

— E se eu te deixar algo pra vc se lembrar o dia todo? — perguntei, maliciosa.

Ele entendeu o recado e por causa dessa brincadeirinha sedutora me atrasei para a saída.

Michele me apresentou o amigo dela, Diego, que era muito simpático e não reclamou do meu atraso. Entramos no carro e partimos às sete e meia. Estava muito frio naquele dia e imaginei que na serra estaria pior. Depois de 20 minutos de viagem, paramos num posto para tomar café da manhã, eu e Michele insistimos para rachar a gasolina com o Diego, mas ele não aceitou. Nosso café se prolongou um pouco, pois a conversa estava muito agradável. Eram oito e meia da manhã quando decidimos partir. De repente, dei um pulo da cadeira e bati com a mão na testa: tinha esquecido todo o meu material, inclusive a metade do trabalho. Minhas notas não estavam muito boas naquele semestre e aquele trabalho poderia ajudar muito na minha média. Como não tínhamos viajado muito ainda decidi voltar de táxi, depois pediria ao Rico que me deixasse na rodoviária. Eles não deixaram e insistiram em voltar comigo. Concordei somente se rachasse a gasolina de todo o percurso com Diego. Ele cedeu, senti que ele estava especialmente interessado na minha companhia, me aproveitei e fomos.

Chegando na república, ambos ficaram no carro e eu subi correndo para pegar as coisas. Aproveitaria para dar mais um beijinho surpresa no Rico, claro. Fui até o meu quarto e juntei tudo o que precisava. Depois de trancar minha porta fui até o quarto dele, mas a porta estava trancada. Bati e chamei algumas vezes, mas não havia sinal de ninguém lá dentro. Resolvi descer para ver se o carro dele estava lá e quando pisei no último degrau encontrei o colega de quarto dele entrando na saleta. Perguntei se ele tinha visto o Rico, ele respondeu que achava que ele tinha ido para o "apartamento dele". Meu peito queimou e uma desagradável e velha sensação de vazio veio me visitar. Há poucos dias, ele tinha dito que estava difícil achar um apartamento. Fiquei ali parada, com cara de planta, e me sentei no sofá. O menino tinha dito "acho" e podia ter se enganado. Talvez Rico tivesse ido buscar algo que esqueceu no antigo apartamento, mas já fazia tanto tempo... e justo naquele final de semana. Apesar de tentar ser sensata, com certeza

não conseguiria viajar com aquela dúvida. Precisava decidir o que fazer e não podia deixar Michele e Diego esperando. Fui até o carro e disse que tinha deixado uns livros com uma colega e teria que buscar na casa dela. Eles se ofereceram para ir comigo, mas eu disse que iria atrasá-los muito eles e que o Rico ficara de me levar. Peguei minhas coisas do carro e eles partiram.

Chamei um táxi e fui direto para o antigo endereço dele, não acreditando que estava vivendo de novo aquele pesadelo. Eu estava tão feliz de manhã cedo...

Liguei para o celular dele várias vezes, mas ele não atendeu. O caminho parecia longo demais e a ansiedade de saber a verdade estava me deixando maluca. Eu me disse mil vezes que estava sendo uma idiota de fazer aquilo. Afinal, tinha sido só uma *suposição* do amigo dele, ele devia ter ido perto da república comprar alguma coisa. Ele podia estar no banheiro! Não tinha olhado o banheiro! Comecei a me sentir levemente culpada por seguir aquela premonição estúpida. E se ele descobrisse essa loucura? Ficaria morrendo de raiva de mim. Pensei em voltar para conferir a república, mas já estávamos longe demais, contornando a lagoa, a metros do prédio. Mandei o táxi esperar e passei pela portaria direto para o elevador. O porteiro já me conhecia e não fez a menor cerimônia. Subi o elevador e a cada andar meu estômago revirava. Pensei nas consequências do que estava fazendo, será que eu queria *mesmo* saber a verdade?

Enfim, cheguei ao andar certo. Pensei bem, fechei os olhos e orei para estar errada. O que eu diria àquela mulher se ela estivesse lá sozinha? Bem, valia o risco, mesmo sabendo que teria que me explicar ao Rico depois. Certifiquei-me de que não ouvia a voz dele por trás da porta, e enfim toquei a campainha. Depois de alguns segundos ouvi passos até a porta, meu coração estava saindo pela boca. Não queria me deprimir com a beleza daquela mulher de novo. Em seguida, ela abriu a porta com uma camisola de seda que dava para ver suas curvas perfeitas e deixando meu ego do tamanho de uma formiga. Fiquei ali parada com cara de tacho, abri a boca e não sabia o que dizer. Ela perguntou, educadamente, como poderia me ajudar, sorrindo com uma gentileza quase maternal. Além de tudo, a maldita era simpática, hrhrhrrh...

Eu estava a ponto de me desculpar dizendo que bati na porta errada quando a mesma se abriu mais um pouco e pude vê-lo atrás dela, perto da mesa. Estava sem camisa, vestindo uma cueca samba canção. Ele olhou na minha direção e imediatamente arregalou os olhos. De repente, perdi as forças e já estava caindo quando ela me segurou. Meu inconsciente queria fugir da realidade e desmaiar, aquilo parecia ser o meu pior pesadelo. Em instantes me recuperei, ainda olhando para o chão. Eu precisava sair dali. Ela insistiu para que eu entrasse e me sentasse, mas sem dizer nada me virei e entrei no elevador, apertando o botão para descer. Caí de costas no fundo do elevador e escorreguei até o chão, o ar me faltava. Meu corpo todo tremia de ódio e desespero, meu coração batia ensurdecedoramente. Saí correndo pela portaria e ela já devia ter ligado para o porteiro falando do meu estado, pois ele berrou duas vezes enquanto corria para a saída. Entrei no táxi, bati a porta e desabei a chorar, me jogando em cima da mala ao meu lado. O motorista me olhou assustado, perguntando o que havia acontecido e se eu estava bem, mas eu não conseguia responder. A dor era tanta que eu pensei que ia morrer... Chorava e socava a mala. Demorei uns cinco minutos intermináveis para me recuperar. De repente, ouvi alguém socar várias vezes a janela do carro ao meu lado. Era o Rico, desesperado, nos mesmos trajes que o vira lá em cima. Pedi ao motorista para ir embora, mas não deu tempo. Rico abriu a porta e me tirou do carro à força pelos braços, enquanto eu chorava pedindo-lhe para me largar. O motorista saiu para ver se me socorria, mas acho que pensou ser uma simples briga de casal e ficou de prontidão nos observando. O porteiro também veio para a calçada. Rico gritava dizendo que eu precisava ouvi-lo, e eu gritava mais alto mandando ele me soltar. De repente, Amália também estava lá, com um robe por cima da camisola, de braços cruzados e com os olhos assustados sem entender nada. Ela perguntou o que estava acontecendo e ele a ignorou.

Inacreditavelmente, senti pena dela também, estava na cara que ela não sabia de nada. Enfim, livrei meus braços e perguntei:

— O que você está fazendo aqui? — ainda havia uma gota de esperança de ouvir algo palpável para eu me agarrar.

— Você sabe *o quê* eu preciso dela... — disse ele me olhando e esperando desesperadamente compreensão para aquela desculpa escabrosa.

Como ele podia ter feito isso comigo? Que tipo de homem falaria isso na frente dela? Pela primeira vez, tive nojo dele. Ele continuou apelando:

— É meu pai Angelina, preciso ajudá-lo, não aconteceu nada aqui hoje, só vim conversar com ela e pedir...

Amália interrompeu:

— Eu é que devia pedir satisfação, Rico. Quem é essa garota? Por que está dizendo a ela que não houve nada conosco hoje?

Meu fio de esperança se esvaiu. Não havia outro sentimento mais presente em mim do que a raiva. Fechei os olhos por alguns instantes e depois, com lágrimas de fúria, olhei para ele e disse:

— Você é um fraco! Um garoto de programa de luxo! E é um artista também — falei batendo palmas de sarcasmo. — O Rico que eu sempre amei só existiu na minha cabeça, eu não tenho a menor ideia de quem você é!

— Vamos embora daqui e conversamos no caminho — disse ele, implorando e segurando o meu braço.

— Me solta! — gritei. — Eu odeio você! Nunca mais quero te ver na minha vida! Pode ficar com essa mãe de aluguel pra te dar tudo que você quiser, só saiba que a mim você não pode comprar. Acabou!

Entrei no táxi e o motorista ligou o carro decidido a partir. Pelo pouco que ouviu, percebi que ele estava ao meu lado. Fui embora sem olhar para trás. Todo o amor que eu sentia pelo Rico explodiu, se transformando novamente em desespero e em uma grande dor, só que agora doía mais. Era realmente o fim. Tanta dedicação, tanta entrega, eu não tive limites para amá-lo! Eu iria dar a ele o dinheiro do meu carro! Por que ele não esperou mais um final de semana? Eu sabia que esse não era o problema, mas o caráter dele havia sido revelado e isso eu não poderia mudar.

Uma total descrença no ser humano tomou conta dos meus pensamentos. Uma onda de depressão e desinteresse pela vida me dominou, demorei alguns minutos para me lembrar de onde estava, meu olhar era sombrio e sem vida.

Quebrando o silêncio o motorista perguntou, solidário:

— Para onde você quer ir, moça? Quer parar para eu lhe comprar um calmante ou pra beber um copo d'água?

— Não — respondi em meio às lágrimas que desciam no meu rosto inexpressivo. — Volte pra faculdade.

Cheguei na república e larguei minha mochila no chão do quarto. Chorei soluçantemente por várias horas e quebrei algumas coisas na parede. Achava que nenhuma dor no mundo poderia se comparar àquela. Pensei que ele voltaria para a faculdade para ver se eu estava ali, mas ele não veio. Não comi nada o dia todo.

No final da tarde comecei a ouvir o barulho de música que vinha do outro lado da república. Um grupo de rock estava tocando por lá. Saí do meu quarto só com a roupa do corpo e os 40 reais de troco do táxi. Fui andando para aquele evento soturno — bem mais de acordo com meu humor naquela hora. Tinha desligado meu celular para não falar com meus pais, que já

deviam ter ligado insistentemente. Ao chegar ao show, vi a maioria dos alunos vestidos de preto, bebendo e pulando em frente ao palco, que ficava numa tenda escura. Algumas pessoas do lado de fora da tenda rodavam no ar objetos fluorescentes e eu me embrenhei na multidão desejando desaparecer no meio deles. O grupo tocava furioso e o som fazia o chão tremer. Enquanto as pessoas ao meu redor pulavam balançando o meu corpo, eu estava paralisada, olhando para a banda e contendo minhas lágrimas. Vi que não conseguia fugir da minha dor, mesmo com tanto barulho. Eu precisava de qualquer coisa que me anestesiasse. Foi então que senti uma mão no meu ombro, me virei e vi um garoto magro, alto, moreno, de cabelos grandes e obviamente alcoolizado. Ele falou algo embolado no meu ouvido, que o som não me permitiu entender. Olhei para ele, indiferente, e peguei a bebida que estava na sua mão e que parecia um tipo de batida de frutas. Virei o copo todo de uma só vez para ver o efeito que teria. Ao contrário do vinho que bebi com Rico, não senti vontade de torcer a cara, apesar de sentir o álcool descer rasgando pela garganta, mas o meu desconforto interno imunizava os outros incômodos. Devolvi o copo vazio e deixei o rapaz ali, sozinho na multidão. Saí da tenda observando tudo e todos ao meu redor, procurando *não sabia o quê*.

Avistei Desiree mais adiante com umas amigas, perto da entrada da floresta, sentadas numa pedra e fumando maconha. Elas estavam gargalhando., Uma menina com feições asiáticas estava deitada, sorrindo e olhando hipnotizada para as árvores. Eu me identifiquei mais com essa, pois eu queria estar assim, em paz, contemplando a natureza sem nenhuma preocupação. Negar a realidade podia ser uma saída, mesmo que por alguns momentos.

Caminhei até perto delas sem me preocupar com a rejeição da minha rival. Parei bem perto, mirando Desiree, que se virou para mim e fechou o sorriso.

— O que quer aqui, "patricinha"? — perguntou, me fuzilando com os olhos.

— O mesmo que ela — respondi apontando para a menina deitada, que continuava ausente.

— É isso que o seu professorzinho anda te ensinando? — perguntou a outra menina morena, que estava ao lado de Desiree.

— Quer fumar agora... Não foi você que nos impediu de fazer isso no quarto? — provocou Desiree.

— Eu pago — falei, jogando o dinheiro do bolso aos pés dela e indicando com um gesto.

Ela espiou o dinheiro no chão e levantou o olhar, maliciosamente rindo para mim. Depois, pegou-o e guardou. Então, enrolou a maconha preparando um cigarro e me entregou com uma cara debochada. Depois, com uma falsa expressão gentil, acendeu um isqueiro na frente do meu rosto. Observei aquela iniciativa cínica e concluí que merecia toda a minha indiferença. Ao tentar acender o cigarro comecei a engasgar e todas caíram na gargalhada. A morena magrinha se levantou, dizendo com cinismo que seria minha professora naquele dia, já que *o meu professor* estava ausente e me deu umas dicas de como tragar. Depois de uma tragada *correta* me retirei, indo para longe delas mais para dentro da floresta, já escura. Ao adentrar na floresta, minha cabeça começou a girar e eu caí sentada, tentando me apoiar num tronco. No chão, comecei a sentir uma dormência pelo corpo e me deitei aos pés daquela árvore. Imaginei se tinha algo mais misturado naquele cigarro ou se era assim mesmo. Minhas sensações foram amplificadas e eu estava começando a relaxar, mas acima de mim a visão ainda rodava. Eu me segurava no chão como se ainda pudesse cair. Com o tempo, as imagens foram se acalmando e eu trouxe o cigarro até a boca novamente. Estava mais calma, isolada do mundo, com uma sensação de poder e de liberdade total. Eu estava excitada com aquela situação. Pensei em ser pega pela polícia ou pelos meus pais e comecei a imaginar a cena que meu pai faria ao ver aquilo. Comecei a rir desenfreadamente, gargalhei até doer o estômago, depois fui me recuperando aos poucos. Eu

havia conseguido escapar da realidade, ainda que por breves minutos. Agora podia entender por que Michele fazia aquilo: era uma fuga para os problemas dela também. Concluí momentaneamente que não havia porque fazer tanta onda em cima daquela prática. *Por que foi que ela parou mesmo?*

Após algum tempo a floresta ficou silenciosa, e eu séria. As lágrimas começaram a descer lentamente em direção à minha orelha enquanto eu estava ali deitada, recuperando a minha tristeza. Meu cigarro já estava apagado por causa da brisa e eu desejei que estivesse aceso. Talvez eu causasse um incêndio e ficasse ali para sempre, sem dor. Eu estava sonolenta quando a quietude foi interrompida pelo som de passos vindo em minha direção. Pude ver acima de mim o rosto de Desiree. Ela falou:

— Patricinha idiota!

Ri, e apaguei.

Despertei no banco de trás do carro com Desiree ao volante e sua amiga asiática no banco do carona.

— Onde está me levando? — perguntei, ainda tonta.

— Pra rodoviária — respondeu Desiree, seca.

Sentei e fiquei muda o resto do caminho. Vi que minha mala estava aos pés de sua amiga no banco da frente. Ao chegar, Desiree saiu do carro e levantou o banco para eu saltar. Saí e peguei minha mala. Enquanto ainda estávamos ao lado do veículo eu a olhei sem graça e falei:

— Obrigada.

Ela me olhou friamente, sem dizer nada, e colocou o dinheiro que eu tinha lhe dado na minha mão. Depois entrou no carro e partiu.

Comprei a passagem para Petrópolis e percebi que estava morrendo de fome. Comi dois sanduíches gigantes e tomei uma vitamina enquanto aguardava a saída do ônibus. Observei um menino de rua de mais ou menos quatro anos, descalço, batendo a cabeça na parede repetidamente. Refleti sobre como ele era tonto, carente, abandonado e solitário. Metaforicamente, parecia estar me vendo no espelho.

CAPÍTULO VIII
O INVERNO DA VIDA

Q uando cheguei em casa, meus pais já estavam preocupados pelo horário. Repeti a história que dissera para Michele e Diego, tirando a parte em que Rico iria me trazer. Estava enjoada por causa das curvas do ônibus na serra e foi o motivo perfeito para me recolher ao meu quarto. Assim que deitei na minha cama, a expressão morta que carreguei por todo o percurso do ônibus se transformou em lágrimas de dor. Meu mundo havia sido aniquilado mais duramente do que da última vez. Não havia porque voltar ao Rio de Janeiro, eu não suportaria vê-lo novamente, o amor não se extinguia tão rápido. Eu sabia que se ficasse por perto, ele acabaria me dobrando novamente. Eu precisava fugir. Pensei em dizer aos meus pais que o curso não era o que eu esperava, apesar de eu não me imaginar estudando outra coisa. Não sabia o que fazer, só sabia que não podia voltar. A tristeza me consumiu ao ponto de sentir desânimo total de viver. Cansada, adormeci.

Meus olhos se abriram devagar e pude contemplar um gramado completamente seco e sem vida. Sentei para verificar a paisagem, as árvores estavam sem folhas e o chão repleto delas. O outono já havia chegado àquele lugar. Meu vestido agora era preto, estava vestida de luto. Dessa vez não me levantei, me virei de lado lentamente e fechei os olhos, nada mais me importava. Não ligava se todas as feras juntas voltassem de uma vez para me pegar, eu *queria* morrer. Devia ser menos doloroso do que o que eu estava sentindo, eu só queria que tudo aquilo terminasse. Tive certeza que a traição era uma ferida profunda e incurável na alma. Fiquei ali por um bom tempo, só se ouvia o barulho das folhas ao vento, nada mais. Folhas que passavam por cima de mim, algumas pousando no meu corpo. Eu queria voltar ao pó e me tornar parte da natureza novamente, a natureza era calma e corria no ciclo certo. Havia paz ali.

Minha solidão foi interrompida quando senti um vulto passar por trás de mim, me assustando. Pensei ser uma das feras que já havia me farejado, continuei de olhos fechados e nada aconteceu. Ouvi o som de passos, que pareciam humanos. Abri os olhos lentamente olhando na direção do barulho, me preparando para o pior e pude ver Alderico a alguns metros de mim, andando para longe. Meu coração acelerou imediatamente, ele deu uma olhada sutil para trás, sorriu e continuou andando com a mesma roupa preta e as mãos no bolso. Era uma isca perfeita para mim. Eu queria que as feras voltassem... e o matassem! Como ele podia sorrir enquanto eu estava ali, sofrendo sozinha? Tomada por uma ira desumana, me coloquei de pé e decidi que eu mesma podia fazer o serviço: iria matá-lo! Depois, me mataria. Comecei a andar em sua direção, consumida de raiva, acelerando cada vez mais o passo, até que estava correndo o mais rápido que podia e inacreditavelmente não conseguia alcançá-lo. *Eu odeio isso nos sonhos*! Quando dei por mim, ele já havia desaparecido.

Três bandejas me esperavam. Fiquei ali parada depois da decepção de tê-lo perdido mais uma vez pelo caminho. Caí sentada na escada, com as duas mãos na cabeça. Meu ódio era tanto que eu não conseguia respirar. Lembrei de tudo que ele havia feito e de tudo que ele *não fez*. Eu queria vingança. Eu ainda o amava, mas isso só aumentava a minha dor. Amor e ódio, desejo e desespero se misturavam dentro de mim formando uma química mortal. Foi então que tive a ideia... Se pegasse o que havia na bandeja, algum mostro iria aparecer para me devorar, a fera correria para floresta como as outras eu a seguiria até ela me matasse. E todo aquele sofrimento iria acabar. Os sonhos, os desejos, as escolhas e a dor — principalmente a dor. Levantei e fui até a bandeja da vez. Nela havia uma faca de bronze e concluí que não podia haver nada melhor. Com certeza, esse era o objeto do meu desejo, facilitaria demais o meu desfecho. Peguei-a com as duas mãos com a ponta voltada em minha direção. Lembrei de Julieta, apesar de saber que ela havia morrido ainda sendo amada. Olhei para a faca com prazer e ódio. *Como pude ser tão burra?* Nossos momentos juntos vieram à minha mente e as lágrimas desceram queimando pelo meu rosto. Eu olhava fixo para o objeto, levantei alto a faca e fechei os olhos, preparada para acabar com tudo. Estava completamente decidida quando ouvi uma criança gritar:

— Não!

Olhei para trás aturdida e avistei um menino, que devia ter mais ou menos oito anos. Tinha olhos azuis, cabelos pretos e usava uma vestimenta branca e cumprida com algumas marcas de sangue. Achei que ele estava machucado. Suas feições eram conhecidas, mas eu não me lembrava de onde. Estava analisando o menino quando fui interrompida pelo barulho da bandeja caindo. Virei-me e vi um enorme lobo na minha frente e o menino me agarrou por trás, temendo. Segurei-o com uma mão para protegê-lo, com a outra virada para a frente segurando a faca. Eu queria morrer, mas sozinha, não queria levar ninguém comigo. Eu precisava defendê-lo. O Lobo avançava lentamente me olhando e espiando o menino. De suas narinas às vezes saía fumaça enquanto ele respirava. Fiquei parada com a faca apontada para a frente, contendo o

ímpeto de correr. Ele começou a rosnar e a andar de um lado para o outro, nervoso, mas não avançava, era como se houvesse um muro invisível entre nós. Uivava alto como quem estava esperando uma permissão. Pensei em pedir para o menino correr mas o lobo seria mais veloz e poderia pegá-lo. Senti que podia protegê-lo ali. De repente, um uivo saiu da mata, pensei ser a permissão que o lobo aguardava. Ele ouviu e olhou para mim num relance, mas parecia insatisfeito. Depois de muito relutar, recuou e correu para a floresta.

A faca caiu da minha mão de nervoso e eu caí sentada. O menino veio para a minha frente, desesperado, e me agarrou aliviado. Ficamos ali abraçados, e eu senti que havia uma ligação muito forte entre nós. Decidi que não iria largá-lo. Com as mãos, comecei a procurar ferimentos pelo seu corpo por causa daquele sangue todo, mas não havia nada. Ele se afastou e sorriu alegremente, segurou o meu rosto me olhando nos olhos e anunciou:

— Me espere, eu estou chegando!

Depois disso, me deu um beijo no rosto e correu para longe. Levantei aturdida e comecei a correr atrás dele, gritando para que voltasse, com medo de que o lobo o perseguisse. Até que ele sumiu no horizonte.

Uma grande ventania começou e muitas folhas foram levantadas. Tudo começou a girar em volta de mim e senti uma tontura. Caí desmaiada no campo de folhas...

Estava em minha cama novamente. Eram três horas da madrugada quando acordei. Dei um pulo da cama e acendi a luz. Fiquei feito doida passando a mão pelo cabelo e dizendo "lobo, faca, menino" repetidas vezes para ver se enxergava algum sentido em tudo aquilo. Estava impressionada com a sequência dos sonhos e ainda um pouco tonta e enjoada. Liguei meu computador e fui investigar na internet. Coloquei o MSN aberto pois Natasha podia estar *online*. Ela era muito curiosa e achava significado em quase tudo, poderia me ajudar. Ouvi um barulho e vi que tinha recebido uma mensagem instantânea. Era Rico, que estava *online*. Abri relutante a mensagem e estava escrito: "Eu te amo, por favor me responda." Meu coração fraquejou, mas desta vez meu orgulho falou mais alto, eu não iria responder. Ele enviou outra mensagem dizendo que agora tudo estava *realmente* terminado entre ele e Amália, e que ele queria me ver para acertarmos as coisas. A única resposta que consegui dar foi: "Sorte a dela de ter se livrado de você!" e saí do MSN antes de me arrepender. Não consegui pesquisar mais nada, nada fazia sentido. Por que eu estava sofrendo tanto desde que fora para a faculdade? Minha vida tinha sido sempre tão tranquila ali... Desliguei o computador e voltei para a cama para pensar. Não tinha forças para mais nada, nem para orar. Tive que me agarrar na cama para não voltar para a internet e ver o que ele tinha a me dizer novamente, mas eu sabia que quanto mais contato pior seria para eu esquecer. Ainda tinha esperança de que tudo pudesse ser um pesadelo e que eu acordaria na república, nos braços dele.

Acordei com o café na cama servido por minha mãe. Ela disse que ficou muito tempo sem me mimar e que estava sentindo falta. Pode até ser que fosse verdade, mas sem dúvida o maior propósito era fazer uma sondagem sem que ninguém estivesse por perto. Eu me sentia uma alienígena: enjoo, cabeça pesada e boca amarga. Enfim, ela começou:

— E aí, está tudo como você gosta?

— Só você mesmo, mãe... — falei comendo um pedaço do meu bolo de banana preferido.

— Ainda falta uma coisa... — ela pegou um cartão postal e um embrulho e me entregou.

— É da Natasha! — reconheci, animada — Que fofa!

Lemos o cartão juntas e depois eu abri o presente. Era o CD de uma banda gospel inglesa. Tinha uma foto dela com o grupo, e ela já estava sem o aparelho nos dentes. Amei a lembrança. Senti um pouco de culpa por tê-la deixado de lado nos últimos meses.

Minha mãe prosseguiu em sua busca.

— Achei você muito abatida nas férias, resolvi dar um reforço na sua alimentação dessa vez. O que houve com seu celular ontem? Tentei falar com você o dia todo...

Lembrei do Rico e minha expressão esmoreceu na hora. Devolvi o pedaço de bolo no prato e ela percebeu.

— Quer comer outra coisa? — perguntou, solícita.

— Não vai me engordar, hein mãe! — falei, tentando sorrir.

Ela respirou fundo e prosseguiu:

— Sinto que há algo te incomodando minha filha, algo que você não quer me contar. Você tem estado distante e assim fica difícil te ajudar. Eu e seu pai ficamos muito preocupados com a sua depressão da última vez que esteve aqui. Você sabe que pode contar comigo, não é?

Minha mãe era tão maravilhosa que a culpa aumentou ainda mais. Pensei nas atrocidades que tinha cometido na noite anterior e me senti imunda diante dela.

— Mãe, muitas coisas aconteceram na minha vida esse ano, muitas mudanças e... cobranças novas. Foi um ano difícil, isso tudo mexeu muito comigo, mas vou ficar bem, é só... uma questão de tempo.

— Minha filha... você está feliz lá?

Ela puxou meu rosto e me olhou nos olhos aguardando uma resposta. Meus olhos se encheram d'água e não respondi.

— Se quiser voltar, volte. Essa é sua casa e só quero que seja feliz. Não se sinta obrigada a continuar no que não deseja.

Não consegui segurar as lágrimas, que desceram pelo meu rosto. Abracei-a em silêncio. Era melhor deixá-la pensar que fosse algum tipo de crise juvenil do que saber a verdade.

— Vou descer para colocar o café do seu pai, te espero lá embaixo.

— Daqui a pouco eu vou, mãe — respondi enxugando o rosto.

Ela saiu e eu me deitei novamente, sem a menor motivação para levantar. Olhei para o teto tentando achar alguma razão para ter a esperança de que tudo aquilo iria passar logo, mas não achei nenhuma. Olhei minha bolsa e resolvi arrumá-la. Logo que a abri vi minha Bíblia. Resolvi ler algo aleatoriamente para ver se começava bem o dia, por mais que não acreditasse que iria ser um dia bom depois de tudo. Meu coração estava angustiado e eu aceitaria qualquer alento. Eu precisaria de um milagre para arrancar Rico de dentro de mim. Não achava que merecia ajuda de Deus, mas já tinha ouvido falar tanto de Sua misericórdia que resolvi apelar para ela quando orei rapidamente antes de abrir o versículo. Li o seguinte:

"Porque o SENHOR te chamou como a mulher desamparada e triste de espírito; como a mulher da mocidade, que fora desprezada, diz o teu Deus. Por um breve momento te deixei, mas com grande misericórdia te recolherei; Com um pouco de ira escondi a minha face de ti por um momento; mas com benignidade eterna me compadecerei de ti, diz o SENHOR, o teu Redentor."

(Is 54 6 a 9)

Fechei a Bíblia e, abalada, ajoelhei em frente à minha cama. Eu estava me sentindo exatamente desamparada e triste de espírito. Eu já não tinha mais nada a perder, tudo que fiz foi me afastar da presença de Deus e conceder tudo o que a minha alma desejou. Na verdade, eu duvidava de que algum dia estive realmente próxima d'Ele. Foi então que fiz a oração mais honesta, mais simples e mais verdadeira de toda a minha vida:

— Deus... é... você tem visto o quanto estou sofrendo. Não sei se mereço ou não, não quero me justificar. De todos os erros que cometi, o maior foi não pedir o Seu conselho para as

decisões que tomei. Eu não sei como fazer isso... como Te ouvir. Creio que é algo muito profundo, que eu nunca experimentei — olhei pela janela com os olhos cheios de lágrimas. — Mas eu quero Deus, eu quero mesmo. Preencha esse... buraco gigante que está no meu peito, por favor. Me ajuda! Eu te imploro! Não quero mais sofrer assim. Eu quero Te conhecer mais, quero entender aqueles sonhos e todos os sinais que você me envia para não errar de novo o caminho. Se você realmente está aí, se realmente me aceita assim como eu sou, me ajude a deixar de amar o Rico. O que eu realmente queria era ele transformado, mas seja feita a Tua vontade... No quero mais levar minha vida de forma tão independente. Por favor, seja meu guia...

Não consegui continuar pois já chorava e soluçava muito, era a minha primeira conversa *sincera* com Deus. Após alguns instantes, uma leve brisa entrou pela janela do meu quarto tocando o meu rosto, meu coração foi se acalmando e eu me senti mais confortada de alguma maneira. Era como se, por alguns minutos, eu esquecesse de tudo. Fui absorvida por uma intensa e inexplicável paz. De alguma forma eu sabia que não estava ali sozinha. Levantei, lavei o rosto e desci.

Depois do café, resolvi ir na casa da Michele contar o ocorrido antes de Desiree. Precisava conversar com alguém sobre tudo que havia acontecido, mesmo sabendo que ouviria muitos "eu te disse", mas ela era confiável.

Quando cheguei, sua mãe me recebeu na porta com um enorme sorriso. Ela não recebia muitas visitas pelo que eu sabia. Entrei e ela pediu que eu fosse até o quarto de Michele. Relutei, pensando que ela estava dormindo, mas sua mãe insistiu dizendo que ela estava acordada, só se sentia um pouco mal. *Será que ela enjoou da viagem também?*

Quando abri a porta do quarto, ela estava deitada de lado na cama, abraçando os joelhos. Quando ela me viu, brinquei:

— Quem está horrível agora, hein? — apesar de abatida vi que ela estava feliz em me ver ali.

— Oi Angelina, que bom que veio, pena que não vou poder sair com você, estou morreeeendo de cólica — disse ela fazendo uma careta.

Eu já conhecia aquele estado, toda vez que ela ficava "naqueles dias" ficava assim. Sentei ao lado dela passando a mão no seu cabelo e disse:

— Acho melhor eu aproveitar pra te contar algo agora então, já que você não pode me bater — falei com um sorriso triste de canto de boca.

— O que foi? — perguntou ela, sentando rapidamente na cama. — O que você aprontou?

— Eu, nada... — respondi, abaixando os olhos.

— Foi aquele safado, não é? Eu sabia que ele não era confiável. O que ele fez dessa vez?

Contei todo o ocorrido, desde quando ela me deixou na república na noite anterior e comecei a chorar no meio da história. Ela conteve o ímpeto de me xingar e me abraçou por um momento. Eu gostava cada vez mais dela.

— Ele não é para você, Angelina, olha só até onde chegou. Rico é só o seu primeiro amor, mas você vai conseguir esquecê-lo. Você é muito nova, tem muitos caras legais por aí. Eu não tenho dado sorte porque eu sou... você sabe... meio agitada. Mas você é uma menina maravilhosa, pura, não vai ficar só muito tempo.

Ouvi, achando tudo aquilo impossível.

— Eu não quero mais ninguém, Michele, você não entende? Eu amo o Rico de verdade, estou decepcionada com ele, mais ainda o amo, mesmo depois de tudo. Como posso acreditar que vou esquecê-lo dessa forma? Posso até escolher não ficar com ele, mas não vou mudar meus sentimentos tão cedo — decretei.

— Você já orou por isso?

Nem acreditei na pergunta, não era o tipo de rumo que a conversa dela geralmente tomava.

— Sim, hoje de manhã — respondi.

— Então, confie! Tenho visto Deus responder minhas orações também. Meu pai largou aquela mulher e ele e minha mãe estão fazendo terapia de casal, acredita?

Meus olhos brilharam de felicidade com aquela notícia. Finalmente ela não seria mais a pobre vítima de um lar desfeito. Nos abraçamos novamente, comemorando. Então, ela continuou:

— Tenho pensado muito em tudo isso que está acontecendo. Quando eu e você nos conhecemos, minha vida estava uma bagunça, ainda estou pensando em como consertá-la de vez... — nós rimos. — Eu não tinha foco pros estudos, não me comprometia com nada, tentava neutralizar a dor que meus pais me causavam com as brigas, me afastando o máximo possível deles. Eu nunca acreditei que poderia, ou queria, mudar nada à minha volta, achei que simplesmente tinha que me conformar com a minha má sorte. Mas agora, vendo essas mudanças aqui em casa depois que começamos a orar, algo inusitado surgiu na minha vida: a esperança. Eu não tinha isso, sabe? Achava que nem tinha direito de pedir nada a Deus. Mas agora, testemunhando essa súbita mudança no relacionamento dos meus pais, começo a crer cada vez mais em como Deus pode ser real pra nós se acreditarmos n'Ele. Fico motivada a tentar "colocá-lO a par" de outras áreas da minha vida também.

Fiquei impressionada ao constatar que, em meio às lutas, Deus podia estar trabalhando.

— Acho que é uma decisão muito sábia, Michele. Eu não fiz isso antes e veja a minha situação— falei, dando um suspiro triste.

Passei a mão em sua cabeça e desci até a cozinha para pegar um remédio para ela. Sua mãe estava lá e me entregou. Antes que eu subisse de novo, ela disse:

— Angelina, obrigada por tudo.

— Pelo quê? — perguntei, confusa.

— Michele mudou muito depois que você foi morar com ela. Ela se aproximou de mim novamente, está mais calma. Soube que ela foi à igreja com você, ela nunca queria ir comigo. Estamos lendo a Bíblia todos os dias à noite, ela me contou que sempre faz isso com você, acho que você foi um anjo na vida dela.

A palavra "anjo" me doeu um pouco, mas fiquei feliz com tudo que ouvi. Voltei para o quarto e Michele estava no banheiro, ela me pediu para eu levar o remédio lá. Fiquei pensando em como as mulheres sofrem mais que os homens, até fisicamente. Ainda bem que eu nunca tive esses *problemas menstruais*, pelo menos. Aliás, fazia algum tempo que eu nem ficava menstruada. Nunca fui muito regular, mas a última vez parecia uma eternidade. Senti um frio na espinha, eu tinha chegado muito enjoada na noite anterior e no meu sonho apareceu um menino, que nunca esteve lá antes. Minha ligação com ele era óbvia, eu o protegi. Ele impediu que eu me matasse! Ai meu Deus... ele disse que estava chegando! *Será que eu estou grávida*? Sentei na cama, apavorada com a ideia. Só de pensar o enjoo voltou. Michele saiu do banheiro e eu entrei correndo, pensando que iria vomitar. Voltei para o quarto, branca, e Michele perguntou se eu estava me sentindo mal. Falei para ela da minha desconfiança e ela se apavorou conjuntamente.

— Como pôde ser tão ingênua, Angelina? Já que já estava vivendo isso, nunca pensou em se prevenir? — gritou ela.

— Fala baixo Michele, sua mãe pode ouvir. Algumas vezes nos preveníamos, mas em outras... — respondi, ainda atônita.

— Temos que fazer um teste! — disse ela, decidida, se levantando.

— Não! Eu não quero saber! Não agora. Amanhã estaremos no campus e eu compro um teste de farmácia. Tenho medo de fazer aqui e alguém descobrir. — Eu estava assombrada com a possibilidade. Ficamos ali nos olhando, sérias, sem saber o que dizer.

— Bem, é só uma suspeita, certo? Não vamos pensar no pior agora — concluiu ela, tentando inutilmente me animar.

Despedi-me e fui para casa. O que eu faria se aquilo fosse verdade? Como falaria para o Rico? Como falaria para os meus pais? E a minha faculdade? Eu teria que largar tudo para cuidar de um bebê sozinha?

Caminhei lentamente até em casa pensando em todas as consequências daquela situação. Idiotamente, me peguei pensando que, de repente, eu e o Rico ficaríamos juntos e formaríamos uma família feliz, mas logo voltei à realidade.

Quando cheguei, fui direto para o meu quarto. Minha mãe insistiu para eu almoçar, mas eu disse que ainda estava enjoada. Entrei na internet para ver se ele estava *online*, não sabia se contaria para ele ou não. Ele não estava. Olhei meus e-mails e havia uma mensagem dele:

"Angelina,

sei que o que fiz não tem perdão, só me dei conta disso agora que a perdi. Você não entende porque sua vida foi muito diferente da minha, e nem por isso quero me justificar. Só quero que saiba que eu não consigo mais ficar sem você. Faço o que quiser para ter uma segunda chance (terceira, corrigi). Falo com seus pais, com seus avós, com quem quiser. Você afetou o meu mundo de uma maneira que não pode imaginar. Somente me dê mais uma chance, meu anjo. Eu te amo e não vou mais te decepcionar.

Só seu, Rico."

Enquanto eu lia soluçava cada vez mais, ele era a minha vida, era muito tentador. Lembrava de cada detalhe do corpo, do cheiro, da voz dele. Só de pensar que alguma parte dele podia estar crescendo dentro de mim me deixava insensatamente feliz.

Mas eu tinha tomado uma decisão, não faria nada sem consultar Deus primeiro. Resolvi contar tudo para Natasha através de um e-mail gigante e comecei a digitar. Ela era uma pessoa muito ligada a Deus e iria me aconselhar bem, com certeza. Eu precisava muito de ajuda. Eu era doente pelo Rico e agora sabia disso. Escrevi uma mensagem desesperada, pedindo para ela voltar caso eu tivesse que enfrentar essa história de gravidez sozinha. Sabia que ela não me deixaria fazer nenhuma besteira. Orei para ela ler aquilo o mais rápido possível e apertei o *enter,* enviando a mensagem.

CAPÍTLO IX

GRANDES SURPRESAS

In England...

Era tarde de domingo e Dante estava em casa. Natasha tinha saído em viajem com alguns jovens missionários e voltaria dali a três semanas, ele estava sozinho. Seu curso de música já terminara e havia um grande conflito em sua cabeça, ele tinha uma decisão a tomar: voltar para o Brasil e para sua banda — que tanto amava —, ou ficar e aceitar o contrato que lhe ofereceram para gravar sozinho em Londres. Ele não parava de pensar nisso há dias. Então, resolveu que era o momento perfeito para falar com seu melhor Conselheiro e decidiu orar. Como sempre, entregou suas ansiedades ao Pai e pediu que Ele lhe desse uma direção, um sinal de qual era Sua vontade para a vida dele. Quando acabou de orar, resolveu entrar no computador pra falar com seus amigos do Brasil. Ao sentar na escrivaninha, percebeu que Natasha deixara o computador ligado. Apertou qualquer tecla e o monitor acendeu, mostrando aberta a caixa de mensagens de e-mails de sua irmã. Ele viu que tinha chegado um e-mail novo, de remetente "Angelina", com o assunto: *"Me ajude, assunto de vida ou morte"*. Aquilo mexeu muito com ele. Ele conhecia Angelina desde pequena e sabia que ela não era o tipo de pessoa dada a termos exagerados como aqueles. Devia realmente estar precisando de ajuda. Dante não tinha como avisar Natasha, pois ela estava na estrada e sem celular. Ele só tinha o telefone da parada onde ela estaria dali a dois dias. Uma dúvida se instalou na sua mente: deveria ignorar o e-mail em respeito à privacidade de sua irmã? Ou deveria ler e ajudar Angelina no que pudesse? Afinal, ele também era seu amigo, não tanto quanto Natasha, mas também era — fora o fato de que sempre tivera uma paixonite platônica por ela quando eram pequenos, mas como ela sempre o tratara quase como irmão, ele ressentidamente desistiu. A curiosidade venceu e ele tomou a decisão de abrir o e-mail.

Ao ler a mensagem, Dante ia ficando cada vez mais chocado com as notícias, e mais compadecido também. Não parecia um e-mail daquela ingênua garota que ele conheceu em Petrópolis. Era uma mulher, com conflitos reais, e que necessitava urgentemente do aconselhamento de alguém mais neutro e sensato. Preocupado com o estado depressivo de Angelina, ele interpretou o e-mail como uma resposta: alguém precisava falar com aquela menina. Na mesma hora, sem pensar muito, comprou sua passagem para o Brasil, com horário para a próxima madrugada. Concluiu que tomando a decisão de forma rápida estava trazendo à tona o que realmente queria: voltar para o seu país. Fez as malas e deixou uma carta de desculpas para sua irmã explicando tudo. Devido ao tamanho do problema de Angelina, acreditava que Natasha iria aprovar sua atitude, pois teria feito o mesmo se pudesse.

No Brasil...

Ao chegar na faculdade tive notícias de que Rico tinha alugado um apartamento e não estava mais lá. Ele também havia tirado uns dias de licença, mas eu não sabia por quê. Fiquei aliviada por não vê-lo e desconfiada de que estivesse *naquele* apartamento. Mas, por hora, eu tinha algo mais importante para resolver. Na parada da estrada e sem que meu pai visse, comprei o teste de gravidez e o coloquei na bolsa. Michele era minha cúmplice e distraiu-o na hora da aquisição. Eu detestava aquele clima de "inimigos", que eu mesma tinha criado entre eu e meus pais com minhas mentiras. Inclusive, meu pai já tinha feito a transferência do valor do meu carro para a minha conta como presente de aniversário. Como eu poderia fazer isso com

ele? Se eu estivesse *mesmo* grávida, quão grande seria seu desgosto...

Ao chegar fomos ao banheiro, eu e Michele, juntas. Eu estava tremendo e então Michele segurou minhas mãos e sugeriu:

— Vamos orar.

Segurei nas mãos dela com força e ela orou pela minha situação. Ela estava realmente mudada. Quando acabamos, entrei no banheiro para cumprir os procedimentos. Ao sair, deixei o objeto do resultado na pia, eu saberia a resposta em cinco minutos. Pedi a Michele para ficar olhando, pois eu estava muito nervosa, senti de novo vontade de vomitar. Foram os cinco minutos mais longos da minha vida. Fiquei olhando para a janela tentando prever o meu futuro. Seria mesmo um menino? Se fosse confirmado, eu esperava que fosse tão lindo quanto o pai. Eu cuidaria dele sozinha, assim como Carla fez com a Carina. Eu sabia que meus pais me apoiariam, após o trauma inicial, e eu também contava agora com Deus.

Apesar de saber de todas as mudanças e exigências que a possível vinda desse indefeso ser trariam à minha vida, não conseguia ver a maternidade como uma coisa ruim, não tendo uma mãe como a minha. Na verdade, por vezes tentei entender os diversos motivos pelos quais Deus desejava tanto que os seres humanos procriassem. Admiti que o maior motivo pelo qual eu não desejava totalmente essa criança agora residia no meu próprio egoísmo, pois tudo girava em torno do meu universo desmoronado. Eu teria que aprender a amar e a cuidar de alguém além de mim mesma, e aquele não era o momento mais oportuno *para mim*. Concluí que talvez fosse esse o principal plano de Deus ao nos conceder os filhos: nos ensinar a melhor refletir sobre o amor incondicional, independente dos nossos problemas.

Achei que já tinham se passado mais de cinco minutos quando me virei. Michele me olhava com uma expressão aliviada e disse:

— *"O ímpio tem muitas dores, mas aquele que confia no SENHOR a misericórdia o cercará."* — *Será que ela decorou todos os versículos da Bíblia?* — Negativo amiga, Deus te deu outra chance.

Pulei em cima dela e a abracei, chorando de alivio. Minhas pernas ainda tremiam. Uma pequena parte de mim se entristeceu pelo meu amado bebê imaginário, mas era melhor assim. Por um momento fiquei confusa, pensando no menino do sonho: quem era ele, afinal?

Voltamos para o quarto para relaxar e tomarmos uma xícara de café. Como o Rico estava de licença naquela semana, eu só teria aula com ele na próxima e isso iria ajudar na minha recuperação interna.

Estava muito mexida com tudo que tinha acontecido e depois da aula resolvi dar um pulinho na casa da Carla para ver a Carina. A menina me viu de longe e veio correndo para o meu colo. Abracei-a, pensando que um dia, com certeza, iria ser mãe, mas claro que em outras circunstâncias. Como sempre, todos me receberam bem. Eu e Carla conversamos nas nossas cadeirinhas cativas em frente ao lago. Nesse dia, me senti compelida a abrir o jogo de vez com ela. Contei tudo que acontecera, toda a minha agonia e sofrimento, e ela me escutou, compreensiva. Não sei por que não me abri com ela antes. Ela me contou que o pai de sua filha era o antigo melhor amigo do Rico, e por isso ela não gostava muito dele, achava que ele era "da mesma laia". Depois de conversarmos longamente, me senti mais leve. Mas sabia que isso só duraria até eu *vê-lo* na próxima semana.

Caminhei tranquila de volta para o meu ninho, já estava entardecendo, o céu estava lindo em nuances azul, laranja e rosa. Quando entrei na saleta da república tomei um susto. Sentados no sofá estavam Michele, um rapaz com rosto conhecido (mas não da faculdade) e Dante. Meus olhos brilharam com aquela feição tão familiar, corri e o abracei apertado. Por alguns segundos, me senti em casa. Nos olhamos, enquanto eu não estava entendendo nada. Ele estava... grande.

Sempre foi alto, mas agora estava mais encorpado. Percebi que também já havia tirado o aparelho, assim como Natasha na foto. Ele não era mais aquele garoto desengonçado de Petrópolis: era um rapaz, e lindo. Seu novo corte de cabelo, apesar de ainda deixar uma leve franjinha caída sobre a testa, deixava seus olhos azuis finalmente livres. Sua pele estava perfeita e pela primeira vez notei que lindas covinhas ele fazia ao sorrir. Os ares cinzentos de Londres tinham-lhe feito muito bem...

Depois do choque e com a mudança notável perguntei, animada:

— O que você está fazendo aqui? Cadê a Natasha? Ela está aqui? — perguntei ,sondando ao redor.

— Calma Espoleta, você é sempre afobada. Deixe-me ver como você está, agora que é uma universitária — disse ele sorrindo e me segurando pelos braços para me analisar. — Linda como sempre! — constatou. Baixei os olhos, modestamente.

Espoleta era como ele me chamava desde pequena, pois eu estava sempre aprontando com a Natasha. Fiquei ali, empertigada na frente dele, minha felicidade pela sua presença era evidente.

— Minha irmã não veio, está viajando com um grupo missionário pela Europa — anunciou ele, me soltando e colocando as mãos no bolso.

— Mas e você, como veio parar aqui? — indaguei, ansiosa.

— Não posso visitar uma velha amiga? — respondeu sorrindo, para o meu agrado.

— Claro que sim! — respondi, internamente eufórica.

Enquanto estávamos abraçados, meus olhos embaçaram um pouco lembrando de tudo que havia passado longe dele e de Natasha. Ele ficou ali comigo e notou discretamente a minha emoção. Depois me apresentou ao rapaz que estava ao lado de Michele: era Murilo, baterista da sua banda, logo me lembrei. Era uma rapaz alto, magro, cabelos curtos meio aloirados e olhos castanhos. Nunca tínhamos conversado muito. Murilo e Michele já se conheciam do tempo de colégio e conversavam animadamente. Dante pediu para eu lhe mostrar a faculdade, saímos para caminhar e eu segurei a sua mão.

— Já está escuro, você não vai conseguiu ver muita coisa, mas tem um lago aqui atrás e o reflexo da luz da lua fica lindo à noite, vem ver. — Conduzi-o, empolgada.

Quando chegamos no lago, o mesmo estava mais iluminado do que nunca. Olhei para Dante para ver se ele também o admirava, mas ele me fitava, sério.

— Como você está? — perguntou ele.

— Bem... por quê? — disse eu, não entendendo novamente a pergunta.

— Preciso que saiba que vim aqui por você. — Cerrei os olhos, confusa. — Li o e-mail que enviou para Natasha, me perdoe por isso... — confessou ele, sem jeito.

Baixei os olhos, imediatamente envergonhada com a situação. Ele tocou suavemente em meu braço e me virou novamente para ele.

— Quero que saiba que não a julgo por nada, sei que já está pagando um preço alto demais. Vim porque somos amigos e Natasha não poderia vir tão cedo. Queria saber se posso te ajudar de alguma forma.

Olhei para ele, agradecida pela sua compaixão. Fiquei tão lisonjeada por ele ter dito que viera por minha causa que, indulgentemente, ignorei a invasão de privacidade cometida. Ele continuou:

— Se estiver realmente grávida, eu te ajudo a contar aos seus pais, estarei ao seu lado para apoiá-la no que precisar .

Eu o ouvi, paralisada com sua atenção e bondade, e pensei que talvez nem todos os homens fossem capazes de fazer uma mulher sofrer tanto.

— Eu não estou grávida — revelei. — Fiz o teste hoje, mas o resto infelizmente realmente aconteceu.

Ele suspirou, aliviado, e me consolou:

— Pelo menos é uma coisa a menos pra você se preocupar, o resto é mais fácil de curar...

— Mas eu estou sofrendo muito por ele, você nem imagina tudo que já passei.

— O tipo de ligação que vocês tiveram os torna um só, por isso Deus nos recomenda que seja preservada até o casamento. É como se você... *colasse* duas folhas de frente e depois de algum tempo, quando tenta separá-las, pedaços de uma ficam grudadas na outra. Na verdade, o ideal é que não se desgrudem nunca mais, e sim permaneçam juntas.

Meus olhos se umedeceram.

— Mas eu nunca *quis* desgrudar dele, só não posso aguentar viver sendo traída...

— O problema é que você não deveria ter "*se grudado*" com uma pessoa que não tem uma aliança com você. Então, estava sem garantias. Essa aliança é simbolizada pelo matrimônio. Parece careta, mas é verdade.

— Fico espantada de ver um homem falando assim. Quer dizer, em geral vocês são muito mais *ansiosos* do que nós... — falei, balançando a cabeça.

— Nem por isso precisamos ceder aos nossos *anseios*. Ter desejo é normal, é o que nos faz querer ficar juntos apesar de tudo. Com tantas preocupações no relacionamento, como filhos, parentes, despesas de uma família, se não tivéssemos uma *bela recompensa,* enlouqueceríamos! Deus é sábio em todos os seus planos pra nós, Ele conhece a raiz do homem, somos movidos a compensações. Ter domínio próprio para *escolher* esperar é um dom de que advém d'Ele.

— Está me dizendo que você é...

— Virgem? Sim, eu sou.

Fiquei pasma com a tranquilidade daquela revelação nos dias atuais.

— Sei que quando a encontrar, será o melhor presente que levarei para minha noiva: *exclusividade*.

— Então, não a encontrou ainda?

— Não, estou esperando *ela* aparecer. Sei que Deus já providenciou nosso encontro. Ele escolhendo, não há como não dar certo.

— E como saberá quem ela é?

— Meu coração está ligado ao d'Ele, Ele me dirá.

— Gostaria de ser confiante como você, mas sempre que tento esquecê-lo, ele aparece. É inútil.

— Você deve evitá-lo ao máximo nesse momento. Li no seu e-mail que ele é seu professor, não é? Sente na última cadeira, só fale o essencial. Não leia mensagens dele e não o atenda no telefone. É a única forma de esquecer. Ninguém consegue ficar perto do fogo sem se deixar consumir.

Era a pura verdade. Rico me consumia completamente. Quando Dante falava parecia tudo mais fácil e cheguei a acreditar que conseguiria. Fiquei ali, contemplando-o, com a luz da lua batendo na sua face e acendendo aqueles olhos maravilhosos. Será que era o mesmo Dante?

— Bem que você poderia ficar por aqui para me impedir de fazer alguma bobagem — falei rindo e sem graça para ele.

Ele sorriu de volta, mas rebateu:

— Você tem que fazer isso sozinha ou nunca se controlará. Sei que você vai conseguir, você sabe que merece o melhor. Deus não quer te trazer sofrimento e sim paz e alegria. Vou

orar por você de onde estiver.

Abracei-o novamente e me senti reconfortada após a nossa conversa.

Ao voltarmos para a república, já havia anoitecido. O papo de Michele e Murilo ainda evoluía, animado. Dante interrompeu o amigo dizendo que era tarde e que eles deveriam ir para o hotel pois iriam visitar uma gravadora no centro do Rio de janeiro bem cedo. Acompanhamos todos até o carro e Dante entrou no banco do carona. Ele segurou minha mão pela janela e disse:

— Se cuida, Espoleta...

Eu queria segurá-lo ali.

— Sua visita foi um presente pra mim, obrigada — agradeci.

Eles partiram e eu e Michele ficamos olhando o carro se distanciando. Quando eles sumiram de vista, me virei para Michele e ela estava com um sorriso malicioso no rosto. Então, perguntei:

— O que foi?

Ela provocou:

— Como esses meninos cresceram, hein? — e caiu na gargalhada.

Comecei a rir também e dei um tapinha no ombro dela. *Adoro garotas*! Então, entramos para dormir, mas não sem antes orarmos juntas para agradecer as bênçãos daquele dia.

Acordei com meu celular despertando, me espreguicei e olhei minha cortiça. Vi a foto em que eu, Natasha e Dante estávamos abraçados. Sorri, me lembrando da noite anterior. Olhei para a cabeceira da minha cama e vi minha foto com Rico na asa delta. Peguei o porta- retrato e passei os dedos sobre o rosto dele. Minha companheira, a dor, se aproximou para me dar bom dia. Coloquei o objeto no lugar e me sentei. Ainda a olhava, quando ouvi:

— Isso não vai ajudar muito a esquecê-lo! — era Michele, se levantando também. — Por que não joga isso fora?— sugeriu.

— Não estou preparada para isso, Michele — falei, ainda olhando para a foto, que me parecia um sonho distante.

— Por que não a guarda, pelo menos? Assim, não vai ver todo dia, já não bastam as aulas que terá com ele?

— É verdade — concordei. — Nem consigo imaginar como serão essas aulas... pensei em trancar a matéria, mas teria que fazê-la de novo com ele no próximo semestre. Prefiro passar logo por isso.

— Ainda bem que desistiu de trancar a faculdade. Pelo menos... — falou ela já de pé, preparando um café.

— Ele não valia isso... — declarei, sem estar convencida.

Chegamos na faculdade e Michele foi encontrar as amigas no trailer. Eu segui para a minha sala. No caminho, havia algumas salas vazias. Passei por uma onde vi um círculo de cadeiras com umas 12 pessoas ouvindo e uma menina falando. Ao passar pela sala, parei ao ouvir a palavra "*Jesus*".

Fiquei ali perto da porta sem ser vista para ouvir do que estavam falando. Ouvi a menina com sotaque gaúcho dizendo:

— Vocês perdem muito tempo falando de religião. Não era essa a preocupação de Jesus. Um amor forçado por uma religiosidade fingida nunca esteve nos planos d'Ele. Aliás, Ele sempre criticou essa atitude. A maioria das pessoas acha que seguindo doutrinas ou cumprindo obrigações religiosas vão agradá-Lo, mas não é isso que Ele deseja. Ele quer se tornar seu melhor amigo. Se vocês realmente buscarem conhecê-Lo, verão que Ele lhes dará um propósito, um sentido na vida — que permitirá superar todo estresse e sofrimento e os transformará profundamente.

Aproximei-me da porta e vi que ela segurava um livro. Ela parou e olhou para mim. Era branca e alta, tinha um porte atlético, seus cabelos eram lisos e castanhos claros, seus olhos eram pequenos e amendoados e havia algumas sardinhas em seu rosto. Tinha uma expressão forte, vestia uma bermuda cáqui até os joelhos, uma blusa branca e sandálias rasteiras. Usava discretíssimos brincos e mais nada. Seu estilo, eu diria, era... despojado.

Ela abriu um sorriso para mim, notei que seus lábios eram finos e seus dentes grandes.

— Seja bem vinda, estava te esperando — falou ela, ainda sorrindo.

Uni as sobrancelhas sorrindo para ela, sem entender.

— Nos conhecemos? — perguntei.

— Ainda não, eu sou Ana Cristina Feller — disse ela, estendendo a mão. — Estou esperando muitas pessoas que um Amigo foi buscar para mim. Você é uma delas — concluiu, me oferecendo uma cadeira.

— Meu nome é Angelina, parei aqui só por curiosidade, mas acredito no Amigo que você disse. Você estuda aqui?

— Não, na verdade eu e meu grupo chegamos ontem ao Rio. Viajamos pelo Brasil levando a Palavra em colégios e universidades.

— Que ótimo! — exclamei, entusiasmada. — Estava mesmo precisando de um grupo desses aqui. Vocês têm um nome ou coisa assim?

— Não — respondeu ela olhando de volta para o livro. — Não queremos funcionar como uma instituição. Nossos membros vieram de várias denominações diferentes, mas temos todos um só propósito: seguir Jesus e levar a sua Palavra. Abandonamos nossas casas, nossas famílias e partimos com essa missão, tiramos férias uma vez por ano para ver nossos parentes. Estamos nisso há três anos e Deus tem abençoado muito nossas jornadas. Nosso grupo aumentou muito — falou ela, virando-se para o grupo. — Em nossas viagens, sempre tem alguém disposto a nos acompanhar. Éramos cinco no início, hoje somos 20. Mas sempre deixamos bem claro as abdicações que essa decisão implica, esse é um tipo específico de ministério que exige algumas renúncias importantes, não é para todos. Acreditamos que no corpo de Cristo *todos* são importantes de formas diferentes, nenhum é menos ou mais importante. O que não podemos é negligenciar os nossos dons. Bom, creio que por hoje é só, moçada.

Houve um sonoro "*Ah!*" das pessoas presentes. Sorri ao ver que havia tantos *cristãos ocultos* naquela faculdade e me apressei em perguntar:

— Por quanto tempo ficarão aqui?

— Até dezembro, a princípio. Mas é Deus quem manda nesse negócio.

— Quando terá outra reunião dessas?— perguntei, ansiosa.

— Amanhã, na margem do lago às seis horas da manhã. Vocês entram na aula às sete, não é? — Achei cedo, mas com certeza não perderia essa oportunidade. Ninguém reclamou também. — Vamos orar e encerrar esse momento. Querido Pai, obrigada pelas pessoas maravilhosas que o Senhor trouxe aqui hoje, que o Espírito Santo possa acompanhar cada uma delas agora. Cumpra o seu propósito nessas vidas que lhe apresento, dá também a mim a porção necessária para permanecer. Te amamos.

Em nome de Jesus, Amém.

Eu mal podia esperar para contar a maravilhosa novidade a Michele, sabia que isso também era a resposta de nossas orações e estava ansiosa pelo dia seguinte. Fiquei impressionada com a total entrega das pessoas daquele grupo. Só uma fé muito forte poderia motivar tal atitude e mais uma vez cheguei à conclusão de que não sabia nada sobre Jesus. Ele deveria ser mesmo muito melhor do que eu imaginava. Por alguns momentos me esqueci da existência de Rico... até olhar seu nome no quadro de professores do corredor. Sabia que ainda levaria algum tempo para

me recuperar. Estava com medo do que iria acontecer na próxima semana quando o visse, mas tinha resolvido confiar a Deus aquela situação.

Cheguei na república e contei as novas a Michele que, como eu, ficou animadíssima. Fui ao computador mandar uma mensagem para Natasha e falar sobre esse grupo missionário aqui do Brasil. Ao entrar na minha caixa de mensagens fui surpreendida por uma mensagem de Dante:

"*Olá, Espoleta, espero que tenha acordado melhor. Esse final de semana eu e minha banda tocaremos no restaurante do pai de um dos nossos integrantes em Petrópolis, se estiver por aqui, passe por lá. Segue abaixo o endereço...*"

Fiquei duplamente encantada: pelo convite e por ter lembrado de mim tão logo saiu daqui. Aliás, eu estava inusitadamente empolgada em se tratando de Dante, parecia que ele era... outra pessoa, ou eu era, não sei. Só sei que passei boa parte da tarde pensando nele, quando não estava *platonicamente* pensando em Rico.

No dia seguinte, eu e Michele estávamos no lago. Chegamos mais cedo que todos, só Ana já estava presente calmamente sentada e olhando as águas. Nos cumprimentamos e ela continuou ali. Sentamos ao seu lado.

— Está uma linda manhã, não canso de contemplar a obra de Suas mãos... — percebi que ela não falava conosco. — Bom dia meninas, dormiram bem?

— Sim e você?— respondeu Michele, antes de ser apresentada. — Sou Michele, colega de quarto de Angelina, ela me falou sobre você ontem...

— Muito prazer, Michele, que bom vê-la aqui. Respondendo à sua pergunta, dormi muito bem, tive sonhos maravilhosos!— disse Ana, chamando minha atenção.

— Você sempre se lembra dos sonhos? — perguntei, curiosa.

— Às vezes — disse ela, balançando os ombros.

— Acha que eles sempre têm algum significado? — indaguei.

— Nem sempre, mas Deus tem muitas formas de falar com cada um. Com a maioria, suponho que os sonhos sejam só a nossa mente trabalhando à noite.

— Acha que Deus pode nos mandar alguma... mensagem enquanto dormimos? — insisti.

— Deus pode tudo! Quem sou eu para limitá-lo? Mas por que tanta curiosidade, Angelina? Tem sonhado muito?

— Não muito, mas quando sonho é sempre o mesmo sonho, com pequenas variações de personagens. Tento entender, mas não consigo. Eles parecem tão... reais pra mim.

— Já ouviu falar em arrebatamento de espírito? — perguntou ela.

— O que é isso?

— Quando Deus revelou o livro de Apocalipse a João, ele foi arrebatado, mas só em espírito. Seu corpo permanecia no mesmo lugar. Lá, Deus lhe revelou as coisas que hão de acontecer, devemos estar atentos a situações assim.

Fiquei impressionada com o que ela disse, que poderia me ajudar a entender a forma como tudo parecia real na hora, mas não me ajudava a entender o resto.

Continuamos conversando até que os outros foram chegando. Nós sentamos ali na grama mesmo, em roda, e oramos. Havia carinhas novas por lá, o grupo já havia aumentado. Então, Ana começou a falar:

— Ser cristão... O que é isso? — ela pausou por alguns instantes. — Acho que não é viver mais ou menos com Jesus, trata-se de uma entrega verdadeira e pessoal. A Sua palavra veio para salvar o mundo e não para julgá-lo, como muitos imaginam. Alguns não se acham dignos do Seu

amor, pois estão cheios de pecado (me incluí nesses). Deus de fato não ama o pecado, mas ama o pecador. Jesus é amor, esse sentimento é a sua essência. Não há nada que você possa fazer para que Deus te ame mais, ou menos. Ele simplesmente escolheu te amar, Ele é livre pra isso. Devemos seguir o Seu exemplo e dar amor por decisão às pessoas, sem esperar recompensas. O mesmo deve acontecer com o perdão: você tem que ser livre para perdoar as pessoas e seguir sua vida, foi assim que seus pecados foram perdoados na cruz, gratuitamente. A falta de perdão só adoece a você mesmo. Sei que às vezes é difícil, mas assim como o amor, é uma decisão. Confie que Deus pode consertar qualquer situação e qualquer coração ferido, mesmo que a dor seja muito recente e profunda. Estou aqui para convidá-los para a aventura mais segura de suas vidas, porém a que parece a mais arriscada: confiar plenamente em Jesus a partir de hoje. Ele disse que não precisaríamos andar ansiosos pois ele cuidaria de nós; Ele disse que se daria liberalmente àqueles que o buscassem de coração; que o colocássemos em primeiro lugar em nossas vidas e *nada* nos faltaria...

Eu tenho feito isso. Há três anos entreguei minha vida a Ele e nesse caminho nem doente eu fiquei porque confio a Ele todas as coisas. Muitos têm medo, acham que vão ter de abrir mão de muitas coisas e isso é um engano exagerado. Se tiverem que abdicar de algo, eu lhes garanto: não será nada comparado com o que vão ganhar. Faço esse convite hoje a vocês, não tenham medo nem vergonha, pois Ele não teve quando morreu por você...

Algumas pessoas se entreolharam e algumas encorajavam outras. Uma pessoa perguntou:

— E como fazemos isso?

— Com uma simples oração — respondeu Ana, se levantando. — como eu disse, não há nada que vocês possam fazer para Deus amá-lo mais. Ele somente deseja ser convidado para participar dessa jornada com você. Alguém se habilita para essa aventura?

Três pessoas se levantaram imediatamente. Senti que devia fazer o mesmo, mas estava com vergonha. Apesar de ter sido criada num lar cristão, nunca tinha feito isso publicamente. Nunca tinha feito nenhum tipo de compromisso verbal com Deus, nem mesmo me sentia próxima a Ele. Eu ia à igreja, onde me diziam o que eu devia ou não devia fazer, e achei que aquilo bastava para ter uma vida espiritual. Antes que eu me decidisse, Michele se levantou e foi a motivação que me faltava; também me levantei. E ali, todos juntos, entregamos nossas vidas a Ele, e dessa vez eu sabia que era para sempre.

No final da reunião senti um desejo imenso de me aconselhar com Ana. Mesmo a conhecendo pouco, eu sentia que podia confiar nela.

— Podemos conversar antes de eu ir pra aula?— solicitei, tímida.

— Claro, em que posso ajudá-la? — respondeu ela de forma afável.

Olhei para Michele incomodada e ela percebeu que eu queria ficar a sós com Ana. Deu de ombros e falou, revirando os olhos:

— Eu já sei de tudo mesmo — e saiu, virando-se na direção da faculdade.

Voltei-me sem graça para Ana e ainda tomando coragem, comecei:

— Eu sinto que posso, na verdade preciso, me abrir com alguém como você. Alguém mais... experiente do que eu. Estou sofrendo bastante ultimamente por causa de uma pessoa, tenho orado, mas não vejo melhoras no meu coração. Ele... me traiu... duas vezes. Na verdade, quando nos conhecemos ele já tinha outro relacionamento, mas eu não sabia. Nunca imaginei que nosso romance fosse chegar ao patamar que alcançou, pensei que minha empolgação inicial era relativa ao fato de tudo ser novidade. Mas ele é... lindo, brilhante, perfeito. Não sabia que amar podia ser tão... destrutivo. Em pouco tempo eu me *entreguei* a ele. Eu estava, na verdade ainda estou, completamente apaixonada. Eu jurava que ele era o homem da minha vida. Ele é

professor daqui, sabe? É a pessoa mais encantadora que já conheci, sempre me tratou como uma princesa, eu já idealizava nosso casamento perfeito, tive muitos motivos para acreditar que ficaríamos juntos. Quando descobri tudo, a dor quase me aniquilou. Eu... flertei com a morte diariamente depois disso. Eu não conseguia respirar, não conseguia comer, ele era uma obsessão, uma compulsão pra mim. Eu me furtei do amor e do carinho de meus pais durante meses sem ir pra casa só pra ficar com ele. Ele me ajudava nos trabalhos da faculdade, porque nem nisso eu conseguia me concentrar. Achei que nosso amor era... inabalável. Quando reatamos, eu voltei a viver de novo, mesmo com a Michele sendo contra e me aconselhando, decidi perdoá-lo de forma irrevogável. Eu sabia o quanto doía cada segundo longe dele e a nossa dedicação mutua só aumentou depois disso. Por meses nossa convivência foi feliz e pacífica, até que eu descobri que ele continuava com ela. Meu baque foi vertiginoso. Ele diz que não, que foi só daquela vez, mas não importa. O fato é que esse... buraco vazio me acompanha desde então, não esperava ser traída de novo de forma tão fria e desapiedada. Eu não sei o que fazer quando reencontrá-lo. Sei que ele vai tentar se redimir comigo e sei que sem ele a vida não tem mais graça para mim, eu acho que não sei mais viver sem ele...

— Angelina, se você pensa dessa forma sua própria existência já está condenada — levei um choque com a resposta tão rude e direta. — Escute, você está olhando na direção contrária. Só Deus pode preencher o buraco que cada um de nós tem. Nossa necessidade de realização e de amor provém d'Ele. Ter expectativas de que ouro ser humano é responsável por fazê-la feliz irá sempre te frustrar, seja ele ou outro, porque nenhum ser humano suportará tamanha carga. Se você não aprender a ser feliz sozinha, não será com mais ninguém. Isso que você chama de amor exigiu tudo de você. Como alguém pode ser feliz assim?

Refleti por um instante antes de responder.

— Desde que... Rico entrou na minha vida, eu abandonei tudo sem qualquer ressalva. Minha vida foi... suplantada pela dele. Meus amigos, minha família, meus estudos, pouco me importam quando estou com ele. Eu sei que isso é errado, mas não consigo evitar. Ele é tudo o que me importa, mesmo depois de tudo que fez. Ele era assim comigo também, passávamos todo o tempo livre juntos. Se eu tinha que viajar para Petrópolis ele ficava louco da vida, eu não entendo como ele pôde...

— Essa confiança exacerbada nos trás grandes dores quando entregues à pessoa errada.

— Mas, como saber se é a pessoa certa?

— Você pediu direção a Deus sobre esse relacionamento alguma vez? Pediu conselhos a alguém de sua confiança, pais, amigos, um líder espiritual?

— Eles não iriam entender... — justifiquei de pronto. — O que eu estava sentindo era tão real e absoluto, que eles iriam achar que esse relacionamento com um professor era devaneio adolescente.

— Seu erro começou aí. Somos seres feitos para compartilhar Angelina, e não para viver só. O objetivo de Cristo ter instituído uma igreja aqui na terra foi justamente para dividirmos nossas cargas. Dúvidas e dores também devem ser divididas, como você está fazendo agora. Sei que os jovens preferem colocar uma arma na boca ao invés de pedir conselhos sobre sua vida amorosa, principalmente para os pais, mas a verdade é que quem está de fora desse romance "totalitário e avassalador" tem condições de ver as coisas melhores do que os envolvidos. Esse foi o seu medo, não foi? Você não queria outro parecer senão o seu, o veredicto já estava dado. Claro que não devemos nos aconselhar com pessoas preconceituosas ou que tenham uma visão fútil da vida — como achar que a situação financeira ou cor da pele são mais importantes —, mas com pessoas que nos amem e desejem de fato a nossa felicidade.

— Mas como fazer isso quando estamos gostando tanto de alguém? Como questionar um

sentimento? — perguntei, aturdida.

— Não estou dizendo para questionar o *sentimento* e sim a *decisão* de iniciar o relacionamento, ou não. Todos queremos muitas coisas que são nocivas para nós, mas nem por isso devemos obtê-las. Os desejos da carne são uma armadilha impiedosa, o pecado afeta nossa capacidade de enxergar o que é bom, é como se tivéssemos lama nos olhos. A igreja em torno de nós serve para nos alertar do perigo, esse é um dos maiores benefícios da nossa comunhão. Viver isoladamente é um principio orgulhoso, é crer que você é o seu melhor juiz, como se você declarasse a sua independência da igreja e até mesmo de Deus.

— Não foi essa a minha intenção... eu acho — me defendi.

— Não estou dizendo que você fez, ou faria isso conscientemente. O medo de se relacionar e perder o controle absoluto da sua vida é assustador, mas um santo remédio para a alma compartilhar suas escolhas.

Olhei para baixo e suspirei, pensativa.

— Agora queria que alguém me convencesse a deixar de amá-lo... — reconheci.

— Em primeiro lugar, você deve descobrir o significado da palavra "amor". Está bem claro em I Corintios 13. As paixões arrebatadoras dificilmente tem algo a ver com o verdadeiro e duradouro amor instituído por Deus. Esse "sentimento enganoso", tão comumente confundido com amor, se vivido de forma errada pode adquirir o poder de destruir uma pessoa, e eu não daria esse nome a isso. O amor faz bem e não atrai o mal. É o maior dom de Deus a ser alcançado e não trás dores consigo. Se vivido da forma correta, é capaz de iluminar uma rua inteira fazendo transparecer a glória de Deus pelos olhos dos amantes.

Parei confusa.

— Ana, se você *realmente* pensa assim, por que está sozinha? — perguntei, angustiada.

Ela voltou-se para mim com uma expressão surpresa, e depois desfez-se num sorriso terno.

— O amor é o maior dom querida, mas não é o único. Creio que Deus pode fazer maravilhas através da vida de um casal que serve a Ele, mas o dom do celibato é especialmente retratado por Paulo na Bíblia com muita relevância. O solteiro que decide ter uma vida devotada somente a Deus pode ter grande utilidade, que a vida de casado com seus compromissos mútuos, não lhe permitiria ter. Cada parte do corpo de Cristo aqui na terra tem uma função, precisamos achar a nossa nessa jornada.

— Quer dizer, então, que devo esperar um namorado cristão aparecer, ou esperar o Rico se converter para, juntos, recebermos esse dom?

— Se você vê por esse prisma... quero dizer que não importa quem seja o seu parceiro. Se *você* não se posicionar, se não estabelecer seus parâmetros, todos os relacionamentos tenderão a dar errado. Ser cristão não deve ser o seu único e principal critério para escolher um namorado, o critério deve ser uma pessoa que te ame e te respeite acima de tudo. Alguém que se proponha a ser responsável por essa união tanto quanto você, respeitando seus limites. Me diga uma coisa, Angelina: para que você deseja se casar um dia?

— Para ser feliz, é claro... — respondi com um sorriso afetado.

— Resposta errada! — arregalei os olhos. — Você deve se casar para fazer *o outro* feliz. Esse é o segredo de uma união bendita e duradoura, que consequentemente fará você feliz também. Mas precisa estabelecer seus critérios primeiro.

— Acha que nessa condição... sem ser mais virgem, ainda arrumarei alguém com esses requisitos para me relacionar?

— Não há nada impossível para Deus, mas antes de pensar nisso eu a aconselho a começar a desfrutar de um relacionamento com Ele. Deus te ama e quer ser seu melhor amigo

e seu mais fiel conselheiro. Coloque suas ansiedades na mão dele, verdadeiramente, e se deixe ser tratada. Depois que ele a tiver transformado, tudo fluirá naturalmente. Quanto ao sexo, isso é uma benção, não se engane em pensar diferente. Mas foi dado como um presente de Deus para os homens e mulheres que se comprometem um com o outro em fidelidade. O casamento é uma forma representativa do nosso relacionamento com Deus no futuro. A Bíblia diz que somos a noiva que Jesus virá buscar. Assim, o casamento aqui é só um treino para o nosso maior compromisso futuro, e o sexo, uma dádiva de Deus que gera a nossa mais linda herança: os filhos.

Minhas lágrimas já escorriam suavemente ao ouvir tamanha sabedoria. Era isso que eu desejava, esse amor tão completo e verdadeiro. Só não sabia se iria alcançá-lo tão logo eu desejasse, já que o meu coração estava em cada espaço preenchido.

— Eu creio em tudo que disse Ana, mas ainda não sei o que fazer quanto ao Rico...

— Então pergunte ao seu melhor conselheiro, tenho certeza de que ele lhe dará a resposta e ainda pode te surpreender no caminho...

Nos abraçamos por um tempo e depois Ana orou por mim. Eu esperava realmente absorver tudo que fora dito por ela.

Finalmente chegou a sexta-feira, eu mal podia esperar o final de semana para o meu encontro-com-Dante. Sabia que ele, indubitavelmente, possuía algum desconhecido *antídoto* que imunizava Rico na minha mente enquanto estávamos juntos. Tinha falado com ele no MSN e ele disse que na próxima semana viria me ajudar na compra do carro. Eu ainda pensava no Rico, mas a distância estava colaborando. Eu já não chorava tanto e estava aprendendo com a Ana muitas coisas novas sobre mim e Deus.

Minha mãe estava especialmente feliz naquele final de semana. Ela e meu pai fariam 22 anos de casados no domingo e eu ficaria com Vitor para eles saírem. Eu também estava feliz e animada, mas por outro motivo: tinha descoberto que havia vida-extra-Rico. Estava conseguindo fazer alguns planos e almejando, quem sabe, até me divertir novamente. Eu sabia que a segunda-feira não seria fácil, mas procurava não pensar nisso de forma alguma e me sentia mais fortalecida.

Às dez horas da noite Michele chegou e saímos juntas para o show dos rapazes. No caminho, Michele me contou que ela e Murilo trocaram muitos e-mails e que *algo* estava crescendo entre eles. Eu sabia que isso era algo extremamente raro em se tratando de Michele, por isso a incentivei a investir nesse relacionamento, mas que não fosse nada *rápido* demais. Ela disse que sabia que isso era algo especial e que queria fazer *tudo certo* dessa vez. Mais uma vez me orgulhei de minha amiga.

Quando chegamos, os meninos já estavam lá afinando os instrumentos. Estava muito frio, mas o bar estava cheio. Sentamos na parte interna do bar, na mesa onde estavam as coisas deles. Dante me viu e abriu um sorriso especial, me acenando com a sobrancelha. Sorri de volta, estranhamente tímida. Eu estava hesitante em relação àqueles sentimentos inesperados sobre Dante, aquela satisfação anormal na sua presença. Era apenas Dante, o irmão escalafobético da minha melhor amiga. Mas ali, diante dele agora era como se eu estivesse ante uma intempestiva, porém aprazível aparição. Quando ele se tornara tão... interessante? Fui subitamente raptada por minhas memórias e lembrei de quando conheci Rico, do quanto eu o almejei de imediato e fiquei meio... enfeitiçada por ele. Acho que o fato de tudo ter sido tão *proibido* devido à diferença de idade e da posição na qual ele se encontrava atiçou mais o meu desejo. Mas agora, o que eu estava sentindo ali fazia e não fazia sentido. Era como a bebida certa no copo errado. Era realmente inacreditável para quem nos conheceu fazendo guerra de travesseiros. Éramos os mesmos, mas diferentes.

O evento começou e ficamos ali, admirando-os, e não pude deixar de notar os olhares furtivos de Michele e seu pretendente. Um grande grupo de jovens da cidade tinha vindo prestigiar o evento e pude notar um considerável grupo de fãs extasiadas por Dante. Não sabia que ele era tão popular.

O show acabou e ainda havia uma fila de pessoas na espera por uma mesa. Dante e seus parceiros vieram se sentar conosco. Outras meninas se juntaram a nós e imaginei serem suas amigas. Uma delas o cumprimentou antes que ele chegasse até mim. Ele parou e conversou alguns minutos com ela, rindo de vez em quando. Fiquei irritada por não conseguir ouvir sobre o que eles falavam e intrigada porque ele estava tão distraído com a dissertação dela. Michele já confabulava alegremente com Murilo, enquanto eu aguardava com as mãos entre os joelhos que meu anfitrião terminasse sua prosa. Felizmente o papo acabou, e enfim ele me cumprimentou com um beijo no rosto.

— Que bom que veio, Espoleta! Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigada — respondi, inadequadamente ressentida. — O show foi ótimo! Tem bastante gente aqui.

— Temos muitos amigos na cidade! — disse ele, enquanto chamava o garçom.

— E um largo fã clube, pelo que notei... — falei, com um falso sorriso.

— Ossos do ofício — brincou ele, se gabando. — Tenho boas notícias... — continuou. — Fechamos o contrato com aquela gravadora do Rio. Na próxima semana estarei lá — concluiu, pedindo um suco.

— A semana toda? — perguntei, eufórica

— Sim — respondeu ele, não entendendo a minha flagrante animação.

Seria perfeito para mim. Na primeira vez em que eu teria contato com o Rico de novo, tudo que eu precisava era de um apoio tão especial.

— É... – disfarcei. — Seria ótimo ter companhia para comprar o carro.

— Você quer fazer isso na próxima semana?

— Sim.

— Tudo bem, eu vou com você, mas aviso logo que sou pechincheiro, não se envergonhe.

— Perfeito! — respondi, me sentindo afortunada.

Ficamos por mais umas duas horas nos atualizando sobre os acontecimentos do último ano de nossas vidas. Claro que ele teve mais a contar do que eu, já que tudo que ele precisava saber sobre mim tinha sido lido naquele constrangedor e-mail enviado à Natasha. Fomos sugados de volta ao mundo por Michele, dizendo que estava cansada e que queria partir. Levantamos, e eles nos acompanharam até a calçada.

— Quer que eu te acompanhe até em casa? — perguntou Dante, solícito.

— Não! — protestou indevidamente Michele. — Eu a levo.

Ele me olhou surpreso e disse:

— Ok, pelo visto você está bem protegida — e me beijou no rosto.

Seu perfume era deleitosamente agradável. Sorri, conformada, mas querendo estrangular Michele.

Quando saímos e demos alguns passos, olhei para ela, pasma:

— O que foi aquilo? — perguntei, furiosa.

— Já falei que isso é especial! — afirmou ela com ar de dignidade.

— Você falou de você e do Murilo, não tire conclusões por mim.

— É obvio que você está caidinha pelo Dante, mas não foi por você que fiz isso. Se ele viesse, Murilo viria também e eu estou gostando *mesmo* dele... — Achei a justificativa descabida, mas ela concluiu: — Quero que tudo caminhe muito devagar, que ele fique na expectativa de me

ver. Assim, sei que na hora certa tudo acontecerá. Não podemos ser tão acessíveis, temos que dificultar.

Eu estava boquiaberta com a astúcia de Michele, pois sabia que ela desejava aquela companhia tanto quanto eu, mas mesmo assim achei louvável. Parecia uma "deusa pagã do amor" proferindo suas táticas para fazer o homem amado cair em suas redes. Eu tinha muito que aprender com ela...

Ainda estávamos caminhando quando o celular dela tocou e vibramos quando vimos que *já* era Murilo. Ela se acalmou, atendeu tranquilamente, respondeu monossilabicamente às perguntas que foram feitas e me senti incluída em algo com um "ela vai sim", finalizando com um "às sete está bom" piscando pra mim.

Quando desligou, me contou que havíamos sido convidadas para uma caminhada até uma cachoeira em Bonfim na manhã seguinte. *O plano funcionou!*

Dormi na casa de Michele para eles nos pegarem lá. Acordamos às cinco horas da manhã para testar mil mudas de roupas e biquínis e para arrumar o cabelo. Eles chegaram pontualmente, mas demoramos uns dez minutos para sair a conselho de Michele "para aumentar a expectativa masculina". Minha ansiedade não me permitia ser tão criteriosa. *Talvez se eu tivesse feito isso com Rico... Ah, deixa pra lá.*

Saímos caminhando elegantemente com nossas mochilas nas costas. Entramos no carro e colocamos um CD da banda deles para ouvir no caminho. Quando chegamos ao começo da trilha, eu não pude deixar de constatar que era íngreme, tipo *muito* íngreme. Duvidei que chegaria no meio da subida, mas não falei nada pois isso deveria estar fora das "normas e regras de sedução" do manual de Michele. Não estava convencida de que queria seduzir Dante... e nem de que não queria. Só ansiava pela presença dele quase o tempo todo desde que o revira, mas podia ser só amizade ou uma compensação inconsciente pela falta de Rico.

Fiquei surpresa com a minha força e disposição, demorei mais do que Michele para ficar cansada, fui um verdadeiro prodígio. Ela parou, fazendo um certo charme, e Murilo resolveu esperar por ela enquanto eu e Dante apostávamos corrida ladeira acima. Ele estava sempre na minha frente, mas de vez em quando eu o puxava pela blusa e ele se deixava ser ultrapassado. Quando chegamos ao topo, vi um rio correndo e uma linda queda d'água a poucos passos de nós. Andamos até perto da queda e nos sentamos à margem dela, enquanto aguardávamos pacientemente os pombinhos relutantes.

— Está em forma, hein Espoleta! — exclamou Dante, já bastante suado.

Sua pele estava corada e seu cabelo molhado de suor. Sua blusa estava agarrada no corpo, mas ele não fez menção de tirá-la... infelizmente. *Angeliiiina*... Sabia que ele tinha uma postura diferente, seus princípios regiam sua conduta e ele era respeitoso, o que o tornava ainda mais fascinante. Imaginei que isso talvez estivesse instigando esse meu imprevisível interesse por ele: o fato dele não ser tão... disponível. Eu gostava de uma certa dificuldade, só que *essa dificuldade* não era proibida, ou errada como com o Rico. Dante pensava como eu, tinha as mesmas crenças e valores, a mesma idade... Comecei a cogitar a ideia de ser "a bebida certa para o copo certo".

Olhávamos a cachoeira quando ele jogou a mochila no chão, olhou maliciosamente para mim e, dando alguns passos pra trás, sugeriu que iria se jogar:

— Que tal um refresco? — sugeriu.

Olhei a altura da queda e o fitei, aflita com as suas intenções.

— Dante, não! É muito alto! — implorei inutilmente.

— Mas também é muito fundo! — retrucou ele, divertido, conseguindo me assustar.

Determinado, saltou sem medo, de cabeça, explodindo no lago abaixo. Fiquei espiando, trêmula, esperando-o emergir. Segundos depois pude contemplá-lo balançando o cabelo fotograficamente para trás e me incentivando a tomar a mesma decisão. Ainda o contemplava indecisa quando Michele e Murilo se arremessaram no ar por trás de mim, arrebentando ao lado dele na água. Só faltava eu, com um porém: meu pânico de altura. Eu já havia inacreditavelmente pulado de asa delta com o Rico, mas por ele na época teria ido parar debaixo de um trem se ele pedisse. Agora, eu estava sozinha com as minhas fraquezas.

Michele e Murilo nadaram até uma pedra próxima e se sentaram juntos, me aguardando. Dante me olhava e dizia:

— Confie em mim.

Ele não sabia como a sua solicitação fazia sentido, duplamente. Resolvi que estava na hora de começar a expulsar os medos que me paralisavam e aquele seria um bom começo. Pular naquela queda d'água seria fácil, se comparado ao meu pavor de me relacionar de novo. Mas, ainda assim era um grande desafio. Tirei minha blusa num ato de coragem e um aplauso conjunto de incentivo me motivou a continuar. Tirei o short e conferi se estava tudo certo com meu biquíni. Repensei se valia a pena o risco ou se não seria melhor descer pela lateral, *andando*. Mas eu já tinha seguido muito *atalhos* para alcançar os meus objetivos e queria fazer as coisas do jeito certo dessa vez. Fechei os olhos, decidida, e me lancei corajosamente no ar, enfrentando meus fantasmas. Colidi com a água num impacto de libertação. Ainda estava submersa quando percebi como o lago era profundo. Abri os olhos e não enxerguei nada à minha frente. Procurei a luz para segui-la até em cima, quando senti alguém agarrar meu braço e me puxar para a superfície. Ao subir, deparei com Dante me sustentando em seus braços e deduzi que estava nas mãos certas. Ele me observou sorrindo por alguns instantes, empolgado com a minha bravura, e eu correspondi ao seu olhar, hipnoticamente satisfeita. Um feixe de luz do sol incidia bem em cima de nós, foram segundos que me pareceram anos.

Num ímpeto de lucidez ele me soltou, aturdido. Percebi que, também para ele, aquela proximidade era penosa de assimilar.

Nadamos para a pedra, acanhados com nossos pensamentos. Ficamos ali algumas horas conversando, eu ao lado de Michele e Dante ao lado de Murilo. Lanchamos e vimos que já devia estar ficando tarde. Então, resolvemos voltar. Eu e Michele já estávamos secas, mas os meninos ainda se encontravam um pouco úmidos, pois haviam pulado de roupa e tudo. Nosso *casal amigo* seguiu na frente, aos risos e cochichos. Eu e Dante os seguíamos logo atrás, nos entreolhando de vez em quando tentando não ser pegos. Não falamos muito na volta. Depois de eu ter tropeçado num incontável número de raízes e pedras e estar a menos de dez minutos do final da trilha, algo previsível aconteceu: tombei, batendo com a cabeça num galho baixo acabando com a minha indefectível jornada. Dante correu para me levantar, fiquei tonta por alguns segundos e depois coloquei a mão na cabeça vendo que sangrava um pouco. Não dava para ver o ferimento por causa do cabelo, mas pela quantidade de sangue não achei que era muito grave. Dante entregou minha mochila para Murilo, me colocou no colo e se pôs a caminhar comigo pelo resto do caminho. Achei um exagero total, mas não pensei em abdicar daquela apetitosa cilada. Enquanto ele me carregava, conferindo o caminho para não cairmos os dois juntos, fiquei mirando sua pele de seda e seus lindos cabelos molhados balançando enquanto andava. Percebi que seus braços eram mais fortes do que eu havia notado e me senti confortavelmente amparada.

Ao chegar em casa, depois de ouvir algumas piadas sobre o meu desagradável incidente durante o caminho, saí relutante do carro me despedindo de todos. Tinha esperança de que haveria mais algum convite para mais tarde, mas nada surgiu. Fui direto para o banheiro, queria

tomar um banho e examinar se o nublado ferimento ainda sangrava. Graças a Deus, não. Segui para o meu quarto e deitei na cama, tentando entender o que estava acontecendo comigo. Há pouquíssimo tempo eu só pensava em Rico e achava que morrer de saudade seria uma questão de dias. Agora, estava ali, ainda com medo de encontrá-lo no dia seguinte, mas com pensamentos e desejos incrivelmente divididos.

Tomei banho, arrumei minha mala e fui brincar com Vitor para meus pais poderem sair. Quando finalmente consegui botar meu irmãozinho na cama, fui fechar a janela do seu quarto e observei que Dante estava em frente à minha casa, com seu violão nas costas, caminhando indeciso pelo gramado. Fiquei escondida, espreitando, torcendo para ele tocar a campainha. Em certo momento ele deu três passos para trás e se virou, indo embora. Se não fossem as minhas obrigações familiares, eu sairia correndo atrás dele pela rua.

Dormi profundamente bem como, não acontecia há tempos. Acordei às cinco horas da manhã, pois pegaria carona com a mãe da Michele até a faculdade. Antes de levantar, me lembrei do que teria que enfrentar naquele dia e uma pontada aguda atingiu meu coração. A recordação me tirou a fome. Acabei de me arrumar, peguei meus pertences e parti.

A faculdade estava cheia, por todo lado havia pessoas sentadas no gramado e estudando. As provas finais estavam chegando e muitos trabalhos deveriam ser entregues. Passei ilesa pelo primeiro e segundo tempo de aulas. Enfim, chegou o momento que eu mais temia. Eu estava indisfarçavelmente tensa com aquele relacionamento em suspenso. Tomei coragem e segui para a sala onde encontraria com Rico. Antes de chegar, o avistei de longe. Mudei de trajeto e pensei em me demorar mais um pouco, para entrar quando a aula já tivesse começado. Assim, não precisaria lhe dirigir a palavra, seria a rainha da frieza e indiferença. Não vendo outra saída segui adiante. Entrei quando vi que a sala estava cheia demais para ele se reportar a mim em particular e fiquei *chocada* com o nítido abatimento em seu rosto. Ele estava meio barbudo e despenteado — não que isso ofuscasse sua teimosa beleza —, mas senti raiva de mim por estar tão preocupada com ele. Ele olhava cadernos e livros, sentado à sua mesa, cabisbaixo. Tive a impressão de que ele não procurava nada e só estava ganhando tempo. Colocou-se de pé e levantou a cabeça para a turma, passando os olhos por mim rapidamente e depois prosseguiu com a aula. Logo no início da sua dissertação, um aluno atrasado entrou e se dirigiu a ele, sussurrando:

— Meus pêsames... — Rico acenou, agradecendo com a cabeça.

Meu estômago revirou! Não sabia o que havia acontecido, mas imaginava. Será que o pai dele estava tão ruim assim? Isso explicava sua licença na última semana.

Tive uma vontade imediata de abraçá-lo, mas contive meu ímpeto diante da classe. Como eu queria ter estado ao seu lado naquele momento... Mesmo sabendo que ele não era muito apegado à família, imaginei a culpa que ele estava sentindo por não ter mandado o dinheiro e o que ele devia ter ouvido de sua nada amável mãe. Meus ressentimentos ficaram de lado e uma grande compaixão tomou conta de mim, mas eu sabia que havia amor reprimido misturado àquilo tudo. Quando a aula terminou, esperei pacientemente que todos se ausentassem, enquanto ele guardava suas coisas com uma feição apática. Enquanto ele ainda olhava a mochila, disperso, me aproximei e o surpreendi, colocando a minha mão sobre a dele. Ele parou por uns instantes e levantou os olhos, não havia mais ninguém ali. Coloquei meu material sobre a sua mesa e fiz menção de abraçá-lo. Consternado e inconsolável, ele começou a chorar em meus braços. Chorei, também compadecida do seu sofrimento. Pensei em como seria mais fácil para nós dois se nada daquilo tivesse acontecido. Se ele não tivesse... eu teria lhe dado o dinheiro. Mas não era o momento para julgamentos. Depois de alguns segundos, ele recuou a cabeça e me olhou, apertando os lábios como que travando as palavras. Seu olhar era de arrependimento e

desconsolo. Ele passou a mão no meu rosto e a sua face se contorceu, levando-o de novo a chorar. Subitamente, ele pegou suas coisas e saiu, enquanto eu fiquei ali, sozinha com todas as minhas dores, explodindo dentro de mim para abafar as emoções.

O dia seguiu, sombrio. À noite me dediquei à leitura da Bíblia com Michele e fiquei feliz porque iria me reunir com Ana pela manhã. No dia seguinte, ficamos espantadas ao ver como o nosso grupo aumentara, devia haver umas 30 pessoas ali. A notícia de nossas reuniões matutinas tinha se espalhado até a outra república e Ana precisou falar mais alto para que todos a ouvissem. Porém, dessa vez não foi só ela que falou. Alguns a interrompiam, fazendo colocações e contando suas experiências com Deus. No final, houve algumas indicações de livros e DVD's e uma conversa animada. Nossa oração foi unânime no sentimento de gratidão pelo que estava acontecendo. Saí de lá edificada e me sentindo bem mais firme na fé.

Após a aula me dirigi à saída da faculdade. Testemunhei Michele à distância se levantando do gramado alegremente, olhando para o celular e correndo em direção à república. Só havia um motivo para tanta felicidade: Murilo devia ter chegado. Apressei o passo e, ao me aproximar, reconheci o seu carro. Mais adiante, os pombinhos se abraçavam e sorriam um para o outro. Uma onda de frustração me acertou ao perceber que Murilo estava só. Passei desapercebida por eles, que não tinham olhos para o mundo ao seu redor. Subi as escadas olhando cada degrau quando, enfim, deparei com a minha triunfante visão: Dante, sentado solitário no sofá da saleta. Aliviada, me escorei na porta. Ele notou a minha presença e, desviando os olhos da TV, levantou-se com um largo sorriso. Caminhei até ele e o abracei, beijando-o no rosto em seguida.

— Você veio... — constatei, estupidificada.

— Ansiosa pra comprar seu carro?

— Sim — disfarcei o interesse.

— Quando quer ir?

— Quando você puder.

— Pode ser hoje...

— Vou me trocar e já volto — falei, já com o pé no primeiro degrau.

— Já almoçou?— perguntou ele, sugestivo.

— Comemos no caminho — respondi, subindo correndo.

Michele e Murilo preferiram ficar, ela tinha resolvido fazer um "*piquenique à la Rico"* no terraço, roubando minhas lembranças. Almoçamos num *fast food*, pois eu estava ansiosa para mostrar a ele o carro que eu queria. Chegando na concessionária, fui direto ao objeto do meu desejo, abrindo suas portas e falando de todas as vantagens do veículo. Parecia que eu estava vendendo o carro para ele. Dante ficou surpreso de ver como eu tinha colhido bem todas as informações e dispensei comentar que boa parte delas me tinham sido dadas pelo Rico. Ao final da minha apresentação, ele questionou:

— Pelo visto, minha vinda foi inútil, você já sabe o que quer.

— Precisava de apoio moral — brinquei.— Mas, você gostou?

— É a sua cara — disse ele, me agradando.

Fechamos negócio e voltamos para a faculdade comemorando. Eu iria pegar o carro na sexta-feira antes de ir a Petrópolis e estava animadíssima com mais essa etapa vencida.

Chegamos na república por volta de seis horas da tarde e já estava escurecendo. Quando entramos, Michele e Murilo assistiam à TV, abraçados. Suspeitamos ter perdido algo, mas não comentamos nada. Quando me viu, Michele pediu que eu fosse ao quarto com ela para preparar um café. Não entendi o motivo de tanta cerimônia com os meninos mas subi, acompanhando-a. Ao entrar no quarto, ela me disse que tinha comentado das reuniões de Ana com Murilo e ele

tinha se interessado em participar. Como o hotel deles era muito longe, ela sugeriu que eles dormissem ali, pois o evento era muito cedo para eles voltarem a tempo. No início, fiquei apreensiva com a possibilidade. Eu já estava com *ideias demais* na cabeça sobre Dante e não queria ter oportunidade de fazer uma besteira. Após Michele praticamente implorar, concordei, mesmo que ainda receosa.

Ela desceu, estupidamente feliz e sem nenhum café na mão para disfarçar. Dante sorriu de leve com a notícia, apertando os lábios para não manifestar seu aparente contentamento, que na verdade era meu também. Pedimos uma pizza e comemos lá em baixo. Michele e Murilo subiram para arrumar o lugar onde os meninos dormiriam, no chão. Ficamos mais um tempo conversando, eu contei sobre a nossa tradição de ler a Bíblia juntas toda noite e decidimos que iríamos fazer isso todos juntos naquela noite também. Eu estava radiante, até ser apanhada de surpresa com a aparição do Rico na sala, nos olhando evidentemente encolerizado. Empalideci com a presença dele e me levantei. Dante fez o mesmo. Rico se aproximou altivo e disse:

— Preciso falar com você — olhando com desprezo para Dante.

Sua atitude me irritou, me fiz de surda e fiz as apresentações.

— Dante, esse é o meu *professor,* Alderico. Professor, esse é Dante, um amigo muito querido.

Dante se endireitou ao perceber *com quem* falava e estendeu a mão educadamente, cumprimentando-o com um polido e duro "muito prazer". Sua mão ficou ali, desocupada, enquanto eu cravava meus olhos no Rico, irritada com aquele comportamento. Peguei a mão de Dante, que pairava sozinha no ar, e fiz menção de que iria subir com ele, dizendo:

— Já estávamos de saída, fique à vontade.

Rico amortizou sua arrogância inicial e visivelmente mais humilde insistiu:

— Pode me ceder alguns minutos?

— Claro, pode falar — concedi, soberba.

— A *sós* — retrucou ele.

Dante soltou a minha mão, desviando a minha atenção para ele e pude ver seu desagrado com aquela situação.

— Vou subir — declarou ele marchando escada acima e fazendo eu me sentir culpada.

Impaciente, virei para Rico e perguntei:

— O que faz aqui?

— Precisava te ver. Não conseguimos conversar direito mais cedo.

— Não temos nada a falar, Rico. Sinto muito pelo que aconteceu com seu pai, de verdade, mas não há assunto pendente entre nós.

— Você sabe que há — disse ele, persuasivo, dando um passo à frente e me hipnotizando com aqueles olhos que faziam meu corpo ficar dormente.

Minha cabeça disparou a tecla *perigo* quando ele chegou mais perto. Recuei um degrau, indecisa.

— Não há mais motivos para ficarmos separados... — falou ele. — Tudo que eu precisava saber sobre nós, agora eu sei. Fui um idiota expondo você àquela situação imperdoável, mas você sabe que eu te amo, nunca mais quero correr o risco de te perder. Sei que você é forte o bastante para me perdoar...

Ele se aproximou mais, subindo um degrau abaixo de mim e o meu coração parecia que iria explodir.

— Minha vida está nas suas mãos, meu anjo, sempre esteve. Você foi a melhor coisa que me aconteceu, só você pode dar jeito em mim. Eu sou seu, sempre fui e sei que você é minha também... — disse ele, a centímetros do meu rosto.

Eu estava incomodamente tentada a ceder, foram os segundos mais perturbadores da minha vida. De repente, como um flash, revi o rosto de Dante na cachoeira e me lembrei da paz que senti ali com ele. Depois, me lembrei do meu desespero ao descobrir toda a verdade sobre Rico, das coisas que estava aprendendo com Ana sobre o verdadeiro amor, que não trazia dor, da palavra que Deus me deu no meu quarto quando estava solitária e sofrendo...

Fechei os olhos, apertando-os para raciocinar com a cabeça e não com o corpo. Enfim, numa atitude consciente e decidida, o afastei levemente para longe com a minha mão. Ele se surpreendeu com a minha atitude, assim como eu.

— Você está certo sobre uma coisa... — admiti, perplexa. — Sou bastante forte pra te perdoar... e também bastante forte pra te esquecer — concluí, abrindo os olhos. — Vá embora, Rico. Vou gastar cada fio de energia que me sobrou para colocar o que tivemos numa zona neutra da minha memória. Não há mais espaço na minha vida pra você. Aliás, você ocupava espaço demais em mim, lugares que não eram seus, que eram da minha família, dos meus amigos, dos *meus* interesses e principalmente de Deus. Eu estava abdicando de tudo isso por você, me anulei completamente. Quero alguém que me respeite! E que principalmente tenha as mesmas prioridades e princípios que eu. Acabou!

Ao finalizar meu espantoso discurso, subi a escada, vitoriosa, sem olhar para trás. Eu estava pulando de novo no lago e não sabia quão profundo seria.

Quando entrei no quarto, me apoiei no batente da porta, ainda impactada com av minha atitude. Todos me fitavam, ansiosos. Dante estava sentado em minha cama, temeroso e especialmente interessado. Sorri para Michele como que revelando o acontecido e caminhei até Dante, me sentando ao seu lado. Minha companheira sorriu de volta e me ofereceu, com ar festivo:

— Café?

— Sim — eu disse.

Todos já estavam tomando.

— Um brinde! — sugeriu ela.

— A quê?— perguntou Murilo, distraído.

— Ao livre arbítrio! — sugeriu Dante, peculiarmente contente.

Brindamos amigavelmente e depois lemos a Bíblia juntos até as três da manhã. A cada minuto que passava, eu percebia o quanto estava certa sobre a escolha que havia feito naquela noite.

CAPÍTULO X
EVENTO INUSITADO

No dia seguinte mais novidades nos aguardavam, havia cinquenta pessoas no lago e eu estava impressionada com a velocidade que essa empreitada tomava. Minha surpresa foi maior quando vi Desiree se unir ao grupo, convidada por Michele. Ana cumprimentava os novos convidados um por um, parando às vezes com algum deles e ouvindo suas histórias. Quando chegou até nós, apresentei-a a Dante e Murilo e falei de seus dons musicais. Ana ficou especialmente interessada nisso e pediu que ficássemos após o término da reunião para

conversar.

Como da última vez, comungamos agradavelmente com a participação de todos nos assuntos levantados. Eu ficava extasiada com os tremendos testemunhos de fé que se apresentavam ali. Nunca imaginei que aprenderia tanto sobre relacionar-se com Deus e em tão pouco tempo. Nossos convidados também se identificaram muito com o jeito despojado e tranquilo de Ana levar a Palavra, ela não se colocava numa posição superior e tratava a todos dando-lhes igual importância. Refleti sobre a sua coragem de viajar sozinha com um propósito que lhe exigia toda a atenção. Pela idade, Ana já deveria estar se preocupando em talvez casar e constituir uma família, mas ela não parecia interessada em romance e muito menos em seduzir alguém. Estava sempre vestida com bermudas e blusas neutras, suas sandálias rasteiras intercalavam com tênis confortáveis, sua beleza invejável só aparecia quando ela abria a boca. Ela era *cheia* do Espírito de Deus, suas palavras tocavam os corações mais desconfiados, as pessoas se sentiam à vontade com ela. Naquele dia, Desiree recebeu Jesus junto com mais duas pessoas, me fazendo chorar.

Quando tudo terminou, aguardamos ela se despedir de todos. Ela se dirigiu a nós, contente com a colheita daquele dia.

— Vamos continuar em oração — comentou ela, alegremente. — Deus tem feito maravilhas trazendo todos esses jovens aqui.

Constatei que esse era *o segredo* do sucesso da jornada: *a oração*. Resolvi que incluiria essas pessoas em minhas preces também.

— E então, Dante? — iniciou ela — a quantas anda o seu cachê?

— Depende – respondeu ele sorrindo — Pra que seria?

— Bem, eu e o grupo estamos impressionados com o avivamento que está acontecendo por aqui. Fora essas reuniões, muitos jovens têm me procurado para conversar e trazido ainda outros para serem aconselhados. Alguns pais também nos procuraram dizendo que tudo isso foi resposta de suas orações. Como não ficaremos aqui muito tempo, queremos alcançar o maior número de pessoas possíveis nesse local. Então, tivemos uma ideia: vamos organizar um grade show para o final do período. Gostaríamos de contratar uma banda gospel, faremos brincadeiras e haverá uma Palavra. Pensamos em colocar algumas barracas de lanches para atrair o pessoal também, mas... sabe como é: não tempos muita verba. Temos algumas pessoas que fazem doações voluntárias para o grupo de missões, mas não é o suficiente. Repassamos parte dessa verba para bancar algumas internações de ex-viciados também. Portanto, peço que pense num preço justo. O que acha?

Olhei para Dante, entusiasmada com a possibilidade de acontecer um show dele ali. Ele me olhou e sorriu acanhado, concordando.

— Use a verba para outros fins, vamos tocar com o maior prazer, pode contar com a gente.

Ana agradeceu, enternecida, e eu cheguei à conclusão que estava, indubitavelmente, apaixonada por ele. Lembrei-me de Rico e fiquei confusa, pois eu *achava* que ainda o amava. Não entendia como aquele "amor", cativante e potencialmente destrutivo, podia coexistir, não sem alguma tensão, com outro tipo de amor, como o que eu sentia por Dante. Lembrei-me das palavras de Ana em nossa conversa: talvez, o que eu sentia por Rico fosse mais uma... paixão, ou dependência emocional. Já Dante não era como uma droga para mim e sim como o ar fresco e a luz do sol. Isso fazia todo sentido. Parei, pensei mais uma vez e cheguei a uma súbita e espantosa conclusão: estava livre, não amava mais o Rico.

A semana correu maravilhosamente. Na única aula que teria com o Rico, ele faltou. Fiquei muito tempo com Ana e Dante planejando o evento, estava responsável pela organização

geral. Pessoas já me procuravam querendo participar e eu era pura alegria. Contei aos meus pais o que estava acontecendo e percebi a felicidade na voz da minha mãe. Nos dias que os meninos ficaram no Rio, se alojaram o tempo todo conosco. Porém, arrumamos um quarto ao lado para eles, junto com outros dois meninos do grupo da Ana. Líamos sempre a Bíblia e nos divertimos muito planejando tudo. O namoro de Michele e Murilo fora abertamente declarado, e ele iria conhecer a mãe dela no final de semana.

Enfim, chegou o dia de eu pegar meu carro. Dante foi comigo, pois eu temia dirigir na estrada sozinha, já que tinha tirado a carteira recentemente. Ao entardecer, partimos para Petrópolis. Eu agora amava visitar minha terrinha, com seus croquetes e salsichas alemãs. Conversamos descontraidamente pelo caminho, comentando sobre o imediato florescimento do romance de Michele e Murilo depois de se reverem. No caminho, Dante puxou um assunto inesperado.

— Como você tem se sentido esses dias?

Estranhei a pergunta, já que ele tinha ficado comigo o tempo todo, exceto uma tarde em que fora assinar o contrato com a gravadora.

— Estou ótima, por quê?

— Bem... — pausou ele, olhando para a frente — quando cheguei aqui você estava bem arrasada por causa do... — ele não terminou a frase, com medo de me magoar.

— Do Rico — concluí. — Também achei que fosse demorar mais tempo para recomeçar, ainda sinto as feridas cicatrizando. Mas posso afirmar que Deus tem feito seu trabalho direitinho. Além do quê... — pestanejei pelo que iria dizer — muita coisa mudou.

— Quer dizer que, em breve, você talvez esteja pronta para começar outro relacionamento — afirmou ele, ainda imóvel no volante.

— Talvez — instiguei —, mas quero alguém que pense como eu. Eu amava o Rico, mas ele precisaria mudar muito para se transformar no homem que sempre sonhei.

— Mas, se ele mudasse... — indagou ele, curioso.

— Não acredito que isso vá acontecer. — falei, encerrando o assunto.

Nesse momento o carro começou a engasgar, até que depois de andar lentamente alguns metros parou de vez.

Olhei para ele e comentei:

— Como pode ser? O carro é zero?

— Mas não é movido a ar — disse ele olhando para mim, pronto para disparar uma risada. Assim que o fez e eu o acompanhei. Na mesma hora começou a chover.

— Não acredito! — falei, preocupada.

— Bem, tem um posto a mais ou menos um quilômetro daqui, vou lá buscar gasolina.

— Não! — gritei — Não quero ficar sozinha, já está escuro.

— Está certa — disse ele —, vamos juntos.

Ele saiu colocando sua carteira no bolso, foi até o meu lado do carro me cobrindo com a sua jaqueta e me posicionando ao seu lado, fora da estrada. Começamos a caminhar abraçados e chegamos à conclusão de que a jaqueta dele e nada era a mesma coisa, já que a chuva era fina e mas ventava muito. Para culminar, havia neblina pela estrada ofuscando a nossa visão. Entregues à chuva, nos libertamos das jaquetas, mas continuamos abraçados. Percebemos uma luz e vimos que de trás de nós vinha um caminhão. Dante me colocou no acostamento e, esperançoso, foi pedir carona, mas o coitado foi acometido por um banho de lama pelo motorista insensível. Levei a mão à boca, perplexa com o ocorrido. Ele se virou lentamente para mim, todo enlameado e sério e, diferente do que eu esperava, caiu na gargalhada. Não pude evitar de fazer o mesmo. Resolvemos ir a pé, mesmo arriscando pegar um resfriado. Também tomei algumas

rajadas de lama dos carros que passavam na estrada. Chegamos ao posto e Dante resolveu procurar um banheiro para se limpar. No único que havia pia, não havia água. Eu estava doida pra me lavar, já que estava encharcada da chuva e queria pelo menos tirar a lama. Foi então que avistei uma mangueira, peguei-a sorrateira sem o Dante ver. Quando ele saiu do banheiro dos homens, decepcionado com a pia seca, peguei-o de surpresa com um jato da mangueira. Ele tomou um susto e correu atrás de mim, tomando-a da minha mão e me dando um banho também. Ficamos ali, nos divertindo igual quando éramos crianças com a plateia do posto nos assistindo. Esperamos nos secar um pouco e comemos dois pães de queijo e chocolate quentes. Ainda úmidos, conseguimos carona na caçamba de uma Kombi para voltar até o carro. O mesmo estava lá parado, com o pisca - alerta ligado. Abastecemos com a gasolina que compramos no posto e partimos.

No dia seguinte, eu estava *obviamente* gripada, e a voz do Dante ao telefone me confirmou que ele também. Ele estava preocupado com a voz devido à gravação que teria na segunda-feira. A boa noticia era que Natasha voltaria na próxima semana, isso significava que ela iria participar do show.

Passei o final de semana de cama sendo mimada pelos meus pais. Vimos filmes e comemos muita sopa. Meu pai deu um trato no carro e tratou de fazer um seguro para que, em ocasiões como aquela, eu ter um reboque à disposição. Achei excelente.

As semanas que se seguiram foram corridas. Eu estava me esforçando para cuidar do evento, estudar para as provas finais e me recuperar em todas as matérias em que havia me afundado desde quando estava com Rico. Ainda precisei dar atenção a Natasha, que tinha chegado, e claro, ter tempo de suspirar pelo Dante. Michele ficou um pouco enciumada, mas logo fez amizade com Natasha também. Ela mesma ainda não sabia do meu interesse por seu irmão, eu tinha medo que ela interferisse. Queria que tudo corresse naturalmente se fosse da vontade de Deus, mas na verdade eu imaginava que era uma questão de tempo. Eu notava o prazer dele na minha companhia também, e não me importava em esperar nosso momento chegar, apesar de estar ansiosa por isso.

Coloquei Carla e a mãe respectivamente responsáveis por coordenar as comidas das barracas e a equipe de limpeza do local, elas ficaram super empolgadas com as tarefas.

Ignorar o Rico já era tarefa fácil, praticamente só nos víamos dois dias de aula por semana. Ele tentou se aproximar algumas vezes por assuntos diversos, mas eu fui firme em mantê-lo afastado. Ns poucas vezes em que ele me viu com Dante, fuzilou-o com os olhos. Mas Dante, assim como eu, o ignorou.

Natasha se envolveu rapidamente com a equipe de Ana, principalmente com um membro em especial: Thiago. Ambos andavam juntos para cima e para baixo e ela passou vários dias na república comigo por causa dele.

Os preparativos corriam bem e na última semana de provas Natasha foi convidada por Ana para acompanhá-los na próxima viagem ao norte do país. Ela reconhecera seu dom, Natasha sabia que havia nascido para isso e aceitou na hora. Mas uma vez eu iria ter que me despedir dessa amiga amada, mas eu sabia que ela estava feliz e era isso que importava. Além do mais, eu planejava entrar para a família em breve...

Às vezes, a espera por esse dia me angustiava e eu questionava se Dante tinha realmente os mesmos sentimentos por mim. Mas a dúvida se extinguia sempre que ele aparecia e me olhava como se eu fosse a única pessoa na face da Terra.

No último final de semana anterior ao evento, Natasha já estava namorando Thiago e o levou para conhecer a família em Petrópolis. Fui convidada para esse jantar de honra e, quando cheguei, a mãe de Natasha me recebeu felicíssima pois não nos víamos há tempos. Ela

conseguiu, de uma só vez, tirar meu casaco, me dar um beijo na testa e me conduzir para a cadeira ao lado de Dante. Eu já me sentia parte dessa família desde pequena.

Decidimos que haveria uma *sessão pipoca* depois do jantar com fitas de quando éramos pequenos. Eu estava na maioria delas, com certeza seria engraçado. O jantar foi animado e eu olhava para todos com carinho por serem tão especiais para mim. A mãe de Dante toda hora ajeitava o cabelo dele, o pai de Natasha fazia um descontraído interrogatório com Thiago, enquanto Natasha me olhava, vermelha com a situação. Dante puxava o cabelo dela de vez em quando, se divertindo a cada pergunta capciosa que o pai dela fazia à Thiago, e eu segurava as gargalhadas. Refleti que esses peculiares laços de família é que faziam a vida valer a pena. Logo percebi que a presença de Thiago fora aprovada naquela casa. Ele era um rapaz moreno, de porte médio e traços indígenas. Seu temperamento era acanhado e calado, ele vinha do Maranhão. Apesar de sua timidez, Thiago era o alicerce das missões. Era ele quem cuidava da parte prática da coisa. Organizava as viagens, estadias e passaportes dos missionários.

Depois da sobremesa, fui raptada por Dante pela mão e saímos despercebidos da sala. Ele me levou ao segundo andar, parou no corredor e me disse:

— Quero te mostrar uma coisa.

Entramos no seu quarto e vi que havia muitos papéis jogados em cima da cama junto com o seu violão. Era um quarto simples e pequeno, com uma cama de madeira e um armário. Havia uma prateleira que ele usava como escrivaninha. Não pude deixar de perceber uma antiga foto minha jogada em cima dos livros, me aproximei e peguei a foto. Ele sorriu sem graça e disfarçou pegando o violão.

— Você precisa de uma foto mais recente — falei, brincando.

— Vou providenciar — disse ele me dando uma olhadela e voltando-se para as cordas do instrumento. — Fiz uma música e quero que você escute.

Puxei a cadeira que estava perto da prateleira e, entusiasmada, me sentei na frente dele.

— Eu vou ser a primeira a ouvir? Que máximo! É um louvor? — perguntei, amarrando o cabelo.

— Não — respondeu ele, sem me olhar.

E então ele começou a tocar uma melodia suave e tranquila, que me trouxe paz imediatamente. Sua voz doce se apoiava com harmonia e suavidade nos tons tocados. No início, pela letra, pensei que se tratava mesmo de um louvor, pois ele enaltecia alguém falando do prazer de sua presença. Com o decorrer da música percebi que ele cantava para uma mulher, para um amor. Ele se referia à pessoa como "águas tranquilas do meu coração", exatamente como eu o imaginava para mim. Fiquei entorpecida com as palavras encantadoras e sua linda voz. Desejei ardentemente que ele tivesse escrito tudo aquilo para mim. Quando ele terminou, meus olhos estavam lacrimejantes.

Ele não olhou para mim de imediato e perguntou, afinando o violão:

— Gostou?

Não tive outra resposta, senão:

— É a canção mais linda que já ouvi na minha vida!

Ele olhou para mim com uma doçura nos olhos que antes nunca havia arriscado apresentar e confessou:

— Fiz pra você.

Suas palavras fizeram fogos de artifício disparar na minha cabeça, eu não acreditava que tinha tanta sorte...

Ele tirou o violão do colo e o colocou de lado, depois puxou minha cadeira para mais perto dele fazendo um frio percorrer a minha espinha. Reconheci que estava explodindo de amor por

ele. A música ainda soava na minha cabeça. Tive certeza que, por um amor como esse, eu andaria na chuva com ele de novo, tomaria banho de lama sem reclamar, iria a pé do Rio a Petrópolis só para vê-lo e decoraria todos os versículos da Bíblia se fosse necessário. Eu ansiava por um toque carinhoso dele mais do que do ar que eu respirava. A espera havia alimentado esse sentimento, tornando-o mais poderoso do que eu jamais imaginara. Eu não estava mais com medo, sentia que o chão era firme.

Ele começou a se aproximar do meu rosto lentamente e eu olhava nos seus espetaculares olhos azuis sem acreditar. Finalmente estaríamos juntos... Eu estava a ponto de desmaiar quando chegamos a encostar no nariz um do outro, ainda sentindo o momento, quando, de repente, a porta *estourou* desagradavelmente para dentro, com Natasha e Thiago nos chamado pra ver as fitas de nossa infância. Passado o susto, eu e Dante nos olhamos e trocamos um sorriso cúmplice. Nossos invasores nos puxaram com pressa para começar a sessão e descemos com eles, reféns.

Não havia dois lugares juntos na sala, eu fiquei ao lado da mãe de Natasha e Dante no chão, encostado na perna do pai na poltrona da frente. Nos olhávamos a cada minuto, pensando no que havíamos perdido, ou melhor, adiado. Para minha surpresa, no meio da sessão meus pais chegaram, haviam sido convidados pelos pais dele e trouxeram ainda mais fitas, pelo visto aquilo não iria acabar tão cedo...

Dormi no sofá depois da terceira fita. Acordei sacudida por minha mãe para irmos para casa. Dante nos acompanhou até a porta e pensei que deveria estar horrorosa depois de minha despropositada soneca. Despedimos-nos de todos e meu pai me cercava em seus braços, me amparando como se eu fosse uma criança. Dante me olhou com carinho e beijou meu rosto sonolento. Senti que acariciava minha mão às escondidas, sem querer soltá-las.

Cheguei no Rio às seis e meia com Michele, viemos devagar pois eu estava dirigindo pela primeira vez na serra. Demoramos mais do que o normal para chegar, mas não perdemos o horário. Havia muito o que fazer, quarta era o último dia de aula e o show seria na quinta. Tínhamos conseguido divulgá-lo em algumas rádios e em quatro universidades diferentes. O grupo de jovens, só do nosso campus, já formavam 230 pessoas. As reuniões agora eram divididas em dias e horários diferentes para poder alocar a todos. A maioria se candidatou voluntariamente para ajudar na organização do evento, eu já não era mais uma desconhecida por ali. Estava frequentemente sendo requisitada para dar opiniões sobre o evento e até aconselhamento pessoal. Fiquei meio assustada com tudo isso no início, mas Ana me incentivou, dizendo que eu só precisava amar as pessoas e confiar em Deus para orientá-as: *elas* próprias achariam o caminho.

Eu não via Dante desde o dia do filme e estava aflita pois sabia que, depois do show, ele partiria para uma turnê de um ano pelo país, acordada com a gravadora da sua banda. Meu coração esmorecia só de pensar no assunto.

No dia da prova do Rico, fiquei encucada. Ele me olhava esquisito e tive medo dele arrumar alguma maneira de me reprovar só para eu ter de aturá-lo novamente. Ele só dava aula até o segundo período e eu tinha feito de tudo para passar na matéria dele, com louvor. Cada vez que eu o olhava, me arrependia amargamente da pior coisa que tinha feito e sobre a qual não podia voltar atrás: *ter-me entregado a ele*. Eu queria poder apagar esse capítulo da minha vida, mas não era possível. Ana já tinha me dito diversas vezes que Deus já havia me perdoado e que *eu* precisava me perdoar, mas eu simplesmente não conseguia. Pensava sempre em como gostaria de ter guardado esse momento para o verdadeiro amor da minha vida, aquele com quem eu desejava construir uma história, mas o jeito era seguir em frente.

Acabei a prova e, quando a entreguei, Rico segurou a minha mão e eu a puxei de volta com força. Virei as costas sem lhe dirigir palavra e saí. Eu nunca mais o tinha visto com ninguém

depois de mim, mas isso não me interessava mais. Não gostava da maneira obsessiva como ele olhava para mim e Dante, mas tentava não tomar conhecimento dele.

Enfim, chegou o grande dia. As tendas, as barracas e o palco já estavam armados. Um grupo de pessoas testava o som e eu não via a hora de Dante e sua banda chegarem. As pessoas iam se alojando devagar e se espalhando pelo gramado em frente ao palco. Muitos rostos haviam mudado desde que entrei na faculdade. Pessoas que viviam bêbadas se transformaram em parceiros eficazes, que trabalhavam com empenho para que tudo saísse perfeito. Eu não podia entender aqueles que não queriam se juntar a nós nessa empreitada maravilhosa.

De longe, avistei Natasha indo correndo abraçar Thiago. Logo atrás dela, Dante e seus amigos vinham andando também. Dante parecia um monumento ao sol, de tão lindo que vinha caminhando na minha direção. Ele me enxergou e se apressou na frente dos outros. Não me contive e corri na direção dele, parecia que não o via há anos...

Pulei em seus braços dele e ficamos abraçados. Quando nos olhamos por alguns segundos, nossa felicidade ficou evidente. Pela primeira vez, Natasha percebeu o que estava acontecendo entre nós e comemorou:

— Poxa, nenhum dos dois ficou tão alegre quando eu voltei! — brincou. — Mas fico feliz que seja assim.

Olhei para ela e a abracei. Não precisei dizer nada, ela sabia que o que viu era a verdade, me conhecia o suficiente para saber que eu estava apaixonada.

Fomos para trás do palco, pois o gramado estava cada vez mais lotado. Dante e eu precisávamos nos separar para ele começar os preparativos do show. Antes de partir, ele sussurrou no meu ouvido:

— Quando tudo isso acabar, vamos continuar de onde paramos.

Eu queria beijá-lo ali mesmo, mas o nosso primeiro beijo tinha que ser especial e não corrido, por isso me contive.

Às 17 horas estávamos nos bastidores e Ana mandou que eu reunisse a principal equipe do evento: a intercessão. O grupo se dirigiu para uma tenda atrás do palco e começaram as orações pelas vidas que ali estavam reunidas. Ana orou sozinha por um momento e depois subiu no palco, começando a conduzir o show. Eu estava checando tudo ao mesmo tempo: espiei o público e não dava mais para contar, o gramado estava coberto e não se via mais a grama onde as pessoas estavam. A banda de Dante já era conhecida pelos jovens no meio cristão e quando Ana os anunciou houve uma chuva de aplausos. Assobiei empolgada, como uma fã de carteirinha. Procurei não me distrair muito, mas a certa hora já não via mais nada, só Dante cantando, iluminado. Muitos o acompanhavam na plateia, ele tocou músicas próprias e outras de algumas bandas estrangeiras que o inspiravam. Houve uma grande comoção nos louvores mais conhecidos. Em determinado momento, entre uma música e outra, os integrantes bebiam água quando Dante anunciou:

— Essa é uma música especial do nosso próximo CD, que eu fiz para alguém que mudou o curso da minha vida — ele falava da decisão de ficar ou não na Inglaterra e concluiu: — Angelina, *águas tranquilas do meu coração.*

Quase caí para trás com a pública declaração. Nos bastidores, todo mundo aplaudiu com surpresa me olhando. Fiquei imediatamente vermelha como um tomate. Ana me olhava rindo e deu uma piscadinha aprovando. Ele começou a tocar e a plateia curtiu, silenciosa. Pensei que iria morrer de emoção, queria congelar aquele momento da minha vida.

Quando eles encerraram o show, descemos para ouvir a pregação de Ana e eu conduzi todos os colaboradores para que ficássemos juntos, sentados no espaço reservado para nós no gramado. Procurava Dante, mas não o encontrava, ele saíra do palco com os meninos, direto

para se trocar. Logo que Ana começou a falar, senti que ele passava os braços no meu pescoço, sentando-se atrás de mim. Eu não tinha palavras pra agradecer o que ele tinha feito.

Prestamos atenção na Palavra e Ana estava especialmente inspirada naquele momento. E ela foi clara e objetiva ao falar do amor do Pai, algo que ela experimentava tão bem. Houve alguns testemunhos tremendos no palco, causando lágrimas na multidão e em nós. Muitas pessoas receberam Jesus naquele dia e nós íamos a todos para abraçá-los e orar com eles, convidando-os para nossas reuniões. No final do evento, foi trabalhoso juntar todos que nos ajudaram para agradecer-lhes.

Dante se retirou para guardar os instrumentos e ajudar a desmontar o palco. Combinamos de nos encontrar mais tarde, na república.

Ana veio até mim e, agradecida, me abraçou. Aliás, ela fez isso com todos que ajudaram.

— Foi um prazer muito grande trabalhar para o Pai com você, Angelina.

— Conhecer *você* que foi um prazer Ana, você foi um anjo na minha vida... — declarei eu com lágrima nos olhos, sabendo que ela logo partiria.

— Quero te pedir uma coisa... — solicitou ela, afagando meu rosto.

— O quê? — perguntei, chorosa.

— Continue isso! — afirmou ela.

— O quê? Eu? Como? Eu não sei fazer isso como você... — rebati, desesperada.

— Não é isso que estou pedindo. Não faça como eu, faça como você faria e vai dar certo. Somente ame essas pessoas e peça ajuda, se precisar. Deixe que todos participem com suas habilidades, vocês são uma igreja agora, devem apoiar uns aos outros. Tudo isso só valerá a pena se vocês permanecerem unidos.

— Vou tentar! — prometi amedrontada, porém decidida.

A família de Raimunda estava feliz da vida com o que havia faturado e eu também por ter colaborado de alguma forma. Carla queria fazer um curso de auxiliar de enfermagem há tempos, e agora já tinha o dinheiro.

Depois de ajudar a desarmar as barracas, eu estava exausta. Passei os olhos ao redor e vi que o palco já estava desarmado, mas não vi Dante por ali. Resolvi ir na frente para a república para tomar um banho. Feito isso, fui para o quarto me arrumar enquanto ainda estava só. Assim que acabei de me vestir, Michele entrou no quarto dizendo que iria se arrumar também pois algumas pessoas que trabalharam no evento tinham decido fazer um lual só nosso no lago, para comemorar. Achei a ideia ótima. Michele partiu para o banheiro e quando voltou eu ainda estava no quarto, aguardando Dante. Ela se aprontou e resolvemos descer para esperar lá embaixo. Quando abrimos a porta, Dante já estava quase batendo nela. Sorri e ele pediu para entrar e pegar um casaco dele que tinha ficado lá. Michele nos olhou, sorrateira, e preferiu nos aguardar lá embaixo. Para que servem as amigas...

Entramos e eu fechei a porta. Enquanto ele pegava o que queria, me sentei na cama para esperar. Não sabia o que fazer, então resolvi puxar conversa.

— Você esteve ótimo no show — elogiei.

Ele continuou mexendo nas coisas e me deu um sorriso rápido, meio envergonhado. Depois se sentou ao meu lado, olhando para o chão.

— E... o que você achou?— perguntou ele, parando para me olhar.

— De quê? — perguntei, só para confirmar.

— Do que eu fiz... pra você — concluiu ele, referindo-se à minha música.

— Só acho que não mereço tudo isso... — falei, baixando os olhos.

— Por quê? O que a faz pensar que não merece?

As lágrimas encheram meus olhos.

— Você é muito... especial, Dante. Eu sei que qualquer mulher desse show daria tudo pra ter você. Eu nunca conheci ninguém tão... digno, focado, amável... são tantas qualidades que nem posso descrever. Eu só acho que você merece alguém... *melhor* do que eu, sabe?

— Como alguém poderia ser melhor pra mim do que você, Angelina? — ele colocou a mão no meu rosto virando-o para ele e chegou bem perto. — Eu só tenho me sentido feliz quando sei que vou te ver, eu sonho com você, eu componho pensando em você, eu tenho orado por isso e já sei a resposta.

Olhei para ele, desacreditada. Tudo parecia maravilhoso. Olhar a sinceridade em seus olhos era como ter a confirmação completa do meu desejo atendido. Eu queria muito poder ser *só* dele em *todos* os sentidos, mas havia erros que eu não poderia corrigir, e ele não merecia isso. Merecia a exclusividade de quem o amasse. Eu me sentia como se.... O tivesse traído, mesmo sabendo que não nos amávamos dessa maneira quando tudo aconteceu com Rico. Eu devia tê-lo esperado, eu queria pedir perdão a ele, mas soaria ridículo. Pelo menos eu precisava saber se ele, sendo cristão, conviveria bem com isso. Ele já havia me dito que tinha se guardado para a pessoa certa. Ele sabia que eu não era mais virgem, mas eu já o amava muito a essa altura e mesmo sabendo que ele merecia mais, se ele me quisesse mesmo assim, eu seria dele para sempre, fazendo tudo certo dessa vez. Então, olhei para ele novamente esperançosa e antes de permitir que o que mais desejávamos acontecesse arrisquei, esperando ouvir dele o que queria:

— Eu só acho que você deveria escolher alguém que pudesse... *ser só sua*!

Ele me olhou, confuso, e recuou com um semblante estranho. Tentei interpretar suas feições, mas fomos interrompidos por um barulho desordenado de buzina e alguém gritando meu nome. Corremos para a janela e vimos que era Rico, totalmente fora de si, como eu nunca o vira antes. O barulho chamava a atenção de todos, o que só fez a minha raiva aumentar. Desci correndo para acabar com aquela balburdia.

Marchei pela republica e vi Michele e Murilo encostados no meu carro guardando algumas coisas. Outras pessoas olhavam, perplexas aquela cena deplorável. Fui andando em direção a Rico e Dante me seguia. Com medo de haver uma briga desnecessária, pedi a Dante que me aguardasse junto com Michele e Murilo, que eu despacharia o desordeiro. Com o bom senso de sempre, ele consentiu, mas ficou A espreita caso eu precisasse.

Cheguei perto de Rico e pude sentiu o cheiro de álcool. Irritada, rosnei:

— O que significa isso?

— Eu quero falar com você, meu anjo — falou ele arrastando a voz, embriagado.

— Já lhe disse que não temos nada pra conversar! Fale baixo, está assustando a todos e eu não sou surda.

— Todos sabem que eu te amo, isso não é mais segredo por aqui...

Ele ria e se aproximava, tentando me abraçar. Desviei, segurando-lhe o braço para ele não cair.

— Você tem que ir pra casa Rico, chamarei alguém pra te levar...

— Não! — protestou ele — Não antes de conversarmos. Só vou embora se você me levar, entre no carro comigo, minhas pernas estão bambas...

Ele parecia tonto. Eu estava humilhada com aquela situação e achei melhor entrar no carro para convencê-lo a acabar com aquilo. Levei-o até a porta do motorista e coloquei-o para dentro. Dei a volta e Dante desencostou do meu carro em estado de alerta, fiz sinal de *calma* com a mão e entrei no banco do carona. Coloquei as mãos no rosto para tentar me acalmar e achar as palavras para fazê-lo entender que precisava ir. Foi então que ouvi o barulho da trava. Tirei as mãos do rosto rapidamente e vi que ele ligava o carro. Gritei para que ele desligasse, mas ele me ignorou e começou a dar ré. Parecia muito mais sóbrio e sério do que até então. Meus amigos

notaram que se tratava de algum tipo de sequestro idiota e Dante entrou imediatamente no meu carro, com Michele atrás e Murilo no carona. Rico partiu cantando pneu, seguindo para a estrada principal fora do campus. Dante dirigia logo atrás de nós.

— O que está fazendo? Ficou doido? Você está bêbado, não pode dirigir assim!

Eu estava em pânico com a frieza dele e seu olhar sombrio na estrada.

Olhei para trás, vi Dante segurando o celular e me mostrando, enquanto Murilo e Michele me olhavam assustados. Mexi na minha calça e peguei meu celular no bolso no exato momento em que tocou. Atendi e era Dante.

— Angelina, o que está havendo? Por que entrou no carro? Você quis ir com ele? — questionou ele, inquieto.

— Claro que não! Esse idiota me raptou, chame a polícia, solicite uma blitz no meio do caminho...

Nesse momento Rico arrancou o celular da minha mão e jogou pela janela.

— Não adianta tentar me substituir pelo primeiro idiota que apareceu, Angelina. Eu sei que é a mim que você ama! — gritou Rico, com os olhos cerrados. — Por que não acredita que eu posso mudar por você? Não acha que já me ignorou o suficiente? Entendo que você precisava desse tempo, mas hoje vou fazer você entender que ainda nos amamos.

— Acha que desse jeito eu vou acreditar? Além de traidor, você agora pirou de vez?

— Vou te levar na casa dela, ela está lá, ela mesma vai te dizer o que eu disse a ela sobre você...

Entendi que ele se referia à Amália e respondi:

— Isso é patético e não tem mais a menor importância porque *eu não te amo mais*! — gritei de volta.

Olhei novamente para trás para tentar descobrir se Dante havia conseguido chamar a polícia, porém me deparei com uma expressão apavorada de todos no meu carro. Quando me virei, Rico ultrapassava um caminhão enquanto outro carro vinha na mão contrária. Ele jogou o carro para fora da pista sem diminuir a velocidade e eu tapei o rosto, desesperada.

CAPÍTULO XI
O ESPERADO

Uma luz muito forte me cegou quando tentei abrir os olhos. Depois de alguns instantes, pude sentir minhas costas geladas. Estava especialmente silencioso ali. Quando finalmente acordei estava em um lugar muito nebuloso, o chão estava cheio de limo e havia nuvens ao meu redor dificultando a visão do local. Eu sabia que era o parque, mas sabia que seria difícil andar nele daquele jeito. O céu estava completamente cinza e me levantei tremendo de frio. Olhei à volta e procurava alguma coisa, mas novamente não me lembrava o quê. Comecei a caminhar lentamente, às vezes me perdia no meio das nuvens, tinha a sensação de que não estava indo a lugar nenhum.

Andei um bom tempo, vagando e tentando enxergar qualquer ponto de referência quando

enfim meu pé esbarrou em algo. Avistei a faca do meu sonho anterior, de repente, me lembrei do que procurava: o menino!

Peguei a faca e comecei a andar assustada, caminhava cada vez mais rápido para encontrá-lo, temia que estivesse machucado ou em perigo. Já sabia que ele não era meu filho, mas ainda assim nossa ligação era muito forte. Raciocinei que se ali estava a faca, a escada estava a poucos metros de mim. Caminhei devagar seguindo minha memória visual e encontrei a escada logo à minha frente.

Havia dois homens em pé, a névoa que ali pairava deixava um buraco vazio em torno da escada e ali todos nos víamos com perfeição. Na bandeja, havia uma pequena semente, eu não fazia ideia do que significava, mas acreditei que poderia representar o recomeço que eu tanto desejava. Talvez, possuindo-a, eu nunca mais sofresse; talvez toda a dor, toda a culpa fosse deixada para trás, assim como toda a amargura que me impedia de ser feliz de novo. Eu desejava esquecer todo aquele sofrimento que vivi e parar de sentir raiva de mim por tê-lo permitido. Uma pontada de esperança flechou meu coração abatido, fazia muito tempo que eu queria ser feliz de novo. Tempo demais, aliás.

Com um movimento quase involuntário, minha mão começou a se mover na direção da semente enquanto meus olhos estavam fixos nela e a cada centímetro que eu me aproximava, minha esperança era renovada. De repente, fui distraída por um pequeno barulho à minha direita. Senti que alguém se aproximava, mas a névoa não me permitia ver. Por entre as nuvens que me cercavam vi sair a imagem do menino que procurava. Ele caminhava sério na minha direção, eu estava muito feliz por vê-lo bem, mas ele não mudava sua expressão preocupada.

Chegando perto de mim, ele tocou minha mão que estava a centímetros da semente e a conteve, trazendo-a de volta para mim. A expressão do homem que segurava a bandeja, antes indiferente, se tornara raivosa em segundos. Percebi claramente que ele se abalou com o meu recuo. Suas mãos começaram a tremer com a bandeja e eu olhei assustada para o menino, que permanecia calmo e se ajoelhou, inclinando a cabeça como se estivesse pronto a orar. Olhei para o homem e ele tremia cada vez mais. Eu sabia o que estava por vir...

Pude ver que a boca do menino se movia, ele realmente estava falando com alguém. Ajoelhei e resolvi fazer o mesmo. Talvez, se eu não tocasse na semente não houvesse nenhuma transformação. Não consegui orar a princípio e espiei o homem, que começara a se transformar. Fechei os olhos o mais forte que pude e segurei na mão do menino, que apertou a minha. Só consegui dizer:

— Senhor, nos ajude!

Dito isso, houve um repentino silêncio, achei que minha prece havia sido atendida. Abri os olhos devagar e vi que a centímetros do meu rosto havia uma enorme serpente me fitando, pronta para dar o bote. Estarrecida, não me mexi. Queria olhar para o menino, mas tinha medo de me mover. Percebi um movimento ao meu lado quando o menino calmamente se levantou. Eu ainda era o foco da atenção da serpente. Observei-o com os olhos enquanto ele passou para detrás dela e a mesma começou a abaixar a cabeça., Fiquei com medo que ela o atacasse, mas ele não estava com medo. Ao contrário, a olhava com autoridade. Ela se abaixou e se virou até perto dos pés dele, submissa. Ele olhou para o céu por alguns instantes e, num movimento brusco e preciso, pisou na cabeça da serpente, deixando-a parada sob seus pés. Ela não reagiu. Ele segurou minha mão e eu me coloquei de pé, assombrada com tudo aquilo. Depois, o menino voltou-se para a serpente retirando o pé da cabeça dela. Temi por ele, mas a serpente imediatamente correu para a floresta sem pestanejar.

Enquanto eu, pasma, a olhava a fugir, ele pegou a bandeja do chão e a virou na minha direção. Para minha surpresa, meu vestido era branco novamente. As nuvens começaram a se

mover na direção da floresta, passando por nós e nos deixando sem ver nada por alguns segundos. O céu se tornava cada vez mais claro e azul. Quando, enfim, as nuvens terminaram de passar por nós, procurei meu pequeno e bravo companheiro. Constatei que ali, livre da névoa finalmente, estava Dante, segurando a bandeja. A felicidade tomou conta de mim ao reconhecê-lo. Ele largou a bandeja no chão e me olhando docemente me chamou: *Angelina*!

Eu queria ir até ele, mas alguma força me deteve, eu não conseguia me mover com agilidade suficiente para atender a sua voz. Dante continuava a me chamar várias vezes, sua voz enfim me atraiu até ele...

Quando abri os olhos tudo estava nublado de novo. Eu ainda ouvia meu nome e demorei alguns segundos até conseguir definir as formas com perfeição, O rosto de Dante foi a primeira coisa que reconheci e achei que ainda estava sonhando. Identifiquei que eu estava em um quarto de hospital, olhei para o seu lindo rosto e tentava falar com dificuldade, mas ele reteve minha boca com a mão.

Lembrei-me do sonho e de como tudo parecia se encaixar agora: o menino era ele. Ele aparecia como criança no sonho porque era assim que a sua alma era: pura como a de uma criança. Ele era o amigo que estava me ensinado o caminho de andar com Deus. Foi ele que me retirou do meu profundo desespero no primeiro sonho em que esteve comigo, assim como na vida real ele me ajudou. Talvez fosse a *confirmação* que eu tanto esperava de Deus.

— Que bom te ver acordada... — disse ele, sorrindo com a mão no meu rosto. — Você me deu um susto danado, mas está bem agora.

Eu ainda estava confusa.

— Você sofreu um acidente com o Rico, bateram de carro num muro quando saíram da estrada — comecei a me lembrar vagamente do episódio, arregalei os olhos me voltando para Dante e exclamei:

— O Rico!

— Ele esta bem, fique calma — falou ele, recuando um pouco. — Saiu de lá ainda consciente, mas quebrou o braço. Você bateu a cabeça e ficou desacordada, aparentemente não quebrou nada, mas tomou pontos na testa e está com o joelho inchado, terá que ficar mais um pouco para fazer uns exames de rotina. — Tentei sentar, porém mais uma vez ele me deteve. — Fique quietinha, vou chamar seus pais, eles estão loucos pra te ver acordada.

Meu coração disparou com a hipótese de falar com eles e arregalei meus olhos com pavor para Dante. A essa altura, eles já sabiam de tudo e eu teria muito que explicar. Dante entendeu minha preocupação e me acalmou, antes que eu falasse.

— Eles não sabem de nada, dissemos que foi um acidente e que Rico é nosso amigo. Você não precisa explicar nada agora, só quando quiser.

Aliviada, agradeci e pedi que ele não demorasse.

Minutos depois meus pais entraram e pela cara vi que minha mãe tinha chorado.

— Eu estou bem mãe, fique tranquila!

Ela me abraçou me ignorando e tornou a chorar. Depois me beijou inúmeras vezes. Meu pai nos abraçou e falou:

— Não sei se aguento mais um susto desses, é melhor você voltar pra casa — falou sorrindo e me beijando na testa.

— Podia ter sido pior, mas eu sobrevivi. Sou de ferro, viu? — falei, tentando acalmá-los.

Conversamos um pouco para esfriar os ânimos, depois me explicaram como tudo aconteceu, segundo o que eles sabiam. Resolveram ir conversar com o médico para saber quais seriam os próximos procedimentos. Quando eles iam saindo, Dante entrou, alegrando meu universo.

— Angelina... Tem alguém querendo falar com você... — disse ele, visivelmente contrariado. — Acho que deveria recebê-lo, ele está muito mal com tudo que aconteceu.

Presumi que ele falava de Rico, resolvi escutá-lo para encerrar de vez a confusão.

— Pode chamá-lo, mas... fique por perto — pedi.

Rico entrou, acanhado e com o braço engessado. Estava muito abatido e tinha um embrulho na mão.

— Oi — disse ele, mordendo os lábios.

— Oi.

— Você... está bem, agora?

— Sim, anjos não morrem — falei com um sorriso rápido. Ele abaixou a cabeça e fechou os olhos.

— Angelina, me perdoe! Eu nunca quis te machucar, mas parece que é só o que eu faço... — Levantei as sobrancelhas, concordando. — Eu só queria... apagar todas as besteiras que fiz com você...

— Eu sei como se sente — falei, para surpresa dele. — Eu queria apagar muita coisa também, mas não dá. Queria... te pedir desculpas, Rico...

Ele me olhou, atordoado.

— Desculpas pelo quê? Você nunca fez nada! — exclamou ele. — Eu é que sou o vilão aqui.

— Não existe vilão aqui, Rico. O pior vilão é o que está dentro de nós. Você tem os seus erros, mas quem não os tem? Eu fui... injusta quando o acusei de ter sugado o meu mundo porque fui eu que permiti, ninguém faz nada conosco sem a nossa permissão. Eu me afastei de todos porque quis, e me entreguei a você por que quis. Não sou um boneco sem reação e poder de decisão, e você nunca me forçou a nada, a não ser a sair com você naquele carro... — fiz uma pausa, vendo que a lembrança o feria.

— Mas eu fui... um canalha com você!

— Mas eu quis correr o risco, não foi? Eu sabia das suas fraquezas e das minhas quando voltamos... O que quero dizer é que retirei essa culpa de você, simplesmente porque não é verdade. Cada escolha tem uma consequência, e eu tive as minhas por não consultar Deus sobre elas.

— Como pode ser tão... generosa comigo? — Ele suspirou e continuou. — Eu sei como, é isso não é? — disse ele, levantando o pacote e abrindo. Vi que era uma Bíblia rosa, igual à que eu havia deixado cair no lago. — É isso que te faz ser assim tão... diferente. Eu comprei outra pra você, sei que perdeu a sua. — Houve uma pausa enquanto ele a olhava. — Você deve continuar a lê-la, Angelina, isso faz de você cada vez mais a pessoa que eu amo. Sei que eu não entendo nada disso, mas sei que te faz bem. Eu te vejo crescendo e ajudando tanta gente na faculdade... eu te admiro, e sei que tem algo a ver com isso — concluiu ele, balançando de novo a Bíblia.

Olhei pra ele, compadecida, e após fitá-lo por algum tempo falei:

— Fique com ela, Rico, você precisa dela mais do que eu agora, eu já achei meu caminho. Estou bem e desejo isso pra você também, vai encontrar aí mais do que eu jamais poderia lhe oferecer. Eu realmente quero que você seja feliz.

Ele se aproximou da cama, confuso. Sentou-se ao meu lado, passando a mão na minha cabeça e me olhando nos olhos, perguntou:

— Se eu fizer isso, ainda terei uma chance com você, meu anjo?

— Meu futuro pertence a Deus, Alderico. Você vai aprender isso aí, d'Ele é a resposta. Somente...O conheça...

Ele me beijou no rosto e pousou o dele no meu por um instante. Fui tomada por uma forte

emoção e lágrimas escaparam dos meus olhos. Eu queria abraçá-lo, mas estava com dores pelo corpo e por isso não me movi. Ele se levantou e mirou a Bíblia, me olhou com um sorriso triste, e então se foi.

Em seguida, meus pais e o médico entraram para me analisar. Comecei a sentir dores no corpo e o médico achou melhor eu descansar mais um pouco. Perguntei pelo Dante e minha mãe disse que não sabia onde ele estava. Dormi esperando ele aparecer de novo.

Acordei na manhã seguinte me sentindo bem melhor, minha mãe dormia na cama de acompanhante do quarto e vi pela janela que o sol brilhava. Sentei com calma na cama e procurei um interfone para chamar a enfermeira pois estava com sede. Na mesinha ao lado da minha cama, avistei um telefone e um envelope, onde estava escrito: "para Angelina". Estranhei e peguei a carta para ler,antes que minha mãe acordasse, caso fosse do Rico. Abri rapidamente e li:

Espoleta,

Desculpe não poder me despedir, mas a minha turnê foi antecipada. Quando voltei ontem para falar com você soube que estava dormindo, por isso resolvi escrever essa carta. Tenho a sensação de que deixarei alguma parte de mim aqui. Não sei o que aconteceu entre nós e receio que tenha me enganado um pouco. Não quero estragar nossa amizade, pois conhecer você melhor foi algo que não será fácil de esquecer. De qualquer forma, teremos seis meses para tocar nossas vidas. Voltarei no meio do ano e espero vê-la bem e linda, como sempre. Desculpe se me precipitei em relação a nós, espero que isso não estrague nada entre a gente no futuro. Nunca pense que você não merece o amor de alguém, mesmo que você não possa retribuí-lo da mesma forma. Não me arrependo de ter me apaixonado por você e agradeço a sua sinceridade em relação ao que sente por mim. Isso só mostra o quão digna do meu amor você é. Não se preocupe comigo, ficarei bem.

Fique com Deus. Dante.

Despenquei num buraco fundo na velocidade da luz. Tudo ficou preto e senti que meu coração iria parar. Como ele podia pensar que eu não o amava, depois de tudo? Como pode partir sem falar comigo? Fiquei pensando e tentando entender o que havia acontecido, enquanto minha mente era tomada por lembranças velhas conhecidas.

Lembrei da nossa última conversa, e de como fomos interrompidos enquanto eu dizia que ele merecia alguém que "fosse só sua"! Só podia ser isso, ele deve ter pensado que eu ainda amava Rico e não podia ser *só* dele! Minha mãe acordou com meus soluços e correu para me socorrer, pensando que eu estava com dor. Atordoada, contei-lhe toda a verdade, que ela ouviu o tempo todo calada. Quando terminei, olhei para ela, chorosa e esperando ouvir tudo que merecia, mas surpreendentemente o que ouvi foi:

— É uma pena, querida, uma pena que não me procurou antes pra te ajudar. Dante é um menino maravilhoso e é lógico que eu aprovo esse namoro. Mas esse... Alderico, foi só uma cilada pra você. Recupere essa carinha, nada está perdido ainda, vocês estão vivos! Vamos dar um jeito nisso.

Completamente apalermada, perguntei:

— Mãe, você me ouviu direito? Eu não sou mais virgem!

— Ouvi sim, minha filha, e sinto muito que você tenha que conviver com isso. Agora, você já é adulta. Isso será um problema seu e do homem que for se casar com você, espero que ele te ame assim como você é. Por agora, só desejo que você pense melhor daqui pra frente antes de agir.

Fiquei abismada com aquele tranquilo discurso. *Quando ela ficou tão moderninha?*

— Você vai contar pro papai? — perguntei, receosa.

— Conte você se, quiser. A vida é sua e você que sabe com quem deve compartilhá-la.

Abracei minha mãe com cumplicidade e fiquei aliviada por derrubar tantas barreiras entre nós.

Saí do hospital no mesmo dia e soube que Natasha partira na noite anterior com o grupo de Ana. Fiquei triste por ter perdido tantas despedidas importantes. Passei as férias em Petrópolis e, de vez em quando, buscava shows de Dante na internet. Não houve um só dia em que não pensei nele. Eu sabia que a oportunidade de esclarecermos aquele equívoco entre nós iria chegar, mas não queria fazê-lo por telefone. Pela primeira vez venci minha ansiedade, confiei que se aquela união fosse da vontade de Deus, ambos iríamos esperar. Dediquei-me muito a ler a Bíblia e a orar, isso me ajudou a controlar minha saudade. Aguardei aqueles seis meses em contagem regressiva, procurei me dedicar às pessoas que havia conhecido no show, me encontrando com elas uma vez por semana para estudo da Palavra. Michele era minha companhia constante e aguardava ansiosa a volta de Murilo. Através dela, eu sempre tinha notícias de Dante. Minha música já tocava nas rádios, Murilo mandou um CD de presente pra Michele e Dante mandou um para mim com os dizeres: "para minha musa". Foi o único contato que fez desde então.

Esse CD era minha companhia mais constante no carro. Em março, soube que em maio Natasha iria se casar com Thiago e fiquei feliz por dois motivos:

1- Natasha estava feliz e iria se casar;

2- Dante viria para o casamento e iríamos nos ver mais cedo.

Eu aguardava, ansiosa, pelo meu promissor outono...

CAPÍTULO XII
DUAS OPÇÕES

O casamento de Natasha estava extraordinariamente lindo. O pai dela alugou uma fazenda e fez uma decoração ao ar livre com luzes e flores por todo lado. Minha amiga estava radiante, e eu estava feliz como madrinha dela. Tinha mandado fazer um vestido especial para a ocasião com uma costureira do meu pai. Eu queria estar perfeita para o meu reencontro com Dante. Enquanto todos se posicionavam, meus olhos varriam minuciosamente o local à procura *dele*. Os convidados já estavam sentados e o altar perfeitamente arrumado numa tenda branca coberta de lírios. Eu estava na fila de padrinhos, esperando impaciente por meu acompanhante especial. Havia uma grande movimentação ao meu redor, pude ver à distância Michele beijando Murilo e ambos se sentando com os convidados para a cerimônia. Meu coração acelerou... Ele já devia estar ali. Antes que eu me voltasse para a fila, alguém segurou meu braço e falou:

— Vê se não tropeça no caminho, Espoleta.

Era ele, o alvo do meu amor. Abracei-o afobada, sem pensar em me amarrotar. Ele retribuiu o meu abraço e sentimos a respiração ofegante um do outro. Olhei para ele e falei, com os olhos cheios d'água:

— Temos muito o que conversar...

— Eu sei — disse ele, sorrindo. — Não vai faltar oportunidade. — concluiu ele, se colocando na posição, pois a música da nossa entrada havia começado.

Contive minha ansiedade mais uma vez, eu estava ficando craque nisso: ter domínio próprio.

Eu e Dante entramos juntos na igreja, o que me levou a ter certos pensamentos matrimoniais sobre nós. Ele estava deslumbrante com aquele terno preto contrastando com a sua pele branca e perfeita. Seu cabelo estava perfeitamente arrumado e seus olhos da cor do céu brilhavam de felicidade. Se ficasse perto dele, o noivo se apagaria.

Durante a cerimônia eu chorei várias vezes, claro. Principalmente quando Dante tocou uma música em homenagem à irmã. Até Michele, que era mais durona, soltou umas discretas lágrimas nessa hora.

Ana também estava presente como madrinha, era a primeira vez que eu a via de vestido e estava encantadora. Fiquei animada ao rever tantos amigos amados de uma só vez, havia tanto o que dizer e... comemorar.

Ao final da cerimônia, todos seguimos para o baile à luz da lua. A banda de Dante iria tocar, o que garantia a animação da festa — e mais espera para o meu pobre coração. Tiramos muitas fotos, eu e Natasha ficamos muito grudadas, eu já estava com saudade daquela minha amiga querida, que continuaria suas viagem com o *marido*. Michele e Murilo dançaram a noite toda, e às vezes eu ficava com eles. A certa hora da noite, eu já estava descalça. Cansada, resolvi dar uma volta me afastando um pouco da multidão para contemplar o céu daquele lugar, que era tão longe de tudo que as estrelas pareciam ser mais brilhantes por ali. A lua estava enorme, era o cenário perfeito para um casamento. Pensei que, se um dia eu me casasse, gostaria que fosse assim. Estava entretida em meus pensamentos quando fui interrompida:

— Está uma noite linda, não? — Quando me virei, vi Dante atrás de mim, com um copo de água na mão.

— É verdade — respondi, tensa. — Já acabou de tocar?

— Demos uma pausa — disse ele, se aproximando.

— Está tudo tão... perfeito. — Falei, olhando novamente a lua. Nessa hora, ele já estava ao meu lado, olhando também.

— Não sabe como senti sua falta — disse ele, fazendo minhas as suas palavras.

Começou a tocar a minha música e ouvimos os aplausos aos noivos, que inauguravam a pista juntos. Olhei para Dante e vi que ele se abaixava para colocar o copo no chão.

— Me permite? — perguntou ele, estendendo os braços e me convidando para dançar. Sorri sorrateira e respondi: — Claro.

Começamos a dançar e eu me aninhei nos ombros dele.

— Tudo está perfeito, agora — falei, com os olhos fechados.

— Você está perfeita — sussurrou ele no meu ouvido.

Levantei a cabeça para encará-lo. Finalmente ele iria se declarar e eu poderia explicar tudo... Meu olhos miravam os dele, ansiando por isso. Vi que os dele também queriam algo mais, mas alguma coisa o continha enquanto dançávamos.

— Você cresceu muito, Espoleta... Por dentro, você é outra pessoa agora, uma pessoa maravilhosa. Fico feliz de ter acompanhado isso no fim do ano passado. Sei que Deus viu sua mudança e vai te compensar com uma vida maravilhosa.

Meu coração batia descompassado ao ouvir essas palavras. Eu não via a hora de poder falar também, mas esperei que ele terminasse.

— Quando começamos a agradar a Deus, ele trabalha a nosso favor... — ele fez uma pausa e mordeu os lábios, tentando continuar. — Lembra daquele versículo, que diz: *"Agrada-te do Senhor e ele satisfará o desejo do seu coração"*? Eu estava ansiosa para que ele concluísse logo e se declarasse para eu poder manifestar meus sentimentos. De repente, ele parou de dançar e olhou para alguém atrás de mim, indicando com os olhos para que eu também olhasse. Contrariada, me virei e vi que ali estava Rico, parado, nos observando. Seus cabelos haviam

crescido e ele estava mais homem, mas ainda um dos mais lindos que já vi. Estava de terno também e com uma rosa na mão. Olhei para Dante, sem entender nada, e ele disse:

— Sei que esse é o desejo que você esperava ser atendido. Confie em mim, ele mudou. — Dito isso, Dante saiu andando e cumprimentou Rico, batendo na mão dele como se fossem velhos amigos.

Fiquei olhando-o partir, estarrecida, e depois vi Rico se aproximar de mim me oferecendo a rosa. Peguei-a, ainda confusa.

— Posso? — perguntou ele, querendo continuar a dança.

Estava atordoada. Fazia tanto tempo! Como ele poderia estar ali?

— O que faz aqui? — perguntei.

— É uma longa história, mas que valeu a pena. — Ele suspirou lentamente, olhou para o casamento e voltando os olhos para mim, continuou: — Mas vou resumir pra você. Quando te visitei no hospital, eu estava muito abalado. Depois que saí do seu quarto sentei no corredor e não conseguia conter as lágrimas, me culpava pelo que aconteceu e estava desesperado por ter te perdido para sempre. Dante se sentou ao meu lado e colocou a mão no meu ombro em solidariedade, dizendo que não havia sido minha intenção que o acidente acontecesse. Fiquei impressionado com aquela atitude, ele deveria me odiar pelo que fiz, mas não foi isso que ele fez. Senti que podia confiar nele e abri meu coração. Trocamos telefone e desde então conversamos várias vezes para estudar a Bíblia. Às vezes, eu ia até o show deles, mas conversávamos muito mesmo pela internet ou pelo telefone e eu me converti através dele. Eu perguntava notícias suas, mas ele não sabia de nada e eu não me sentia no direito de me aproximar. Dante me acompanhou nesse tempo de mudança, ele sabia do meu amor por você e me encorajou a procurá-la. Ele me convidou para o casamento e agora estou aqui, diante de você, pra dizer que ainda te amo, que nunca deixei de te amar, e oro todo dia esperando que você me perdoe e, se ainda puder, que me dê outra chance.

Fiquei impactada com todas aquelas informações. Como Dante fizera tudo aquilo sem que eu soubesse? Ele era mais... digno e generoso do que eu sequer poderia imaginar. Por isso, nunca tinha me procurado: além de acreditar que eu amava Rico, estava sendo leal a ele.

Olhei para Rico, compadecida de seus sentimentos. Pensei em quanto eu já o havia amado, em tudo que tinha feito por ele e não pelo Dante. Olhei nos olhos dele e tive certeza do que dizer:

— Eu também te amo, Rico, amo o que você fez por mim, você foi o instrumento que Deus usou para me transformar no que sou hoje. Mesmo sem saber, você foi uma benção. Amo o jeito que você mudou por mim, mas sei que o maior beneficiado foi você mesmo e fico feliz por isso. Já te perdoei há muito tempo e posso dizer que amo você como irmão em Cristo, agora. — Houve uma pausa enquanto eu olhava para o casamento. — Mas como homem... não o amo mais, sinto muito.

A última lágrima de esperança desceu do rosto dele.

— Eu sabia que podia esperar por isso — respondeu ele, baixando o olhar.

Eu sempre senti um desejo muito forte por Rico, difícil de controlar. Mas agora eu sabia que era só carne, meu coração já estava ocupado. Não queria deixá-lo só, mas eu precisava sair dali. Nesse momento, vi a pessoa perfeita passando por nós: Ana, e a chamei.

Deixei os dois a sós e pedi licença. Sabia que ela teria prazer em consolá-lo, e eu tinha algo muito importante a fazer, não podia esperar mais.

Saí correndo para a festa, procurando pelo Dante. Ninguém sabia onde ele estava e tive medo dele ter ido embora. Foi então que tive a ideia de procurá-lo no estacionamento, talvez ele ainda estivesse lá, partindo. Felizmente, ele estava, mas sentado sozinho no capô do carro do pai,

olhando as estrelas. Sem que ele percebesse, me aproximei e o surpreendi:

— Nunca mais me deixe no *meio* de uma dança.

Ele se virou e me olhou, perplexo com a minha presença. Notei que ele tinha chorado. Pulou do capô e veio em minha direção.

— Pensei que *ele* era o desejo do seu coração, a quem você pertencia unicamente — disse ele, unindo as sobrancelhas com as mãos no bolso. — Ele mudou por sua causa!

— Você não sabe *nada* sobre o que eu quero — afirmei, olhando séria para ele. — Meu sonho *ainda* não se realizou!

Andei até chegar bem perto e passei a mão suavemente pelo seu rosto. Ele segurou meu punho carinhosamente.

— Não sabe quanto tempo esperei por isso — falou ele, beijando minha mão.

Olhei em seus olhos, a centímetros do seu rosto, e olhando sua boca eu disse:

— Você me disse uma vez que Deus tinha *o melhor* pra mim.... Eu quero *o melhor*, eu quero você!

Dante afastou delicadamente da minha testa uma mecha do meu cabelo, segurou meu rosto e nossos lábios enfim se tocaram. Beijei-o com todo o meu amor. Ele correspondeu, ainda apreensivo, e aos poucos se entregou me trazendo para perto dele com um abraço apertado. Ficamos ali, apaixonados ao luar, para minha alegria eu estava em seus braços. As lágrimas desciam dos nossos rostos, mas agora eram de alegria. Senti que tudo estava em equilíbrio, no devido lugar. Sabia que tínhamos sido designados um ao outro. Ele não era a luz da minha vida, mas havia me ajudado a chegar até ela. Só havia um Senhor para mim agora: Jesus. Uma corda de três nós não se rompe facilmente e Jesus era o nosso terceiro nó, eu sabia que seria feliz dali para a frente contando com Ele. Eu só queria que Dante fosse a minha companhia nessa jornada porque ele era o meu grande amor! Eu estava completamente feliz ao lado dele, até que a morte nos separasse, ou Jesus nos levasse antes.

Enquanto Rico era puro fogo e turbulência, Dante era a perfeita paz e harmonia. Seu amor era doce e tranquilo, mas não sem desejo. Aliás, o controle do desejo em prol do seu amor por Deus em primeiro lugar era justamente o que me fazia admirar tanto a força dele como homem. Ele era respeitoso, mas eu podia ver que também me desejava. Havia expectativa em estar com ele, pois eu sabia que ele não cederia antes do tempo, e eu não pretendia provocá-lo levando-o a isso. Eu também amava Deus mais do que tudo agora, e finalmente, *eu* havia me perdoado.

A espera fora, em grande escala, o nosso maior prazer. Dante me permitia ser quem eu era sem querer me dominar, me incentivava a ir aos lugares, conhecer pessoas novas, cumprir meus compromissos, me incentivava a crescer, enfim. Sempre que ele viajava, eu morria de saudade, mas ele também me ensinou que saudade não era só sofrimento: podia ser uma coisa boa, a expectativa de um maravilhoso reencontro. Cada vez que ele voltava era como se fosse o dia mais feliz da minha vida. Passávamos o tempo todo juntos, a não ser que eu tivesse que estudar, ou que ele estivesse gravando. Ele me levava em todos os seus shows quando eu estava de férias e quando estávamos sozinhos ele cantava a minha música...

A paisagem dessa vez estava diferente, o medo que me acompanhara das últimas vezes havia me deixado, eu sabia em quem podia confiar. Caminhei até o mesmo destino de sempre, e ele estava lá, o último deles, com sua nefasta bandeja nas mãos. Aproximei-me com autoridade, sabia que esta não vinha de mim. Olhei em seus olhos e ele me analisava, sério. Na bandeja havia um bezerro de ouro, símbolo de adoração e riqueza que eu já conhecia bem, a palavra de Deus estava na minha mente agora. Lembrei de todas as escolhas ruins que fiz antes, de como fui

levada pelas minhas vontades, pelos desejos da minha carne e por tudo que meu olho cobiçava. Eu sabia que esse símbolo de riqueza e sucesso era algo que eu começava a desejar nos últimos tempos na minha profissão. O que ele não sabia... *é que eu queria muito mais agora*.

Com toda a minha força, dei um tapa por debaixo da bandeja fazendo o bezerro cair no chão. Preparada para lutar, esperei que o "anjo de branco" se transformasse em alguma fera para me devorar. Qual não foi a minha surpresa quando nada aconteceu e ele sorriu para mim! Sua luz começou a brilhar intensamente e pude ver que ele *realmente* era um anjo de Deus. Olhei para o bezerro no chão e o mesmo se transformara em uma espada de ouro. Fiquei parada, sem saber como agir. Nesse momento, todas as grandes feras anteriores saíram juntas de dentro da floresta, correndo e rosnando alucinadas na minha direção. Fiquei desesperada e pensei em correr, havia fúria nos olhos delas. O leão tinha olhos vermelhos e mostrava suas presas, o leopardo era o mais veloz e só o lobo quase o acompanhava, ambos vinham correndo e se empurrando para ver quem me pegava primeiro. O urso também mostrava os dentes e em seu pescoço vinha enrolada a serpente, pronta para dar o bote como antes. O dragão lançava suas chamas de fogo e suas passadas faziam o chão tremer em volta de mim. Olhei para o anjo e ele me retribuiu o olhar, depois olhou para a espada me indicando o que fazer. Olhei o objeto e me abaixei para pegá-la, ainda sem entender. Eu me posicionei na direção deles e segurei-a firme, com as duas mãos para a frente. Estava com medo, mas não iria mais fugir. Estendi minha espada o máximo que pude e fechei os olhos. Se aquele fosse o meu fim, eu não iria morrer sem lutar. De repente, ouvi um estrondo vindo de cima! O céu nublado e cinzento se abriu e eis que o anjo se abaixou em reverência; não consegui me abaixar, não conseguia me mexer vendo tamanha luz.

Do céu, o meu cavaleiro salvador surgiu com seu arco, agora eu sabia *quem* Ele era: o meu melhor amigo. As feras temeram diante dele, todas pararam ao avistar sua presença e se encolheram como se fossem gatinhos. Com um só tiro, ele atingiu todas elas de uma vez, que desapareceram como fumaça. Depois, com uma enorme cavalgada Ele se aproximou de mim, sua luz era tão forte que quase me cegou. Mas pude ouvi-Lo dizer: — *Leia*! E sua voz era como um trovão.

Ainda estava meio cega quando a luz foi se afastando, e Ele cavalgando de volta para os céus. Não, não era um sonho. Foi a maneira que Deus achou para falar comigo. Olhei para minha mão e vi que a espada se transformara em uma Bíblia. Abri imediatamente e li o único versículo que estava escrito naquela:

"Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a ***vida****, para que vivas, tu e a tua descendência." (Deuteronômio 30:19)*

Uma lágrima de gratidão desceu pelo meu rosto. Ele não desistira de mim. Mesmo depois de tantos pecados, Ele realmente me amava. Entendi que sempre foram anjos com as bandejas, eu não podia ver porque estava longe de Deus. Eles só se transformavam em demônios quando *eu* escolhia o pecado. Cada item que me foi oferecido representava um pecado meu. A maçã era a cobiça, o mel a vaidade, o vinho a minha luxúria, a fita a minha idolatria, a faca a minha ira, a semente que não toquei seria o meu orgulho ferido, que me impediria de perdoar.

As nuvens tinham ido embora e um grande sol se pôs naquele lugar. Olhei para o meu corpo e eu tinha oito anos novamente. Levantei o rosto para o céu, agradecida, e com as duas mãos mandei um beijinho para o meu Pai, como uma criança faria. Enfim, comecei a correr livre por aquele grande espaço que Deus me deu: *a minha vida*!

Aprendi que escolher o errado é sempre mais fácil, as coisas boas e permanentes nem sempre são as primeiras a aparecer. Se dependermos de Deus, não cometeremos os mesmos erros de quando somos independentes Dele. As escolhas são nossas... Rejeite a maldição e a benção te alcançará.

Fim

Livro continuação da série Despertares:
Entre a mente e o coração

Conheça as outras obras da autora:

Entre a mente e o coração
Tortura cor-de-rosa
A garota do outro lado da rua
Uma herança de amor – *Quando o fim pode ser o começo*
Uma herança de amor – *Armadilhas do destino*

www.lyciabarros.com.br

[1] Gíria que designa a fome aguda que atinge quem se encontra sob o efeito da cannabis sativa Termo usado sobretudo por jovens, também quando desejam um sanduíche para o lanche ou uma refeição substancialmente inferior a almoço ou jantar. (N. do R.).

[2] Nas mitologias fenícia e grega, Adônis era um jovem de grande beleza, que despertou o amor de Perséfone e Afrodite, tornando-se símbolo da vegetação que morre no inverno e regressa à Terra na primavera. Era uma divindade ctônia, que cumpre o ciclo da semente. Deus da vegetação eternamente jovem, ligado à vida, à morte e à ressurreição, estando associado ao calendário agrícola. Embora seja mais conhecido como divindade grega, Adônis teve sua origem na Síria. (N. do R.).